Abrir portas onde se erguem muros

Director: David Pontes **Sábado, 15 de Junho de 2024** • Ano XXXV • n.º 12.462 • Diário • Ed. Porto • Assinaturas 808 200 095 • **2€**

Cimeira da Ucrânia
Arranca nos Alpes suíços a grande escalada até à paz

Destaque, 4 a 6

França
As pedras e os campos de lavanda da Alta Provença

Fugas

ADRIANO MIRANDA

Público

Educação
Mais de 900 alunos nunca tiveram professor a uma disciplina neste ano lectivo

Veja correcção do exame de Português do 12.º ano

Professores com mais de 67 anos a dar aulas vão poder progredir na carreira

Pacote de medidas do Governo contém incentivos ao prolongamento do trabalho dos docentes que atingem a idade da reforma. Os que não estão no último escalão vão recuperar tempo congelado. Nos 163 agrupamentos onde a falta de aulas foi mais persistente, Estado vai pagar ordenado a professores reformados de Informática, Português, Geografia, Matemática e Física e Química. Sindicatos e directores de escolas elogiam algumas medidas, mas avisam que não vão chegar **Destaque, 8/9, Sociedade, 20 a 22 e Editorial**

Urgências
Mais grávidas da margem Sul do Tejo desviadas para Lisboa

Sociedade, 19

Futebol
Alemanha esmaga Escócia e convence no Euro 2024

Desporto, 52 a 55

Reportagem
"Uma caça ao tesouro" ao largo de Sines

Arqueólogos resgatam canhões e âncoras para criar parque subaquático **Local, 26 a 28**

Rock In Rio Lisboa
Vinte anos de um festival com "um toque de Disneylândia"

Cultura, 42/43

ISNN-0872-1556

Página dois

SEMANA SIM

João Cotrim de Figueiredo Com um resultado um pouco acima dos 9% nas eleições de domingo, o antigo líder da IL fez o partido dar um grande salto face às legislativas e tornou-se num dos vencedores claros das europeias.

António Costa O anterior chefe do Governo teve uma semana decisiva para o seu futuro europeu, em especial no que diz respeito aos apoios. Mas ainda há negócios a fazer em Bruxelas e começam já na segunda-feira.

SEMANA NÃO

Rishi Sunak Más notícias para o primeiro-ministro britânico: na sondagem mais recente, o Partido Conservador aparece, pela primeira vez, atrás do partido de Nigel Farage, de extrema-direita e anti-imigração.

Pedro Sánchez Na sequência dos resutados das europeias, o Presidente do Governo espanhol teve a vida ainda mais dficultada quando Yolanda Díaz, a líder da aliança Somar, que apoia o executivodo PSOE, anunciou a sua demissão.

Cristina Ferreira A empresa Amor Ponto, Lda., que a apresentadora detém com o pai, teve uma má notícia na terça-feira, ao ser condenada a pagar 3,5 milhões de euros à SIC, por quebra de contrato "abrupta e surpreendente" em 2020.

Papa Francisco Após ter pedido desculpa, há menos de um mês, o Papa repetiu o termo "bicha" para se referir a pessoas homossexuais. O preconceito (verbal) não fica nada bem ao Sumo Pontífice.

Por Sónia Sapage

INQUÉRITO PÚBLICO

NUNO FERREIRA SANTOS

António Costa "deve estar arrependido" de ter recusado reforma da justiça

Helena Pereira e David Santiago

Rui Rio Ex-líder do PSD pressiona Marcelo a promover reforma para acabar com "corporativismo e opacidade"

Os subscritores do Manifesto por Uma Reforma da Justiça em Defesa do Estado de Direito Democrático reúnem-se na segunda-feira na Culturgest, em Lisboa, para reflectir sobre o que fazer para continuar a pressionar os decisores políticos e influenciar a opinião pública. O ex-presidente social-democrata Rui Rio lamenta a oportunidade perdida quando era presidente do PSD e António Costa primeiro-ministro.

Defende a demissão da procuradora-geral da República, Lucília Gago. Luís Montenegro deve promover a demissão já, não basta esperar pelo fim do mandato? Gostaria de ver Joana Marques Vidal voltar a ser procuradora-geral?

Eu, realmente defendo a demissão, mas nem todos os signatários do manifesto têm essa opinião. A uns escassos quatro meses do fim do mandato, a demissão seria apenas simbólica. Mas em face da gravidade do que se tem passado, e da ausência de explicações por parte da procuradora-geral, desprezando assim o próprio povo português, acho esse simbolismo relevante. Mas, infelizmente, somos uma sociedade que tende para a cultura da desresponsabilização. Apesar de ter defendido a manutenção de Joana Marques Vidal na altura própria, neste momento não me parece que isso seja exequível. Preferia ver alguém independente, de fora da corporação, à frente da Procuradoria-Geral da República (PGR).

Criticou duramente a forma como a procuradora-geral provocou a demissão de António Costa. O ex-primeiro-ministro estará arrependido por não o ter acompanhado quando, enquanto líder do PSD, desafiou o Governo e o PS a negociarem uma reforma da justiça?

Desafiei, não só o PS e o Governo, como o Presidente da República e todos os demais partidos que, em 2018, tinham assento parlamentar - a quem entreguei uma proposta de documento de trabalho que nos demorou quase cinco meses a construir.

Não sei se António Costa está arrependido. Acho que devia estar, porque é raríssimo haver um líder da oposição disponível para cooperar numa reforma tão profunda, pondo o interesse nacional à frente de tudo o mais. E sujeitando-se a ser apelidado de muleta do Governo, de oposição fraca e de mais não sei o quê. Quantos anos não teremos de esperar para que uma oportunidade dessas possa voltar a surgir?

Nessa altura, António Costa recusou a sua abordagem, criticando o que seria uma ingerência do poder político no judicial. Para si não há reforma possível da justiça que não passe por atribuir maior poder ao poder político?

Ninguém defende a intromissão do poder político em esferas de decisão que têm de caber exclusivamente ao poder judicial num Estado de direito democrático. O que eu defendo é que haja um escrutínio independente e uma avaliação democrática e transparente do poder judicial, tal como há em todos os demais sectores de actividade, a começar pelo próprio poder político.

O corporativismo e a opacidade que hoje impera não são consentâneos com os princípios que devem reger uma sociedade plenamente democrática. Esse avanço civilizacional, vamos ter de o fazer.

Pediram audiência ao Presidente da República que já os recebeu em Belém. Que tipo de acção esperam de Marcelo Rebelo de Sousa? O Presidente deve assumir o papel de principal promotor de uma ampla reforma ao funcionamento da justiça?

Tenho pena que ele não tenha já assumido esse papel em 2018, quando teve condições excelentes para tal. Condições que nenhum outro Presidente da República teve. Mas também é evidente que se ele agora o fizer de modo empenhado e com coragem para tocar nos pontos mais difíceis, isso seria muito bom e, de certeza, que melhorava bastante a impressão pouco favorável que as pessoas têm hoje deste seu mandato.

O manifesto dos 50 já leva mais de 100 signatários. De que forma pretendem concretizar as vossas propostas? Há o risco de este movimento constituir mais um sobressalto cívico que não passa do papel à prática?

Um manifesto não é um programa de acção. O que nos une é um conjunto de objectivos que emanam do diagnóstico negativo que fazemos do estado da justiça, no momento em que a democracia celebra os seus 50 anos. Pretende-se, através da intervenção cívica, pressionar os poderes político e judicial no sentido de assumirem as suas responsabilidades, ganhando a coragem e a dimensão necessárias para enfrentar aquele que é o maior problema de regime com que nos confrontamos.

Os signatários podem dar mais ideias e colocá-las em debate na sociedade, mas, obviamente, não podem fazer o que não depende deles. Aliás, é normal que num grupo tão heterogéneo nem sequer estejam todos de acordo sobre as diversas soluções possíveis para resolver cada um dos estrangulamentos existentes.

O trivial. O fútil. E o disparate

Grande angular

António Barreto

Um auspicioso novo canal de televisão, Now, especializado em informação e com muita política, inicia actividades. Será seguramente mais um contributo para a democracia. Este canal e os que já cá estavam contam agora com vários políticos, antigos e futuros primeiros-ministros, ministros, deputados, eurodeputados, autarcas, secretários de Estado e até um cardeal. É provável que seja este um percurso especialmente português. Talvez não haja no mundo um outro país onde os trajectos políticos passam obrigatoriamente pela televisão. Já não se sabe muito bem se a TV é o ponto de partida ou de chegada de uma carreira política!

O comentário na televisão já "fez" vários primeiros-ministros, pelo menos um Presidente da República e muitos governantes, assim como secretários-gerais e presidentes dos partidos. É provável que a política ganhe alguma coisa com isso. Não é certo nem seguro, mas um superior grau de transparência pode ajudar à virtude. Com uma ressalva: o debate político resvala para os canais de televisão e abandona o Parlamento e as assembleias. O que se ganha em visibilidade perde-se em legitimidade, dado que as escolhas televisivas dependem de outros factores (audiências, dinheiro, cunhas, talento, beleza, boas maneiras e publicidade...) que não da legitimidade democrática. Pode ser esse o destino da democracia, quem sabe!

Onde se perde seguramente é na informação. A força da independência e da integridade profissional, o "*ethos*" jornalístico e a inspiração do serviço público desaparecem. Este percurso é bom para a transparência, é mau para a legitimidade política e é desastroso para a independência da informação. Também se pode dizer que é mau para a racionalidade. A televisão, a proximidade, o "lá em casa" e as emoções do directo são adversários sérios da razão. Mas também é verdade que a política nunca foi só razão. Muito pelo contrário.

O *Cursus honorum* e a carreira política incluem agora obrigatoriamente a televisão. Os tempos do escritório de advogados, da empresa, do sindicato, da Igreja e da Maçonaria já lá vão. A escrita também morre devagar. A televisão e o respectivo comentário já "deram" governantes e autarcas sem fim. Do debate ao monólogo e à prédica, o comentário (político, cultural ou desportivo) é o que dá oportunidade para falar de tudo. Aliás, já não se trata de comentário, mas sim de acção, de protagonismo, de acto. Quem está ali, na televisão, não comenta, age.

Políticos e comentadores (são os mesmos) entretêm-se com as hipóteses, os jogos florentinos, as minas e armadilhas, as cenas de ópera e os quadros de *vaudeville*.... Situação como a que vivemos nestes dias é ideal para a televisão, para os debates e para o teatro de revista. Infinitas são as hipóteses. Grave é o facto de cada vez mais haver dois governos em funções, o executivo propriamente dito e o de assembleia. Talvez se possa mesmo acrescentar um terceiro governo, o presidencial. O Governo pretende executar, mas é cada vez mais o legislativo que se ocupa dessa função. O Parlamento pretende legislar, mas é a oposição que se ocupa dessa tarefa. Já se percebeu que vai dar asneira. Da grossa.

Entretanto, quase não há tempo para sentir que o ridículo mata. O logótipo da bandeira nacional e da República Portuguesa foi o mais recente exemplo! A edição PS era moderna, digital e basbaque. Inclusiva, dizem, sem sinais colonialistas. Antes das eleições, a velha edição patriótica, com quinas e esfera armilar, foi reivindicada pelo PSD. Depois, a nova edição do PSD é patriótica nas cores, mas inclusiva na ausência de símbolos. Já não são precisos os votos, foram-se as quinas. E que mais teremos? Tempos houve, bem mais divertidos, em que se propunha colocar na bandeira o boné frígio, o triângulo maçónico, a cruz de Cristo, as cavacas de Resende e talvez o bacalhau à lagareiro. Agora, são propostas de simplicidade digital e de alusão subconsciente à pátria!

Já houve quem (António Alçada Baptista, pouco culpado de ser perigoso esquerdista) propusesse, bem mais ajuizadamente, que se alterasse o hino nacional, *A Portuguesa*, com as suas declarações guerreiras. "Às armas! Às armas! Sobre a terra e sobre o mar! Pela pátria, lutar! Contra os canhões, marchar, marchar" ... Tinha mais razão do que estes novos "inclusivos". Mas apanhou na cabeça do país inteiro.

A esquerda ridícula tentou abolir o colonialismo da bandeira. Achou que era a boa altura, à mistura com o anti-racismo. A direita ridícula achou por bem reagir, protestou. Antes das eleições, tratavam as esquerdas por traidoras. As esquerdas ridículas preparavam-se para se venderem no altar profano dos apátridas. As direitas ridículas logo se apresentaram ao serviço para salvar a pátria. Depois das eleições, não se sabe bem porquê, as direitas sanearam o ultraje dos socialistas, mas abdicaram do regresso à bandeira, e encontraram um meio-termo, um pouco digital, um tanto moderno, conservador quanto basta, simples no que parece, destituído de significado, baço, como gostam os que não têm rosto nem cabeça. Nem coração, pelos vistos.

Entretanto, as esquerdas tentaram não comemorar Camões, que nasceu há 500 anos. Quase iam conseguir. As direitas, agora no Governo, inventaram apressadamente um programa de festividades. Mas apagam Vasco da Gama, que morreu há 500 anos e era, ao que eles julgam, mais racista e esclavagista do que Camões. Acontece que este cantou aquele, com dedicação inspirada! Camões não merecia que esquerdas e direitas lhe fizessem uma moeda com cara sem rosto!

A agressividade com que os nacionalistas lutam contra os republicanos é tal que parecem perder a cabeça e o tino. Nunca se lhes ouve uma palavra sobre Camões ou Gama, sobre a bandeira ou a esfera armilar. Para já não falar dos campos verdes e do sangue dos heróis! Esquecem que esta bandeira é já por si lesa pátria e mata reis, pois deveria ser azul e branca. As direitas ganham as eleições e depois têm receio do que prometeram. Já que têm o governo nas mãos, porquê ganhar mais inimigos? Assim foi que encontraram soluções mornas para Camões, frias para Gama e turvas para a bandeira! Assim é que a bandeira nacional, produto republicano, é festejada pelos nacionalistas e conservadores. O hino nacional, *A Portuguesa*, produto jacobino, com laivos anticolonialistas, é defendido por conservadores e nacionalistas! O mundo às avessas!

Sociólogo

> **Talvez não haja no mundo um outro país onde os trajectos políticos passam obrigatoriamente pela televisão. Já não se sabe muito bem se a TV é o ponto de partida ou de chegada de uma carreira política!**

IMPORTA-SE DE REPETIR?

Não conseguimos, de facto, recrutar. Há uma grande competição e não é só no privado, é fora do país

Ana Paula Martins, ministra da Saúde

Estou falido, não sei onde vou morar

Kevin Spacey, actor

Vamos transformar as vossas vidas num pesadelo louco em que já não sejam capazes de distinguir a ficção mais clara da realidade

Dimitri Medvedev, ex-Presidente russo

Sempre houve pessoas racistas em Portugal, mas agora assumem-se

Carlão vocalista dos Da Weasel

ALESSANDRO DELLA VALLE / POOL/EPA

Volodymyr Zelensky chegou ontem à Suíça para a Conferência para a Paz na Ucrânia

Nos Alpes suíços começa a grande escalada até à paz na Ucrânia

A Suíça recebe este fim-de-semana uma conferência de paz. Mas, sem a Rússia, a ambição mais realista é a de serem dados passos muito preliminares para novas negociações

João Ruela Ribeiro

O Bürgenstock é um resort turístico que dificilmente poderia reforçar mais o imaginário colectivo da beleza alpina tradicionalmente associada à Suíça. Numa encosta verdejante que se estende até ao lago Lucerna, os seus edifícios surgem de forma harmoniosa, sem ferir a vista, pitorescos, acolhedores e discretos. Será neste ambiente idílico que dezenas de dirigentes mundiais se vão reunir este fim-de-semana numa conferência de paz para a Ucrânia. E o maior desafio será não reduzir o encontro a um passeio turístico.

Esse perigo não se deve simplesmente à beleza postal do Bürgenstock, palco de outras negociações diplomáticas no passado (mas talvez mais conhecido por ter sido na capela do hotel que Audrey Hepburn se casou em 1954). Propondo ser um fórum para debater formas de alcançar a paz na Ucrânia, tendo por base a proposta do Presidente Volodymyr Zelensky, os organizadores decidiram não convidar a Rússia para estar presente na Suíça.

Ao mesmo tempo, outro dos grandes objectivos dos promotores do encontro deste fim-de-semana era o de garantir uma representação alargada, que extravasasse os aliados de primeira linha de Kiev. Foram enviados convites a 160 governos e espera-se a presença de delegações de 92 países.

Portugal far-se-á representar pelo Presidente Marcelo Rebelo de Sousa e pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, Paulo Rangel. Vão estar ainda presentes o Presidente francês, Emmanuel Macron, o chanceler alemão, Olaf Scholz, o Presidente polaco, Andrzej Duda, os primeiros-ministros do Canadá e do Japão, Justin Trudeau e Fumio Kishida, respectivamente. Os EUA vão ser representados pela vice-Presidente, Kamala Harris, dada a indisponibilidade do Presidente Joe Biden, que tem uma acção importante de recolha de fundos para a campanha eleitoral.

A grande ausente é a China, que rejeitou participar no encontro sem a presença da Rússia. Uma boa notícia mesmo em cima da hora foi o envio pela Arábia Saudita de um alto responsável político e a expectativa que corre nos meios diplomáticos é a de

que Riad se pode oferecer para receber uma nova conferência de paz ainda antes do final do ano. Outros países do "Sul global", como o Brasil, vão enviar apenas diplomatas de segunda linha.

Com este ponto de partida, a própria definição da conferência torna-se desafiante. "Um eventual acordo de cessar-fogo ou tratado de paz teria de envolver a Rússia", dizia recentemente ao Euractiv o professor da Escola de Estudos Avançados Internacionais da Universidade Johns Hopkins, Serguei Radchenko. "Uma negociação que não envolve um participante fundamental é mais um exercício de solidariedade do que uma verdadeira negociação", acrescentou.

As condições para que sejam encetadas negociações de paz reais não estão reunidas. Tanto a Ucrânia como a Rússia mantêm objectivos no campo de batalha, embora a situação táctica de Moscovo neste momento seja bem mais vantajosa. Kiev não controla quase todo o Donbass além de partes das províncias de Kherson, Kharkiv e Zaporijjia, para além de manter a reivindicação sobre a Crimeia, ocupada há uma década.

As forças russas estão neste momento empenhadas em criar uma zona-tampão em Kharkiv, mas o Kremlin tem repetido o *mantra* de que qualquer negociação deve contemplar as "novas realidades no terreno", ou seja, devem ser reconhecidas as ocupações militares das quatro províncias anexadas unilateralmente pela Rússia em Setembro de 2022. Neste momento, as posições são inconciliáveis.

Paz ainda não

A professora de Relações Internacionais da Universidade do Minho Sandra Fernandes, em declarações ao PÚBLICO, prefere enquadrar a conferência na Suíça como "uma espécie de preliminar de um preliminar de um eventual diálogo". "O termo paz é, no mínimo, ambicioso", defende.

O encontro de Lucerna está a ser enquadrado como um tímido primeiro passo rumo a uma solução política. Em cima da mesa estará uma proposta de dez pontos revelada pela primeira vez por Zelensky ainda em 2022, poucos meses depois do início da invasão em larga escala pela Rússia. A fórmula da paz inclui a retirada total dos militares russos do território ucraniano internacionalmente reconhecido, o respeito pela integridade territorial da Ucrânia, o fim das hostilidades, a punição para responsáveis por crimes de guerra, a libertação de prisioneiros, entre outros aspectos.

Um desenvolvimento importante que pode acontecer na Suíça é a discussão, sobretudo entre apoiantes da Ucrânia, sobre o que irá significar o fim da guerra. Sandra Fernandes diz que é um "elefante na sala", ainda para mais quando este encontro acontece num momento de grande fragilidade para as forças ucranianas no terreno.

"Já temos um plano para a paz entre Israel e o Hamas; não acredito que esta cimeira para a paz nos dê o mesmo resultado", afirma a professora da UM. "Mas a ideia seria haver maior clareza sobre os termos com os quais a Ucrânia e os seus apoiantes estariam dispostos a sentar-se à volta da mesa para começar a negociar o cessar-fogo e o pós-guerra", sublinha Fernandes. Neste momento, e sem a Rússia presente, pedir progressos políticos muito mais palpáveis parece irrealista.

Desta forma, a natureza da cimeira deste fim-de-semana é sobretudo simbólica, servindo mais para fechar um ciclo de iniciativas diplomáticas em torno do fornecimento de garantias de segurança à Ucrânia. Nas últimas semanas, Zelensky tem percorrido vários países para fechar acordos bilaterais de segurança de médio prazo, incluindo com Portugal, que devem servir como ponte para uma futura integração na NATO.

Na quinta-feira, à margem do encontro do G7, ao lado de Zelensky, Biden anunciou um importante acordo de segurança durante dez anos que Kiev espera poder vir a blindar o apoio de Washington de uma eventual mudança na Casa Branca a partir de Novembro. "Um dos principais objectivos de Zelensky é garantir uma perspectiva temporal ao país, uma garantia do apoio securitário por parte dos grandes dirigentes do mundo", observa Sandra Fernandes.

Na melhor das hipóteses, a conferência deverá fornecer mais clareza quanto à posição ucraniana para o que podem vir a ser as negociações de paz com a Rússia. O PÚBLICO sabe que no esboço da declaração final estão referências à defesa da soberania e da integridade territorial da Ucrânia.

A expectativa de praticamente todos os envolvidos, incluindo o Governo ucraniano, é de que na próxima conferência haja margem para incluir responsáveis russos. "A cimeira de paz pode ser um bom ponto de partida para a Ucrânia, mas o crucial é encontrar as ferramentas para assegurar que a Rússia cumpra qualquer agenda que surja depois", diz ao *Kyiv Independent* a analista do Center for European Policy Analysis (CEPA), Elina Beketova. "Para isso, a Ucrânia necessita de todas as ferramentas, instrumentos, equipamentos e armas para realmente se defender e mostrar que a Rússia apenas deve escutar."

92

Vão estar presentes na conferência de paz dirigentes de 92 países, de acordo com o Governo suíço

Guerra na Ucrânia

Putin exige mais território ucraniano para pôr fim à guerra

O Presidente russo, Vladimir Putin, disse ontem que a Rússia só poria fim à guerra na Ucrânia se Kiev concordasse em abandonar as suas ambições na NATO e entregasse a totalidade de quatro províncias reivindicadas por Moscovo, exigências que Kiev rejeitou rapidamente, considerando que o mesmo era equivalente a uma rendição.

Na véspera da conferência na Suíça, para a qual a Rússia não foi convidada, Putin estabeleceu condições maximalistas totalmente contrárias às condições exigidas pela Ucrânia, aparentemente reflectindo a confiança crescente de Moscovo de que as suas forças estão em vantagem na guerra.

Reiterou o seu pedido de desmilitarização da Ucrânia, inalterado desde o dia em que enviou as suas tropas, a 24 de Fevereiro de 2022, e afirmou que o fim das sanções ocidentais também deve fazer parte de um acordo de paz. Reiterou ainda o seu apelo à "desnazificação" da Ucrânia, com base no que Kiev considera uma calúnia infundada contra os seus dirigentes.

O conselheiro presidencial ucraniano Mykhailo Podolyak disse à Reuters que as condições impostas por Putin equivalem a propor que a Ucrânia admita a derrota e renuncie à sua soberania. Não existe "qualquer possibilidade de chegar a um compromisso" com base no que Putin propôs, afirmou.

O momento do discurso destinava-se claramente a antecipar a cimeira suíça, anunciada como uma "conferência de paz", apesar da exclusão da Rússia, em que o Presidente ucraniano, Volodymyr Zelenskiy, procura uma demonstração de apoio internacional às condições de Kiev para pôr fim à guerra.

"As condições são muito simples", disse Putin, enumerando-as como a retirada total das tropas ucranianas de todo o território das regiões de Donetsk, Lugansk , Kherson e Zaporijjia, no Leste e no Sul da Ucrânia.

A Rússia reivindicou as quatro regiões, que as suas forças controlam apenas parcialmente, como parte do seu próprio território em 2022, um acto rejeitado pela maioria dos países nas Nações Unidas como ilegal. Moscovo também tomou e anexou a península da Crimeia da Ucrânia em 2014.

"Assim que declararem em Kiev que estão prontos para tal decisão e iniciarem uma verdadeira retirada das tropas destas regiões, e também anunciarem oficialmente o abandono dos seus planos de adesão à NATO - do nosso lado, imediatamente, literalmente no mesmo minuto, seguir-se-á uma ordem para cessar-fogo e iniciar negociações", disse Putin. "Repito, fá-lo-emos imediatamente. Naturalmente, garantiremos simultaneamente a retirada sem entraves e em segurança das unidades e formações ucranianas."

A nossa posição de princípio é : o estatuto neutro, não alinhado e livre de armas nucleares da Ucrânia, a sua desmilitarização e desnazificação

Vladimir Putin
Presidente da Rússia

EPA

Putin responsabiliza o Ocidente pela ausência de acordo na Ucrânia

A Rússia controla, neste momento, quase um quinto do território ucraniano no terceiro ano de guerra. A Ucrânia, por seu lado, afirma que a paz só se pode basear na retirada total das forças russas e na restauração da sua integridade territorial. A cimeira deste fim-de- semana na Suíça, que contará com a presença de representantes de mais de 90 nações e organizações, deverá evitar as questões territoriais e centrar-se em assuntos como a segurança alimentar e a segurança nuclear na Ucrânia.

Questão existencial

A natureza maximalista das condições de Putin parece reflectir a sua crescente confiança na capacidade de Moscovo para impor as suas próprias condições, com as suas forças a avançarem gradualmente nos últimos meses. Putin afirmou que "a futura existência da Ucrânia" dependia da retirada das suas forças, da adopção de um estatuto de neutralidade e do início de conversações com a Rússia, e disse que a situação militar de Kiev se agravaria, se rejeitasse a oferta.

"Hoje estamos a fazer outra proposta de paz concreta e real. Se em Kiev e nas capitais ocidentais a recusarem como antes, então, no fim de contas, é da sua conta, da sua responsabilidade política e moral a continuação do derramamento de sangue", disse Putin.

"Repito, a nossa posição de princípio é a seguinte: o estatuto neutro, não alinhado e livre de armas nucleares da Ucrânia, a sua desmilitarização e desnazificação."

A Ucrânia e os seus aliados ocidentais têm rejeitado essa linguagem desde o início do conflito, descrevendo-a como um falso pretexto para uma guerra de conquista territorial de estilo imperial. A Ucrânia afirma que qualquer exigência de desmilitarização ou de neutralidade futura a exporia a novos ataques russos.

Putin disse que as disposições para o fim da guerra teriam de ser estabelecidas em acordos internacionais. "Naturalmente, isto também pressupõe o levantamento de todas as sanções ocidentais contra a Rússia. Acredito que a Rússia está a oferecer uma opção que tornará possível acabar com a guerra na Ucrânia", afirmou. **Reuters**

A cimeira da guerra

Análise

Pedro Ponte e Sousa

A guerra é a derradeira ferramenta em política externa. O seu emprego, pelo peso das suas consequências, exige um cálculo permanente dos custos e ganhos, imediatos e potenciais. O momento actual exige isto mais do que nunca: como aqui escrevemos há meses, a solução militar é inviável, no terreno deparamo-nos com um longo impasse, as sanções económicas não funcionaram, e a dimensão da ajuda militar e económica à Ucrânia não foi suficiente nem para uma vitória no terreno, nem para levar a uma alteração de comportamento pela Rússia.

Putin sinalizou há algumas semanas, de forma particularmente clara, as suas intenções: a Reuters noticiou que várias fontes próximas de Putin confirmaram que o presidente russo pretende um cessar-fogo negociado nas actuais linhas do campo de batalha, e que não pretende outra mobilização nacional, nem tem objectivos em território da NATO, mostrando-se particularmente preocupado com a possibilidade de uma escalada nuclear.

Todavia, uma série de iniciativas nas últimas semanas por parte dos aliados ocidentais da Ucrânia corre o risco de elevar esta guerra para um patamar distinto: a autorização, por parte dos Estados que fornecem armamento, EUA incluídos, para ataques com tais armas dentro de território da Federação Russa (no caso dos EUA, apenas na fronteira junto a Kharkiv, Carcóvia), autorização que os EUA estenderam também ao "Batalhão Azov", agora parte da Unidade da Guarda Nacional da Ucrânia, com elementos neonazis e de extrema-direita. Este risco de escalada já encontrou resposta: Putin afirmou pretender exportar armamento para outros Estados, mesmo que estes ponderem usá-los contra o Ocidente, e que não rejeita a possibilidade de alterar a doutrina nuclear.

Uma cimeira de paz apenas com um dos lados da guerra, sem que a outra tenha sido convidada, e sem que se tenha produzido uma vitória militar, não é uma cimeira de paz. Uma das partes não participa, mais de metade do mundo entende este encontro como irrelevante, e daqui não sairá nenhuma solução para o conflito. O número de participantes, segundo o *Kyiv Independent*, desceu de mais de uma centena de Estados e organizações para menos de 80, o que demonstra como o crescente fervor militarista das últimas semanas tem afastado vários Estados e organizações do que poderá vir a tornar-se uma sessão fotográfica de líderes políticos investidos na guerra, custe o que custar, em vez de um real fórum diplomático.

A "Fórmula de Paz" da Ucrânia, ponto de partida para a cimeira e que refere ideias nobres, como a segurança nuclear ou alimentar ou a libertação dos prisioneiros de guerra, é uma agenda maximalista dos interesses da Ucrânia, e que, portanto, nunca será atingida sem uma vitória total da Ucrânia sobre a Rússia. É, aliás, improvável que uma participação significativa de Estados para lá do Ocidente venha a permitir que a declaração conjunta a sair desta cimeira preencha todos os requisitos que a Ucrânia pretende. O Sul Global, que tem apoiado a causa da Ucrânia nos fóruns internacionais, tem mostrado relutância em envolver-se de forma mais directa num conflito que envolve crescentemente o Ocidente e a Rússia, rejeita a ideia de sanções unilaterais (não aprovadas nas Nações Unidas), e é particularmente céptico do discurso de uma "ordem internacional baseada em regras" promovido pelo Ocidente, excepto quando tal não lhe é útil (Iraque), cepticismo que a situação actual em Gaza só vem reforçar. Assim, o principal objectivo é de diplomacia pública - garantir atenção num contexto de crescente indignação mundial com a limpeza étnica com intenções genocidas em curso por Israel contra o povo palestiniano em Gaza, enquanto as decisões mais relevantes já foram tomadas em momento anterior - nas últimas semanas, e na cimeira do G7.

Uma cimeira de paz apenas com um dos lados da guerra, sem que a outra tenha sido convidada, e sem que se tenha produzido uma vitória militar, não é uma cimeira de paz

Mesmo os objectivos mais práticos da acção diplomática da Ucrânia das últimas semanas estão em risco. Entre os aliados da Ucrânia, só a Suíça, organizadora da cimeira, parece manter o discurso centrado na ajuda humanitária e na promoção da paz pela diplomacia. A reconstrução, tratada numa conferência internacional em Berlim esta terça-feira, não tem apenas enfrentado os problemas causados pela guerra. Cortes orçamentais, atrasos burocráticos e demissões de responsáveis estão entre as dificuldades.

A guerra não é um jogo. Ambas as partes já perderam, qualquer que seja o desfecho. A destruição, a perda de vidas humanas, o desperdício material, a insegurança presente e futura, todos estes elementos são inegáveis. E, se a Rússia não conseguiu o objectivo de alterar a política em Kiev por algo mais próximo dos seus interesses, a Ucrânia também não conseguiu expulsar o invasor.

Mas cada uma das partes pode vender uma vitória: Putin dirá que conseguiu proteger as populações do Donbass dos ataques de Kiev, Zelensky dirá que conseguiu evitar um golpe militar produzido por uma potência invasora. Para cada uma das partes, o mais difícil será admitir perdas, mas o tempo obrigará a reconhecer a realidade tal como ela é, em vez da contínua venda interna e externa de sonhos inalcançáveis. Os danos a longo prazo já estão preparados, quer para a segurança humana, que já mencionámos, quer para a segurança dos Estados. O ambiente de Guerra Fria 2.0, a lógica de uma segurança não cooperativa mas confrontacional, a crescente retórica e investimento militarista, uma escalada armamentista que aumenta a ameaça em vez de a reduzir, fecham cada uma das partes em câmaras de eco em que a inevitabilidade parece incontornável. A diplomacia e a negociação são cada vez mais necessárias para quebrar este círculo vicioso. Não a diplomacia pública, dos grandiosos discursos para moldar a opinião pública; a verdadeira negociação, essa decorre à porta fechada, com ganhos e perdas para cada uma das partes, mas sempre produzindo uma situação melhor do que a atroz violência da guerra em curso.

Professor na Universidade Portucalense e investigador do Instituto Português de Relações Internacionais

SERGEY KOZLOV/EPA

APOIOS À INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA 2024/2025

Tendo como objetivo incentivar a investigação centrada no ser humano saudável, tanto do ponto de vista físico como espiritual, particularmente em temas ainda pouco explorados mas suscetíveis de profunda e rigorosa análise científica, a Fundação BIAL abre agora uma nova edição do Programa de Apoios Financeiros a Projetos de Investigação Científica com as seguintes características:

1. Objeto e finalidade - Serão contempladas neste Programa apenas as áreas da Psicofisiologia e da Parapsicologia. Os objetivos a atingir pelos candidatos serão determinados pelo Projeto de Investigação submetido a candidatura.

2. Destinatários - Poderão concorrer investigadores científicos, individualmente ou em grupo, exceto os colaboradores da Fundação BIAL e de qualquer uma das sociedades que integrem o Grupo BIAL.
O Investigador Principal e o coinvestigador principal com Projeto(s) de Investigação financiado(s) pela Fundação BIAL em curso também podem concorrer; contudo, apenas poderão usufruir do apoio financeiro ao abrigo do Programa após conclusão com sucesso do(s) mesmo(s).

3. Duração e início - A duração total dos Apoios Financeiros no âmbito do Programa não pode exceder 3 anos e o seu início deve ocorrer entre 1 de janeiro e 31 de outubro de 2025.

4. Valor total e periodicidade dos pagamentos - As candidaturas aprovadas beneficiarão de Apoios Financeiros de valor total até €60 000 (sessenta mil euros). O valor concreto será livremente determinado pela Fundação BIAL, de acordo com o seu exclusivo critério, em função das necessidades do Projeto de Investigação objeto de candidatura.
O Apoio Financeiro atribuído a cada Projeto de Investigação deve ser entendido como um valor máximo, a pagar pela Fundação BIAL depois de verificados os documentos de despesa submetidos, nos termos previstos no Regulamento.
Os pagamentos serão efetuados com periodicidade anual ou semestral a definir em função da calendarização do Projeto de Investigação.

5. Candidaturas - As candidaturas, elaboradas em língua inglesa e de acordo com o Regulamento dos Apoios Financeiros a Projetos de Investigação Científica da Fundação BIAL, devem ser submetidas até 31 de agosto de 2024 através de formulário *online* específico disponibilizado em www.bialfoundation.com.
Não serão admitidas candidaturas respeitantes a:
a) Projetos de Modelos Clínicos ou Experimentais de Patologias Humanas e Terapêutica;
b) Projetos que tenham como principal âmbito o comportamento alimentar, o comportamento sexual ou o exercício físico;
c) Projetos de neurociência fundamental (mecanismos celulares, moleculares e bioquímicos do funcionamento cerebral) que não estejam direta e inequivocamente associados a uma medida psicofisiológica.

A Fundação BIAL reserva-se o direito de recusar a candidatura de anteriores Beneficiários de Apoio que tenham de forma reiterada violado as suas obrigações legais e contratuais.

6. Avaliação das candidaturas e comunicação da decisão - As candidaturas serão avaliadas pelo Conselho Científico da Fundação BIAL. A decisão será comunicada aos candidatos no prazo de 4 meses a contar do termo do prazo para submissão das mesmas.

7. Regulamentação - A submissão da candidatura implica e pressupõe a plena aceitação, sem reservas, pelo candidato dos termos e condições previstos no Regulamento dos Apoios Financeiros a Projetos de Investigação Científica da Fundação BIAL, pelo qual se rege a presente edição.

O Regulamento dos Apoios Financeiros a Projetos de Investigação Científica da Fundação BIAL encontra-se disponível e pode ser obtido em:

Fundação BIAL
À Av. da Siderurgia Nacional
4745-457 Coronado (S. Romão e S. Mamede) • Portugal
Tel. + 351 22 986 6150
info@bialfoundation.com • www.bialfoundation.com

Vários professores que adiem reforma vão poder progredir

Há 2000 professores a dar aulas com mais de 67 anos. Docentes que cheguem à idade da reforma e continuem a dar aulas vão receber até mais 750 euros por mês

Cristiana Faria Moreira

Os professores que cheguem à idade da reforma e queiram continuar a dar aulas vão ganhar até mais 750 euros brutos por mês acima da sua remuneração. E, caso não estejam no 10.º e último escalão da carreira, vão poder recuperar parte do tempo de serviço que têm congelado, o que o Ministério da Educação vê, em resposta ao PÚBLICO, como um "incentivo" para que consigam "atingir esse patamar". Esta é uma das medidas de um pacote que foi apresentado ontem pelo ministro, Fernando Alexandre, para conter o "problema mais grave da escola pública": a falta de professores.

A remuneração extra dos até 750 euros para estes professores à beira da reforma será uma medida transversal e entrará em vigor em 2025. Segundo as contas do Ministério da Educação, havia, no final de Maio, 2002 professores a dar aulas com idades entre os 67 e os 71 anos.

A medida, porém, deverá abranger 1000 docentes e custar nove milhões de euros por ano. É a medida mais cara deste plano que, no total, custará cerca de 20 milhões de euros.

O Governo quer ainda responder à falta de professores, contratando os docentes que já se aposentaram. Mas isso será apenas para os nove grupos de recrutamento mais deficitários (Educação Pré-Escolar, Matemática e Ciências da Natureza, Português, Inglês, Filosofia, Geografia, Matemática, Física e Química, Informática) e em territórios onde o Ministério da Educação identifica as maiores carências de professores.

Para estes docentes, que já saíram do sistema de ensino, o Governo acena com uma remuneração extra equivalente ao índice 167, que corresponde ao 1.º escalão da carreira e a 1657,53 euros brutos. A previsão do executivo é que possam ser contratados 200 docentes e que esta medida tenha um impacto de três milhões.

"Temos muitos alunos que estão muito tempo sem aulas a muitas disciplinas. Adicionalmente, este grave problema afecta sobretudo as famílias que provêm de contextos mais desfavorecidos, o que põe em causa a igualdade de oportunidades no acesso a um ensino de qualidade", notou Fernando Alexandre.

900 alunos sem aulas

Em todo o país, 324.228 alunos de 18.680 turmas começaram o ano lectivo sem terem professor a pelo menos uma disciplina. No fim de Maio, eram 22.116 estudantes nesta situação. Há ainda 939 alunos de 47 turmas que não tiveram aulas a uma disciplina desde Setembro. As disciplinas de Informática, Português, Geografia, Matemática, Educação Pré-escolar e Física e Química são aquelas onde o Governo identifica maior carência de professores.

No entanto, há territórios onde este problema da falta de professores é mais visível e é a estes que parte das medidas é dirigida. Segundo os números apresentados, há 163 agrupamentos escolares, em 51 concelhos, onde a falta de professores foi persistente neste ano lectivo. Destes, 119 estão na Área Metropolitana de Lisboa e os restantes concentram-se nas regiões do Alentejo e do Algarve.

Para atrair mais professores para a carreira, o Governo acena aos mestres e doutorados cuja formação corresponda aos grupos de recrutamento onde há mais falta de professores, "incentivando através de uma bolsa a qualificação profissional para a docência". Será uma medida a ser aplicada no próximo ano lectivo nos agrupamentos sinalizados e deverá atingir 500 mestres ou doutorados.

No entanto, há mais medidas para todo o país: a possibilidade de os bolseiros de doutoramento acumularem até dez horas e de os docentes universitários e investigadores integrarem a carreira docente, tendo em conta o "tempo de serviço prestado em instituições de ensino superior, com obrigatoriedade de frequência de formação pedagógica adequada".

Outra das medidas apresentadas pretende facilitar o reconhecimento das habilitações dos professores imigrantes. O ministério prevê que haja uma simplificação desse processo para que integrem o sistema

O que foi anunciado

Medidas aprovadas para 163 escolas sinalizadas:
- Reforço do número de técnicos superiores e de horas extraordinárias para docentes;
- Agregação de horários incompletos em mais do que uma escola;
- Recrutamento anual para substituir baixas prolongadas;
- Atracção de 500 mestres e doutores para dar aulas.

Medidas para todas as escolas:
- Flexibilização da gestão horária;
- Corte de 25% das mobilidades estatutárias;
- Contratação de bolseiros de doutoramento (por dez horas semanais);
- Reconhecimento de diplomas de imigrantes.

TIAGO PETINGA/LUSA

Ministro da Educação, Fernando Alexandre, apresentou pacote de medidas para prevenir que alunos não fiquem sem aulas

educativo mais rapidamente.

Como forma de motivar os alunos a ingressarem em cursos superiores nas áreas da educação e ensino, está prevista a atribuição de 2000 bolsas anuais. "Precisamos de trazer sangue novo para esta carreira", notou o ministro da Educação.

Mais horas extraordinárias

Um estudo apresentado em Novembro de 2021 pelo Ministério da Educação antevia a necessidade de contratar 34 mil professores para o ensino público até ao final da década, atendendo à progressão das reformas dos docentes e tendo já em conta a evolução da natalidade. Só no ano passado, aposentaram-se mais de 3500 docentes. As estimativas de alguns sindicatos apontam para que esse número chegue este ano aos 5000.

Além de criar incentivos para atrair e reter docentes, este plano pretende melhorar as condições de trabalho dos docentes e directores.

Para tal, já em Setembro, o Governo prevê que seja possível alargar de três meses para um ano o período dos contratos dos professores que estão a substituir docentes com baixa médica prolongada, mas apenas para as escolas sinalizadas. Nessas escolas, os docentes com mais de 50 anos que já têm horário reduzido serão autorizados a prestar trabalho extraordinário e a aumentar o limite para dez horas extras por semana a atribuir a cada professor sempre que for "impossível suprir as necessidades com recurso aos mecanismos de contratação".

Para libertar os docentes de alguma carga burocrática está prevista a contratação, já a partir de Setembro, de 140 técnicos superiores para "apoio administrativo às direcções de turma", mas apenas nas escolas sinalizadas. E permitir que a contratação de docentes com horários incompletos seja repartida entre escolas do mesmo agrupamento ou de outros.

Todas estas medidas têm como objectivo "reduzir em pelo menos 90% o número de alunos sem aulas no final do 1.º período, em comparação com o ano anterior", quando 20 mil alunos estavam nessa situação, frisou Fernando Alexandre.

Reacções

Directores de escola e sindicatos elogiam algumas medidas, mas avisam que não serão suficientes

Samuel Silva

Vão ser "pouquíssimos" os professores com idade para se reformarem que vão aceitar continuar a dar aulas, mesmo depois de o Governo ter anunciado um suplemento salarial de 750 euros brutos para estimular estes docentes a continuarem nas escolas. Esta avaliação é feita pelos líderes das duas associações de directores escolares, que, ainda assim, apreciam positivamente o conjunto de soluções para a falta de professores apresentadas ontem pelo ministro Fernando Alexandre.

"Os professores estão exaustos e tristes", começa por avaliar Filinto Lima, presidente da Associação Nacional de Directores de Agrupamentos e Escolas Públicas (Andaep). "O grosso não quererá prolongar a carreira" mesmo que o Governo tenha anunciado um suplemento salarial para quem aceite continuar a dar aulas.

Apesar de fazer uma avaliação positiva do plano apresentado pelo Governo – "demonstra preocupação com um problema estrutural", diz ao PÚBLICO –, Lima adverte que o sucesso da medida vai "depender da adesão de cada um dos actores".

E, tanto no caso dos professores recentemente reformados – que o Ministério da Educação, Ciência e Inovação (MECI) quer convencer a voltar a dar aulas –, como dos docentes em idade para se aposentarem, a quem é dado um prémio salarial para prolongarem a vida profissional, Filinto Lima antecipa que serão "pouquíssimos" os docentes a responder afirmativamente.

Apenas "alguns" professores vão querer ficar "com este pequeno estímulo", antecipa, por seu turno, Manuel Pereira, da Associação Nacional de Dirigentes Escolares (ANDE).

Ainda assim, o presidente da ANDE faz um "elogio" ao ministro pela forma "frontal e responsável" como abordou a questão da falta de professores: "É a primeira vez que alguém assume o problema desta maneira." E lembra que algumas das medidas que vão avançar, como a possibilidade de a substituição de docentes ser feita de forma diária, em vez de semanalmente como até aqui, é algo de que os directores falam "há anos".

Os estímulos para que professores reformados ou perto da idade da reforma reforcem o quadro de docentes face ao cenário de crise também não convence o secretário-geral da Federação Nacional de Educação (FNE), Pedro Barreiros. A solução vai acrescentar "envelhecimento a uma classe já envelhecida".

Medidas como esta, "mesmo sendo necessárias", deviam ser "acompanhadas de um plano de médio e longo prazo que garantisse que os mais novos entram na profissão", acrescenta. Ao "Mais Aulas, Mais Sucesso" com que o Governo titulou o programa, o líder da FNE diz que é preciso juntar "mais juventude, mais condições". Mesmo com críticas, o dirigente sindical também considera "genericamente positivo" o anúncio feito ontem pelo Governo, que inclui medidas como bolsas para quem escolha estas áreas de formação, num máximo de dois mil por ano.

A Federação Nacional de Professores (Fenprof) aponta no mesmo sentido: "Não será atraindo aposentados que se dará o inadiável rejuvenescimento da profissão docente, indispensável para assegurar o futuro." Além disso, prossegue a estrutura sindical em comunicado, é "pouco crível" que se retenham mil docentes que estão para se aposentar pagando até 750 euros quando, depois de se aposentarem, poderão receber até 1600 euros.

Fenprof aplaude contratação diária a partir da reserva de recrutamento e a substituição por um ano de docentes com baixa prolongada

Outra das medidas anunciadas pelo ministro Fernando Alexandre no final do Conselho de Ministros aponta para a contratação, a partir de Setembro, de 140 técnicos superiores para darem "apoio administrativo" às direcções de turma das escolas mais afectadas pela falta de professores.

Essa solução deverá ter como contrapartida a diminuição do número de horas não lectivas atribuídas aos directores de turma, antecipam directores de escolas e sindicatos. Já a avaliação da medida divide os responsáveis. Manuel Pereira, da ANDE, discorda dela: "Não há nenhum técnico que possa fazer o trabalho que um director de turma faz."

Por seu turno, Filinto Lima, da Andaep, vê-a como "positiva". "Hoje em dia já ninguém quer ser director de turma por causa do trabalho administrativo que tem", diz.

É secundado nesta posição pelo secretário-geral da FNE. A contratação de técnicos "tira carga burocrática aos professores e liberta-os para aquilo que mais gostam de fazer", valoriza Pedro Barreiros.

Em comunicado, a Fenprof diz também concordar com essa medida. A possibilidade de contratação diária a partir da reserva de recrutamento e a substituição por um ano de docentes com baixas prolongadas também merecem elogios da estrutura sindical liderada por Mário Nogueira.

Ainda assim, a Fenprof considera a estratégia anunciada pelo Governo como "demasiado genérica". Os dirigentes sindicais dizem ter feito as contas e garantem que o conjunto de medidas agora apresentadas não "vão além de 10% das necessidades" actuais de docentes do sistema educativo nacional.

NUNO FERREIRA SANTOS

Pedro Barreiros, secretário-geral da FNE

Professores, um plano que não é mais do mesmo

Editorial

Andreia Sanches

Simplificar regras para substituir rapidamente professores de baixa e incentivar com bolsas os jovens que queiram ser professores são boas ideias

É preciso perceber melhor os contornos de várias das medidas apresentadas pelo ministro da Educação para combater o gravíssimo problema dos milhares de alunos que todos os anos ficam sem aulas. E só com mais detalhe se perceberá o alcance que elas terão. Mas têm já duas virtudes. Primeira: visam atacar directamente alguns dos bloqueios à substituição rápida de professores que entram de baixa por doença. Segunda: não se vislumbra a intenção de baixar a fasquia no que diz respeito às qualificações de quem é recrutado para ensinar, ao contrário do que se tem passado em países a braços com a mesma "crise".

Os números são chocantes. Em Setembro, o ano lectivo arrancou com 324 mil alunos sem aulas a, pelo menos, uma disciplina. A 31 de Maio, ainda havia 22 mil nessa situação. É um dos mais graves problemas do ensino público. Prejudica sobretudo os que menos recursos têm para compensar com explicações privadas o que não aprendem na escola.

Não se resolve de um dia para o outro a falta de professores. É preciso apostar em carreiras mais atraentes e melhores salários para que se possa falar de uma resposta eficaz de longo prazo. Mas há uma emergência, pelo que se compreende que algumas das medidas tenham esse carácter. Permitir mais horas extras ou incentivar professores com idade para se aposentarem a permanecer na escola enquadram-se nessa categoria — apesar de não ser nada evidente que um extra de 750 euros brutos seja suficiente quando se sabe o estado de esgotamento em que muitos se encontram.

Mas atribuir uma bolsa aos jovens que se candidatam ao superior e escolham cursos que os preparem para ser professores em áreas carenciadas é mais estrutural, visa o rejuvenescimento da classe. Reconhecer as habilitações de professores estrangeiros também faz todo o sentido. E, sobretudo, garantir que é possível planear melhor é essencial — todos os anos cerca de 12% dos docentes ausentam-se por doença, o que é natural, dada a faixa etária da classe, e é preciso substituí-los na maior parte dos casos entre 120 a 240 dias por ano, segundo um estudo do *think thank* Edulog. Não faz sentido andar o ano todo a apagar fogos. Ponto essencial aqui: alargar de três meses para um ano os contratos de professores que vão substituir docentes que previsivelmente poderão ficar de baixa muito tempo é uma medida que pode ter mesmo impacto. Tal como simplificar os procedimentos para as escolas contratarem.

Em suma, nem todas as medidas têm o mesmo impacto. Mas não são mais do mesmo. Há boas ideias neste plano que vale a pena testar. E isso é refrescante.

CARTAS AO DIRECTOR

O rei vai nu

Os últimos resultados das europeias em França são a sequência lógica das últimas presidenciais de 2022. Já nessa altura a "radiografia" à situação política em França fora feita na primeira volta, quando 45% dos franceses votaram em Mélenchon e Le Pen contra 27,9% em Macron.

O que tornou a situação mais grave ou representativa é que na faixa etária até aos 35 anos Macron tinha ficado em terceiro lugar. Tudo isto prova que este modelo de globalização (a qual alguns ainda teimam chamar "globalização feliz") está a trazer um crescendo de insatisfação. Os resultados saltam à vista com a revolta maciça dos agricultores; continua desindustrialização e, paradoxalmente, a maior e crescente ameaça ambiental de sempre. O combate ao aquecimento global passa essencialmente por regular esta globalização desmedida.

Ao vencer as presidenciais na segunda volta, Macron tinha afirmado o politicamente correcto: que queria unir os franceses. Para dentro terá dito às elites que não se preocupassem, pois não haveria sobressaltos na trajectória. Macron representa a actual e triste Europa sempre cheia de discursos sumptuosos, sem qualquer visão e pragmatismo de futuro.

Fernando Ribeiro, S. João da Madeira

Uma questão de (i)moralidade

O meu avô sabia ler, escrever e contar, não tinha nenhum diploma, mas tinha um princípio: não permitia que na sua presença se falasse mal de quem não estava presente e não se podia defender.

Ora, segundo o senhor presidente da Assembleia da República, aos deputados, que são na sua maioria doutores, este princípio não se aplica. É precisamente o contrário: os deputados podem dizer as alarvidades que quiserem sobre quem não está na sala, mas não podem dizer o mesmo sobre quem está presente.

Ficámos também a saber que eu posso ser processado se falar depreciativamente de um deputado. Já ele, ao abrigo da liberdade de expressão, pode dizer o que quiser. A liberdade de expressão não é para todos.

Moral da história: um semianalfabeto do século XIX tinha mais princípios do que um doutor do século XXI.

Quintino Silva, Paredes de Coura

A *verve* de Ana Cristina Leonardo

Raramente saboreei com tanto gozo uma coluna como a que publicou [ontem], *Os empatas*, no PÚBLICO, Ana Cristina Leonardo. Inteligente, bem escrita e num ainda melhor português, engraçada, pertinente, foi um prazer lê-la e relê-la, ainda mais por, até hoje, nunca ter dado pela dita senhora.

Não seria altura de substituir alguns dos insípidos (para não dizer chatos), convencidos e analgésicos colunistas do PÚBLICO — sem citar nomes, estou a lembrar-me de uma, frequentemente insuportável e gongórica — pela *verve* de Ana Cristina?

Elysio Correia Ribeiro

Sofrimento

Israel continua a matança, o horror! Será que ninguém vê isto? Serão as agências noticiosas de Israel totalmente censuradas? Os israelitas não vêem que as suas Forças de Defesa estão destinadas apenas a acabar com o povo palestiniano.

Eles não são humanos! Aqueles soldados e seus tanques passam por cima de tudo, um tudo que já é feito de cadáveres, destroços e sangue de tantas crianças, idosos, do sofrido povo palestiniano.

O genocídio já foi reconhecido por diversos países à excepção dos óbvios EUA e seus fiéis seguidores, a União Europeia de Ursula Von der Leyen.

Será o deus de Israel tão cruel que permita que tal barbaridade seja cometida diariamente?

Helena Azul Tomé, Lisboa

Portugal na Europa

As eleições europeias são uma oportunidade dos candidatos à Europa mostrarem a capacidade de defenderem o país naquilo que poderá ser, ou não, importante para o conjunto dos Estados-membros, segundo a visão de alguns, a qual poderá também não ser a visão para o comum dos cidadãos.

A verdade é que fazer parte da União Europeia implica o conhecimento das questões europeias, em que o mais importante é a solidariedade que ao longo dos anos tem sido colocada em prática para com os mais vulneráveis, sendo uma característica daquela que inicialmente foi chamada "Comunidade Europeia do Carvão e do Aço", composta por seis países.

Nem sempre as decisões da União Europeia são consensuais, o que nos poderá levar a pensar se todos aqueles que são apontados como candidatos ao lugar de deputados estarão preparados para o desafio, quando alguns contestam as políticas europeias (e a sua eventual eleição acaba por ser um contra-senso), e quando muitos se esquecem que exemplos como o do Plano de Recuperação e Resiliência, à semelhança de outros apoios do passado, são a salvação de Portugal.

Américo Lourenço, Sines

As cartas destinadas a esta secção têm de ser enviadas em exclusivo para o PÚBLICO e não devem exceder as 150 palavras (1000 caracteres). Devem indicar o nome, morada e contacto telefónico do autor. Por razões de espaço e clareza, o PÚBLICO reserva-se o direito de seleccionar e editar os textos e não prestará informação postal sobre eles cartasdirector@publico.pt

A opinião publicada no jornal respeita
a norma ortográfica escolhida pelos autores

ESCRITO NA PEDRA

A verdadeira dificuldade não está em aceitar ideias novas, mas em escapar das antigas
John Maynard Keynes, economista (1883-1946)

O NÚMERO

21.º

Lugar ocupado pela selecção portuguesa feminina de futebol no ranking mundial

A água resolve tudo

Ainda ontem

Miguel Esteves Cardoso

Antes que comece o calor a sério, porque não tirar partido da água, para refrescar quem passeia pelas nossas cidades?

Não é preciso ser-se jardineiro nem canalizador para conhecer as muitas maneiras, simples e baratas, para transformar o jorro de água que sai de uma mangueira, em centenas de chuveiros e nevoeiros e microgotas, capazes de cobrir grandes áreas de frescura.

O calor seca tudo num instante. Quanto mais depressa isso acontece, mais se precisa de nova molha.

Que bom seria que Lisboa toda fosse banhada por pulverizações aquáticas – digamos, de duzentos em duzentos metros – levando os peões a andar mais um bocado, para voltar a apanhar um chuveirinho.

Foi nos Agostos mais impiedosos que aprendi o valor da água. Tinha sempre três *T-shirts* dentro de um tanque cheio de água e, mal uma delas secava e começava a aquecer, ia buscar uma molhadinha.

Mesmo no maior dos calores, é possível obter um precioso calafrio, com a ajuda de um bocadinho de sombra, uma cadeira, e um jacto de água dirigido às partes do corpo mais facilmente surpreendidas.

Um caixote de lixo novinho em folha também dá uma boa piscina, para quem não se importe de ler em pé. E, caso se queira sentar, basta enfiar os pés e as barrigas das pernas em 50 centímetros de água.

A água pode ser recolhida, filtrada e limpa e, passado um bocadinho, já está outra vez no ar, pronta para nova rega. É maravilhoso que a roupa seque tão depressa. Há agora uma combinação de linho e de algodão, vendida ao desbarato pelos chineses, que foi feita para se refazer de grandes molhas, tornando-se cada vez mais interessante a cada secura.

Sentimo-nos bem cada vez que saímos do chuveiro, porque, mais coisa, menos coisa, somos feitos de água. Quando somos encharcados, é como se estivéssemos a voltar a casa.

A água faz rir. Ficar todo molhado é uma das melhores surpresas que há.

Tem o efeito da adrenalina das situações perigosas, mas sem o perigo.

E, passados cinco minutos, seca.

ZOOM IÉMEN

KHALED ABDULLAH/REUTERS

Os protestos de apoio ao povo palestiniano em Gaza têm-se sucedido um pouco por todo o mundo. Nesta fotografia, manifestantes em Sanaa (Iémen) aproveitam para mostrar que também apoiam a Palestina e a Faixa de Gaza

P

publico.pt

Lisboa (sede: editor e redacção)
Edifício Diogo Cão,
Doca de Alcântara Norte
1350-352 Lisboa
Tel. 210 111 000

Porto
Rua Júlio Dinis,
n.º 270 Bloco A 3.º
4050-318 Porto
Tel. 226 151 000

DIRECTOR
David Pontes
Directores adjuntos
Andreia Sanches, Marta Moitinho Oliveira, Sónia Sapage, Tiago Luz Pedro
Directora de arte
Sónia Matos
Directora de design de produto digital
Inês Oliveira
Editoras executivas
Helena Pereira, Patrícia Jesus
Editor de fecho
José J. Mateus

Editor de Opinião Álvaro Vieira **Editor P2** Sérgio B. Gomes **Online** Ana Maria Henriques, Mariana Adam, Pedro Esteves, Pedro Guerreiro, Pedro Sales Dias (editores), Amílcar Correia (redactor principal), Carolina Amado, João Pedro Pincha, José Volta e Pinto, Marta Leite Ferreira, Miguel Dantas, Sofia Neves (última hora); Rui Barros (jornalista de dados); Ruben Martins, Inês Rocha (áudio); Joana Bougard (editora multimédia), Carlos Alberto Lopes, Joana Gonçalves, Mariana Godet, Teresa Miranda (multimédia); Amanda Ribeiro (editora de redes sociais), Ana Zayara, Michelle Coelho, Patrícia Campos (redes sociais) **Política** David Santiago (editor), Ana Sá Lopes, São José Almeida (redactoras principais), Ana Bacelar Begonha, Liliana Borges, Margarida Gomes, Maria Lopes, Nuno Ribeiro **Mundo** Ivo Neto, Paulo Narigão Reis (editores), Bárbara Reis, Jorge Almeida Fernandes, Teresa de Sousa (redactores principais), Rita Siza (correspondente em Bruxelas), Alexandre Martins, António Rodrigues, António Saraiva Lima, João Ruela Ribeiro, Leonete Botelho (grande repórter), Maria João Guimarães, Sofia Lorena **Sociedade** Natália Faria, Gina Pereira (editoras), Clara Viana (grande repórter), Alexandra Campos, Ana Cristina Pereira, Ana Dias Cordeiro, Ana Henriques, Ana Maia, Cristiana Faria Moreira, Daniela Carmo, Joana Gorjão Henriques, Mariana Oliveira, Patrícia Carvalho, Samuel Silva, Sónia Trigueirão **Local** Ana Fernandes (editora), Luciano Alvarez (grande repórter), André Borges Vieira, Camilo Soldado, Mariana Correia Pinto, Samuel Alemão, Teresa Serafim **Economia** Pedro Ferreira Esteves, Isabel Aveiro (editores), Manuel Carvalho (redactor principal), Cristina Ferreira, Sérgio Aníbal (grandes repórteres), Ana Brito, Luís Villalobos, Pedro Crisóstomo, Rafaela Burd Relvas, Raquel Martins, Rosa Soares, Victor Ferreira **Ciência** Teresa Firmino (editora), Filipa Almeida Mendes, Tiago Ramalho **Azul** Andrea Cunha Freitas (editora), Claudia Carvalho Silva (subeditora), Aline Flor, Andréia Azevedo Soares, Clara Barata, Nicolau Ferreira, Tiago Bernardo Lopes (multimédia), Gabriela Gómez (infografia), Rodrigo Julião (webdesign) **Cultura/Ípsilon** Paula Barreiros, Inês Nadais (editoras), Pedro Rios (editor Ípsilon), Isabel Coutinho (subeditora), Nuno Pacheco, Vasco Câmara (redactores principais), Isabel Salema, Sérgio C. Andrade (grandes repórteres), Daniel Dias, Joana Amaral Cardoso, Lucinda Canelas, Luís Miguel Queirós, Mariana Duarte, Mário Lopes **Desporto** Jorge Miguel Matias, Nuno Sousa (editores), Augusto Bernardino, David Andrade, Diogo Cardoso Oliveira, Marco Vaza, Paulo Curado **Fugas** Sandra Silva Costa, Luís J. Santos (editores), Alexandra Prado Coelho (grande repórter), Luís Octávio Costa, Mara Gonçalves **Guia do Lazer** Sílvia Pereira (coordenadora), Cláudia Alpendre, Sílvia Gap de Sousa **Ímpar** Bárbara Wong (editora), Carla B. Ribeiro, Inês Duarte de Freitas **P3** Inês Chaíça, Renata Monteiro (subeditoras), Mariana Durães **Terroir** Ana Isabel Pereira **Newsletters e Projectos digitais** João Pedro Pereira **Projectos editoriais** João Mestre **Fotografia** Miguel Manso, Manuel Roberto (editores), Adriano Miranda, Daniel Rocha, Nelson Garrido, Nuno Ferreira Santos, Paulo Pimenta, Rui Gaudêncio, Alexandra Domingos (digitalização), Isabel Amorim Ferreira (documentalista) **Paginação** José Souto (editor de fecho), Marco Ferreira (subeditor), Ana Carvalho, Cláudio Silva, Joana Lima, José Soares, Nuno Costa, Sandra Silva; Paulo Lopes, Valter Oliveira (produção) **Copy-desks** Aurélio Moreira, Florbela Barreto, Joana Quaresma Gonçalves, João Miranda, Manuela Barreto, Rita Pimenta **Design Digital** Alex Santos, Ana Xavier, Nuno Moura **Infografia** Célia Rodrigues (coordenadora), Cátia Mendonça, Francisco Lopes, Gabriela Pedro, José Alves **Comunicação Editorial** Inês Bernardo (coordenadora), João Mota, Ruben Matos **Secretariado** Isabel Anselmo, Lucinda Vasconcelos **Documentação** Leonor Sousa

Publicado por PÚBLICO, Comunicação Social, SA.
Presidente Ângelo Paupério
Vogais Cláudia Azevedo, Ana Cristina Soares e João Günther Amaral

Área Financeira e Circulação Nuno Garcia **RH** Maria José Palmeirim **Direcção Comercial** João Pereira **Direcção de Assinaturas e Apoio ao Cliente** Leonor Soczka **Análise de Dados** Bruno Valinhas **Marketing de Produto** Alexandrina Carvalho **Área de Novos Negócios** Mário Jorge Maia

NIF 502265094 | Depósito legal n.º 45458/91 | Registo ERC n.º 114410
Proprietário PÚBLICO, Comunicação Social, SA | Sede: Lugar do Espido, Via Norte, Maia | Capital Social €8.550.000,00 | Detentor de 100% de capital: Sonaecom, SGPS, S.A. | **Publicidade** comunique.publico.pt/publicidade | comunique@publico.pt | Tel. 210 111 353 / 210 111 338 / 226 151 067 | **Impressão** Unipress, Tv. de Anselmo Braancamp, 220, 4410-350 Arcozelo, Valadares; Empresa Gráfica Funchalense, SA, Rua da Capela de Nossa Senhora da Conceição, 50, 2715-029 Pêro Pinheiro | **Distribuição** VASP – Distrib. de Publicações, Quinta do Grajal – Venda Seca, 2739-511, Agualva-Cacém | geral@vasp.pt

Membro da APCT Tiragem média total de Maio **18.733 exemplares**

O PÚBLICO e o seu jornalismo estão sujeitos a um regime de auto-regulação expresso no seu Estatuto Editorial **publico.pt/nos/estatuto-editorial**
Reclamações, correcções e sugestões editoriais podem ser enviadas para **leitores@publico.pt**

ASSINATURAS Linha azul **808 200 095** (dias úteis das 9h às 18h)
publico.pt/assinaturas • **assinaturas@publico.pt**

Espaço público

O TEDH e a censura judicial

Escrever Direito

Francisco Teixeira da Mota

As condenações de Portugal, por violação da liberdade de expressão, pelo Tribunal Europeu dos Direitos Humanos já quase deixaram de ser notícia. E, no entanto, nunca é de mais lembrar a importância de liberdade de expressão não só para podermos dizer o que entendemos dever dizer, mas também para podermos ter acesso à informação, numa sociedade em que a informação é uma mercadoria de enorme valor.

O caso já se passou em 2011 e só agora o Tribunal Europeu dos Direitos Humanos se veio a pronunciar sobre o mesmo: Óscar Queirós, jornalista do *Jornal de Notícias*, noticiou, em 25 de Outubro, que um professor em Alijó tinha sido acusado pelo Ministério Público (MP) de Alijó por cinco crimes de abuso sexual de criança e um de maus tratos. E nessa notícia relatava os casos que constavam da acusação do MP, a que tinha tido acesso, uma vez que o processo já não estava em segredo de justiça, bem como o facto de o professor negar todas acusações e continuar a leccionar.

O professor recorreu aos tribunais acusando o jornalista da prática do crime de difamação e pedindo-lhe, e ao jornal, uma indemnização.

O Tribunal de Mirandela considerou que o jornalista não tinha mencionado no artigo que, posteriormente à acusação, tinha havido uma decisão (pronúncia) do juiz de instrução a remeter o processo para julgamento que só referia quatro crimes de abuso sexual de crianças e não cinco e um de maus tratos, como constavam da acusação. Além disso, o tribunal considerou que o tom do artigo afectava a presunção de inocência do professor e permitia que este fosse identificado através da utilização do seu nome próprio e da inicial do seu apelido. Para o tribunal, o artigo teve como consequência a suspensão laboral do professor e a consequente perda de rendimentos. Além disso, enquanto decorria o processo penal, tinham sido difundidos rumores difamatórios que tinham manchado a sua dignidade e reputação profissional.

Face à inconsistência factual do artigo – baseava-se na acusação e não na pronúncia, que era menos gravosa –, o Tribunal de Mirandela considerou que o interesse público da notícia não compensava o que considerou ser a falta de objectividade e rigor da mesma. E o jornalista foi condenado numa pena suspensa de 15 meses de prisão (!) e no pagamento de uma indemnização, conjuntamente com a Global Notícias, de 43.000 euros (!). O jornalista recorreu para o Tribunal da Relação de Guimarães, que, em 2019, confirmou a condenação, embora reduzindo o valor da indemnização para 21.900 euros.

Apresentou, então o jornalista, uma queixa no TEDH por violação da sua liberdade de expressão que foi decidida na passada terça-feira. O TEDH apontou o interesse público da notícia – até porque o professor continuava a leccionar – e sublinhou que a mesma tinha um carácter informativo e se baseava na acusação que o Ministério Público tinha deduzido e que constava do processo no Tribunal de Alijó, acessível ao público e que o jornalista tinha consultado previamente. Os tribunais portugueses tinham considerado que o artigo apresentava incoerências factuais, uma vez que não se baseava nos últimos desenvolvimentos processuais. Mas, para o TEDH, embora fosse verdade que o artigo não se referia a esses últimos desenvolvimentos processuais, relatava as acusações tal como constavam da acusação.

O professor recorreu aos tribunais acusando o jornalista da prática do crime de difamação e pedindo-lhe, e ao jornal, uma indemnização

O TEDH, embora reconhecendo que o artigo, com alegações de envolvimento em crimes de natureza sexual, era susceptível de causar prejuízos ao professor em causa, considerou que não podia estabelecer que os prejuízos tinham sido devidos à publicação do artigo, já que o processo penal existia por si e estava, na altura, pendente contra o professor.

Considerou, assim, o TEDH que os tribunais nacionais não tinham ponderado devidamente os interesses em jogo de acordo com os critérios estabelecidos na sua jurisprudência, e que a ingerência estatal na liberdade de expressão do jornalista, no seu direito de transmitir informações, não correspondia a uma necessidade social premente e, por conseguinte, não era "necessária numa sociedade democrática", sendo susceptível de desencorajar os meios de comunicação social de discutirem assuntos de interesse público legítimo, com um "efeito inibidor" sobre a liberdade de expressão e de imprensa. E, Portugal, foi mais uma vez condenado, mas desta vez não temos de pagar nada: o jornalista não fez prova de ter pago a indemnização ao professor...

P.S. Para quem gosta da nossa história criminal recente, aconselho a leitura do recém-publicado livro *Insubmisso – Memórias de Um Polícia*, de Eduardo Dâmaso e Teófilo Santiago. *Face Oculta*, *Apito Dourado*, *Aveiro Connection*... tem muito para se entreter!

Advogado. Escreve ao sábado

Pacto para o futuro

Júlia Seixas

Em Setembro próximo, reunir-se-ão em Nova Iorque os 193 países-membros das Nações Unidas para forjar um novo consenso internacional sobre como proporcionar um presente melhor e salvaguardar o futuro, a partir da cooperação internacional e multilateralismo. Múltiplos acordos e compromissos, como a Declaração Universal dos Direitos Humanos, a Agenda 2030 e o Acordo de Paris, entre muitos outros, fornecem o "o quê". A Cimeira do Futuro analisará o "como" – como podemos cooperar melhor para cumprir as aspirações e objetivos daqueles acordos? Como podemos responder de forma mais eficaz às necessidades do presente e preparar-nos para os desafios do futuro?

As recentes crises financeiras, a pandemia covid-19 e o desequilíbrio do sistema climático mostram à evidência que os acontecimentos numa parte do planeta acabam por afetar todos. É irresponsabilidade ou candura pensar-se que o nosso bem-estar não depende do bem-estar de todo o planeta e de todos quantos nele vivem. No estado atual em que parece imperar a fragmentação dos países, a cooperação internacional é, mais do que nunca, a peça-chave.

A cinco anos de 2030, mais de 80% das metas dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) revelam progressos limitados ou inversos. Os países europeus lideram a concretização dos ODS, os BRICS demonstram forte progresso e as nações pobres e vulneráveis ficam muito atrás. Porque não estamos a conseguir avançar globalmente para alcançar os ODS?

Algumas das respostas serão discutidas na Conferência Paving the Way to Pact of the Future, que decorre em 17 e 18 Junho em Lisboa, com a presença de pensadores proeminentes internacionais, destacando-se o professor Jeffrey Sachs, presidente da rede global Sustainable Development Solutions Network (SDSN). Os modelos de educação na maior parte dos países não estão adequados para fomentar o conhecimento, as práticas profissionais e a inovação para os ODS. *Transformar a educação* para o desenvolvimento sustentável deve ser um desígnio de todos, estando garantido o seu acesso, para que as próximas gerações de profissionais e líderes estejam equipadas com valores, conhecimento e ferramentas pertinentes. *Envolver os jovens de forma significativa* no desenho de políticas e nos processos de decisão é um fator acelerador dos ODS, dando-lhes responsabilidade e promovendo um diálogo mais clarificador sobre o futuro, que as gerações mais velhas inevitavelmente não conseguem sozinhas. O desenvolvimento dos países, baseado no crescimento do PIB e no PIB *per capita*, deve ser acompanhado por *indicadores para além do PIB*, sobre o bem-estar social e o capital natural, para orientar decisões políticas equilibradas.

É irresponsabilidade ou candura pensar-se que o nosso bem-estar não depende do bem-estar de todo o planeta e de todos quantos nele vivem

É o momento para reconhecermos que, para além da atenção ao curto prazo, não podemos descurar uma visão, uma agenda e o investimento de longo prazo. Só assim daremos passos seguros em direção a um planeta socialmente e ambientalmente equilibrado e saudável, sem deixar ninguém para trás. Devemos este Pacto para o Futuro já à geração atual, mas sobretudo às gerações vindouras.

Pró-reitora da Universidade Nova de Lisboa; presidente da SDSN Portugal

Sobre as regiões administrativas

Jorge Miranda

1. Com as regiões administrativas, pretendeu a Assembleia Constituinte, sem elas constarem de nenhum dos projetos de Constituição apresentados pelos partidos, criar espaços de poder local com funções mais ambiciosas do que as dos distritos ou das províncias anteriores. Preveem-nas os artigos 236.º e 255.º e seguintes da Constituição.

Em primeiro lugar, criadas as regiões autónomas dos Açores e da Madeira, a regionalização deveria estender se ao resto do país – aqui sob formas meramente administrativas – por um princípio de unidade nacional, por um princípio de democracia descentralizada e por terem de ser corrigidas no continente assimetrias paralelas às ditadas pela insularidade.

Em segundo lugar, em vários países europeus – na França, na Bélgica ou na Grã-Bretanha – estavam sendo ensaiados esquemas de organização regional contrapostos às fórmulas do passado. Embora os modos da regionalização e a extensão da autonomia não surgissem idênticos, quase todas as regiões europeias ocupavam um espaço físico maior e possuíam muitas mais capacidades de intervenção do que os distritos portugueses.

Um terceiro motivo prendia se com o planeamento regional: ele remontava ao regime anterior e era enfatizado pela Constituição (artigos 91.º e seguintes). Ora, para que ele se não tornasse mais um instrumento favorito da tecnocracia ou de burocracia, antes uma instância de democratização do Estado e da sociedade, importaria que os correspondentes órgãos assentassem na participação dos cidadãos, e não se via como esta pudesse dar se com eficácia sem o emergir de autarquias regionais.

Em quarto lugar, não obstante se querer desenvolver e reforçar a autonomia municipal, entendia-se que muitos dos concelhos só dificilmente poderiam exercer sozinhos todas as suas atribuições, mormente as ligadas a novas tarefas de ordenamento do território, de urbanismo, de transporte e de salubridade pública. Apenas num quadro mais vasto de articulação orgânica as poderia exercer.

2. Tudo isto viria, porém, a perder força ao longo dos anos e até hoje as regiões não passaram do texto constitucional para a realidade da vida administrativa, por falta de consenso acerca da divisão regional e pela subsistência de tendências centralizadoras com invocação dos custos financeiros que elas importariam.

Houve, porém, sucessivas oscilações constitucionais e legislativas quanto ao número das regiões. Na última vez eram oito – Entre Douro e Minho, Trás-os-Montes e Alto Douro, Beira Litoral, Beira Interior, Estremadura e Ribatejo, Lisboa e Setúbal, Alentejo e Algarve.

Em 1998 realizou-se um referendo de resultados negativos. A participação não chegou a 50% e mais de 60% dos votantes pronunciaram-se contra.

Destinos diferentes, embora com pouca efetivação, viriam a ter as autarquias locais correspondentes às grandes áreas urbanas e às ilhas nos artigos 236.º, n.º 3 e 256.º.

3. Entretanto, o Governo criaria, com áreas mais razoáveis, cinco comissões de coordenação e desenvolvimento regional - do Norte, do Centro, de Lisboa e do Vale do Tejo, do Alentejo e do Algarve - hoje reguladas pelo Decreto-Lei n.º 36/2022, de 26 de maio.

Declaradas institutos públicos da administração indireta do Estado, dispõem de poderes de definição estratégica e de execução nas áreas do ambiente, das cidades, da economia, da cultura, da educação, da saúde, do ordenamento do território, da conservação da natureza e da agricultura e pescas.

Nos seus órgãos diretivos avulta a presença de representantes eleitos dos municípios, até porque as Comissões de Coordenação e Desenvolvimento Regional recebem também incumbências de apoio às autarquias e respetivas associações.

4. Cabe então perguntar se as normas constitucionais relativas às regiões administrativas não terão caducado, como sucedeu com a referência à sociedade socialista no preâmbulo da Constituição e com os artigos 263.º a 265.º sobre as organizações de moradores.

Seria bom que isso não tivesse ocorrido (ou que não venha a ocorrer), porque as Comissões de Coordenação e Desenvolvimento Regional entram na desconcentração administrativa, expressão do poder do Estado e, diversamente, as regiões administrativas se situam no âmbito já da descentralização e do poder local.

Professor catedrático das Faculdades de Direito da Universidade de Lisboa e da Universidade Católica Portuguesa; constitucionalista

Verão turístico todo o ano

Rita Marques

Aproxima-se a denominada época alta, a qual compreende tradicionalmente os três meses com maior nível de procura turística: julho, agosto e setembro. Longe vão os tempos, no entanto, em que os empresários do setor faziam o ano com estes três meses. De facto, o peso relativo da procura turística neste período, relativamente ao total anual, tem vindo a diminuir, tendo atingido o ano passado o valor mais baixo de sempre: 35,2%. Tal significa que a concentração do número de dormidas ou de turistas nestes três meses do ano, apesar de ser importante, tem vindo a encolher.

Esta tendência é muito positiva. De uma perspetiva meramente económica, uma menor sazonalidade no turismo aumenta fortemente a capacidade das empresas do setor em manter postos de trabalho todo o ano. Proporciona, também, uma experiência turística de maior qualidade, com menos filas, menor congestionamento e um acolhimento mais personalizado. Mas há outras vantagens, também para quem cá trabalha e habita. Uma menor sazonalidade diminui o impacto negativo que o turismo pode ter sobre a comunidade, como a superlotação, o aumento do custo de vida e a perturbação da rotina diária dos residentes; e facilita o planeamento e a gestão dos destinos turísticos, permitindo evitar sobrecargas nos sistemas de transporte, abastecimento de água ou de saneamento, e serviços de emergência médica, por exemplo - temas tão críticos em Portugal.

Se é bem verdade que a sazonalidade turística depende de causas não controláveis, como seja o clima, as férias escolares ou os feriados, não é menos verdade que a sazonalidade pode e deve ser gerida, estimulando-se determinados comportamentos dos viajantes. Por exemplo, ao apostarmos na oferta de eventos culturais ou desportivos, festivais, feiras e exposições fora da época alta, conseguimos estimular a procura nesses períodos. De igual forma, ao apostarmos na dinamização de produtos turísticos que sejam atraentes todo o ano, em particular o enoturismo e o turismo gastronómico, o turismo de arquitetura, o turismo literário, ou o turismo de saúde e bem-estar, é muitíssimo possível que consigamos aliciar para Portugal turistas não estivais.

Tudo visto, a receita para dominar a sazonalidade não é difícil, mas exige persistência. E Portugal tem conseguido estar na linha da frente dos países mais perseverantes em combater a sazonalidade. Os resultados assim mostram: Portugal tem hoje uma taxa de sazonalidade (35,2%) muito inferior a Espanha (41,4%), Itália (38,3%) ou França (37,1%). Para a atingir, Portugal tem optado, de forma coerente e ao longo dos anos, pela diversificação da oferta turística, com novos produtos turísticos, muito para lá do sol e mar, e com infraestruturas turísticas de qualidade que são atrativas durante todo o ano.

Tem investido também em campanhas de promoção específicas para atrair turistas em épocas menos movimentadas; e, sobretudo, tem investido na manutenção da conectividade aérea todo o ano para diferentes mercados, em particular os Estados Unidos, o Canadá, a China ou a Coreia do Sul. O ataque à curva da sazonalidade tem sido uma prioridade desde há uns anos a esta parte para garantir a sustentabilidade do setor e dos destinos. E os resultados obtidos são, de facto, muito animadores.

Aproximando-se a denominada época alta turística, confirma-se que as perspetivas do setor do turismo são muitíssimo positivas. Mas, mais importante do que estas perspetivas, são os resultados que já se começam a desenhar para o último trimestre do ano, meses de inverno. Tudo aponta para que Portugal consiga bater as receitas turísticas de 25,1 mil milhões de euros de 2023, esperando-se que os meses de inverno de 2024 possam apresentar crescimentos superiores a 10%, tal como aconteceu, de resto, no ano passado. Ou seja, não faltará muito para que tenhamos um verão turístico todo o ano. É caso para dizer que a persistência compensa.

Co-directora do Executive Master Tourism Management da Porto Business School

Por impedimento do autor, não se publica a coluna semanal de José Pacheco Pereira, que regressa na próxima semana

Big Bang e sanções contra a Rússia: o mistério é igual

Coffee break

Bárbara Reis

Dei o meu melhor, mas para falar das sanções europeias contra a Rússia vou ter de pedir ajuda ao Big Bang.

Concluí que o mistério é igual – passe o exagero cósmico. O físico Vítor Cardoso diz que "Einstein fez batota para satisfazer o seu preconceito" e "mudou um pouquinho a matemática para que as equações se adaptassem à sua interpretação da realidade".

Fico a pensar se, neste caso mais prosaico das sanções, não estará a acontecer o mesmo.

Andei à procura de respostas para perceber se as sanções da União Europeia (UE) decretadas contra a Rússia funcionam e fiquei sem perceber. Há três hipóteses:

1. não serviram para o objectivo definido;
2. serviram sobretudo para ajudar a Rússia;
3. serviram sobretudo para prejudicar a economia europeia.

Em Fevereiro, a Comissão Europeia anunciou a adopção pelo Conselho Europeu do 13.º pacote de sanções. Diz uma nota oficial: "Dois anos após a invasão brutal da Ucrânia pela Rússia, o apoio da UE à Ucrânia e ao seu povo continua tão forte como sempre."

O novo pacote centra-se em "limitar ainda mais o acesso da Rússia a tecnologias militares", como os *drones*, e incluiu mais 194 empresas e pessoas nas listas das sanções personalizadas, que já vai em 2000.

O anúncio é de Fevereiro e as avaliações demoraram, mas apareceram. Os mais sábios e respeitados analistas olharam para os dados e tiraram as suas conclusões. Problema: são tão diferentes como o sol e a lua, o preto e o branco, o Verão e o Inverno.

Em Março, na *Foreign Policy*, uma colunista do *think-tank* European Council on Foreign Relations, Agathe Demarais, foi categórica. Escreveu uma análise cujo título é: "As alegações de que as sanções prejudicam mais a Europa do que a Rússia estão erradas". Tem vários argumentos – uns convincentes, outros não.

O artigo começa assim: "Dado que muitos dos partidos populistas europeus têm inclinações favoráveis à Rússia, talvez não seja de estranhar que gostem de papaguear os discursos do Kremlin. Actualmente, isso inclui apelar ao fim das sanções contra Moscovo, como muitos partidos europeus, da extrema-direita à extrema-esquerda, têm exigido."

Tudo verdade, nada a dizer.

Diz que a União Nacional (RN) de França, a Alternativa para a Alemanha e o primeiro-ministro húngaro, Viktor Orbán, argumentam que as sanções "saíram pela culatra", prejudicando as economias europeias e não Moscovo e que "é altura de desmentir estas afirmações erradas".

Insiste muito nos "amigos da Rússia", o que me faz ficar com um pé atrás, porque é um apelo ao maniqueísmo – quem questiona ou tem dúvidas sobre o que a UE faz, só pode ser amigo de Vladimir Putin.

Demarais diz que o argumento "mais popular dos políticos amigos da Rússia" é que as sanções estão a arruinar as empresas e os consumidores europeus. "A mais difundida destas afirmações – a de que as sanções causaram o aumento dos preços da energia (e da inflação) na Europa – é a mais fácil de desmentir: foi o ataque da Rússia à Ucrânia e a chantagem do gás contra a Europa que desencadearam o pico dos preços globais dos hidrocarbonetos no início de 2022. Os países ocidentais só começaram a impor sanções às exportações de energia da Rússia em Novembro desse ano." É um bom argumento.

Outra alegação, diz Demarais, é que as sanções estão a penalizar as empresas orientadas para a exportação, que perderam acesso ao mercado russo. "A realidade é provavelmente mais benigna", escreve. "A Rússia nunca foi um mercado importante para as empresas da UE, com as empresas russas a comprarem só 4% das exportações da UE em 2021. Considerando que cerca de metade das exportações da UE para a Rússia são objecto de sanções, isto significa que só 2% das exportações da UE são afectadas." Outro bom argumento.

Demarais cita o Centre d'Etudes Prospectives et d'Informations Internationales, francês, e diz que os dados mostram que as sanções tiveram um impacto "quase insignificante" na economia francesa – 0,8% das exportações francesas, ou seja, 4 mil milhões de euros, ou seja, 0,1% do PIB francês. Sugere que podemos extrapolar para outros países. Vamos em três bons argumentos.

A seguir, não compreendo o raciocínio. Diz Demarais que outra alegação é a de que as empresas da UE foram forçadas a abandonar os investimentos na Rússia e que o *Financial Times* calculou que entre a invasão e Agosto de 2023, as empresas europeias tiveram perdas de 100 mil milhões de euros na Rússia. "Mas a ideia de que isso tem muito que ver com sanções não passa num exame fino". Porquê? Porque as sanções não impedem as empresas europeias de fazer negócios na Rússia, excepto em alguns sectores, como a defesa. As perdas têm outras causas: "Muitas optaram por retirar-se por medo de riscos para a sua reputação ou por não quererem pagar impostos russos e, assim, contribuir para a guerra de Moscovo."

Parece-me ilógico. Era previsível que as grandes empresas saíssem da Rússia após as sanções e foi isso que aconteceu. Como é que a saída das empresas não "tem muito que ver com sanções"? Sair da Rússia é um efeito das sanções.

As sanções da UE contra a Rússia funcionam? As respostas são tão diferentes como o sol e a lua, o preto e o branco, o Verão e o Inverno

ANATOLY MALTSEV/EPA

O *Financial Times* e a Reuters analisaram os relatórios de contas de 600 grupos europeus a operar na Rússia e concluíram que 176 empresas tiveram graves prejuízos em resultado da venda, fecho ou redução das actividades na Rússia após as sanções.

Outra das consequências das sanções são as expropriações de gigantes europeus como a Danone e a Carlsberg. Há uns dias, a Danone anunciou laconicamente que vendeu a sua operação na Rússia – quase 20 fábricas – à Vamin Tatarstan, uma empresa russa de produtos lácteos cujo proprietário é Mintimer Mingazov, de 29 anos. Quando foi expropriada, o Kremlin entregou o controlo da Danone a Yakub Zakriev, de 33 anos, sobrinho de Ramzan Kadirov, homem forte da Tchetchénia. Agora, ficou tudo resolvido – bem resolvido para os oligarcas russos. A Rússia terá comprado a Danone com um desconto de 60% e a Danone terá tido um prejuízo de 1,2 mil milhões de euros.

Para complicar, o Rexecode, um respeitado *think-tank* francês, defende que as sanções ocidentais contra a Rússia foram ineficazes: "O esperado colapso da economia russa na sequência das sanções impostas após a invasão da Ucrânia não ocorreu. Entre a evasão das sanções e a reorganização dos fluxos comerciais, especialmente em benefício da China, a Rússia viu o seu PIB aumentar 3,6% em 2023, numa primeira estimativa, após uma recessão moderada em 2022."

Além disso, apesar de estar a exportar menos petróleo por causa das sanções, a Rússia está a ter mais receitas porque o preço do barril subiu muito. Em Abril, a Reuters noticiou que as receitas do petróleo e do gás da Rússia duplicaram em relação ao ano anterior, para 14 mil milhões de dólares, e, há dias, a Bloomberg actualizou os dados e concluiu o mesmo.

Os novos clientes da Rússia fazem parte da equação. Em Março, as importações chinesas de crude russo Sokol atingiram um máximo histórico de 0,97 milhões de toneladas – a China aceitou até os carregamentos de Sokol retidos e rejeitados pela Índia. E, ao mesmo tempo, as receitas russas das exportações de crude para a Índia aumentaram 50%.

Talvez por tudo isto, há dias, Wolfgang Munchau, célebre ex-diretor do *Financial Times* na Alemanha e hoje director do *Eurointelligence*, escreveu no X: "O nosso principal artigo desta manhã é sobre as sanções da UE que acabaram por nos prejudicar mais do que a Putin."

Em 2022, escrevi duas vezes sobre ser raro as sanções resultarem – arrastam-se, mal tocam nas elites e aumentam o sofrimento das populações. Não vou repetir os argumentos.

Cardoso, o físico, conta que, quando Einstein viu que a realidade o desmascarara, disse que "o maior erro da sua vida foi tentar mudar as equações para se adaptarem ao que ele pensava". Vamos ver se alguém vai admitir o erro sobre o efeito das sanções à Rússia. Alguém está errado. Em princípio.

Jornalista. Escreve ao sábado

Eleições europeias, uma cobertura equilibrada

Coluna do Provedor

José Alberto Lemos

Nunca o provedor tinha recebido tantas mensagens de leitores sobre um mesmo assunto

Apesar de a abstenção indicar que os eleitores portugueses se envolvem bastante menos nas eleições europeias do que nas legislativas, os leitores do PÚBLICO parecem contrariar essa tendência e prestaram idêntica atenção à cobertura dos dois actos eleitorais recentes.

As eleições para o Parlamento Europeu (PE) realizaram-se no passado domingo e os debates televisivos arrancaram no dia 13/5. No dia seguinte, o jornal colocou na capa uma foto em que a candidata do PS, Marta Temido, aparece em destaque e apenas se entrevê, de costas, o candidato da AD, Sebastião Bugalho.

Uma opção que mereceu severas críticas de alguns leitores. "Houve um debate entre quatro e quem vem lá é a sorridente Temido, com outro desfocado de costas e os outros dois foram para o olho da rua. Isto é jornalismo sério?", perguntou o leitor Carlos Ilharco.

"Num debate com quatro candidatos, o vosso jornal coloca na primeira página (apenas) a fotografia da candidata do PS. Pergunto: é isto informação isenta?", corrobora a leitora Leonor Parreira.

Para o leitor Diogo de Macedo, "mais uma vez o PÚBLICO, de forma tendenciosa, privilegia a sua preferência política ao colocar na primeira página Marta Temido, quando o primeiro debate televisivo teve mais três candidatos. Se o PÚBLICO pretende ser porta-voz do PS deve assumi-lo editorialmente e não continuar a omiti-lo aos leitores."

Na mesma linha, o leitor Álvaro Matos pergunta: "Por acaso o PÚBLICO virou órgão de informação do Partido Socialista? Foi para contrabalançar um péssimo desempenho da candidata deste partido? Qual o critério editorial que justifica tal escolha? Onde fica o jornalismo livre, independente e plural que o PÚBLICO apregoa?" E responde, apelidando-o de "jornalismo partidário, ainda que encapotado", "um verdadeiro tratado do que não deve ser o jornalismo escrito".

Mais lacónico, o leitor Carlos Martinho deixou um "desabafo". "Esta capa, com a candidata do PS, numa nítida salvaguarda da candidata e do seu partido, atira a opção editorial para níveis muito baixos, rasteiros."

Isto foi no dia 14 de Maio. Nove dias depois, a 23 de Maio, o jornal publicou uma entrevista com o candidato da AD, que surgiu em grande plano na capa. E, no dia seguinte, 24/5, saiu uma entrevista em moldes idênticos com a candidata do PS, que não teve foto na capa, nem qualquer outra referência. Neste dia, a grande foto foi a da cantora Taylor Swift, que nessa noite actuava em Lisboa.

Este aparente "desequilíbrio" no tratamento dos dois principais candidatos ao PE provocou nova "chuva" de críticas, de pendor simétrico. "Fiquei desapontado por ver o meu jornal tratar as candidaturas da AD e do PS de forma tão pouco isenta. Que escolha tão tendenciosa!", apontou o leitor Octávio Miranda.

"A referência à entrevista de Marta Temido, sem foto de primeira página, foi atirada para um canto! Assim se manipulam os conteúdos num jornal de referência. Todos nós, leitores, temos de aprender a lidar com os jornalistas, que do alto da sua sapiência em estudos do jornalismo hodierno, nos tentam manipular factos e opiniões", acusou o leitor Carlos Antunes.

Quem se manifestou também "veementemente contra a absoluta incoerência e, pelo menos aparente, falta de independência jornalística" foi o leitor Miguel Reis. "Das duas uma: ou seguem uma política de razoável independência, e tratam todas as campanhas igualmente, ou, se querem fazer propaganda ao Bugalho e ao partido do Governo, assumam-se, como muito bem fazem os jornais britânicos e americanos, passando os leitores a escolher melhor e mais informadamente quem querem ler. Assim, fingirem-se independentes, quando em aparência não o são, é que não."

Mais peremptório foi o leitor Alcindo Barbosa, que acusa o PÚBLICO de "ter falhado na sua função de jornal socialmente respeitado ao assumir uma clara posição por um dos candidatos e, ainda por cima, de forma algo escondida, para não dizer subliminar, o que é ainda mais grave". Por isso, "foi parcial, deitou para o caixote do lixo valores e princípios que devem nortear a nobre arte de informar com rigor e isenção". O leitor concede que o jornal "é livre de fazer as suas opções editoriais. Os portugueses são livres para deixarem de o comprar, por perda de confiança."

Ainda o Ímpar

Na coluna da semana passada, escrevi que "o Ímpar só tem edição digital e raramente as suas peças surgem na edição impressa". É uma afirmação imprecisa. Há peças do Ímpar que surgem na edição impressa com frequência semanal e há contributos para outras secções do jornal. Além de que edita uma revista semestral. Pelo lapso, as minhas desculpas.

O balanço da cobertura eleitoral mostra claramente que houve preocupação em equilibrar as duas principais candidaturas nos destaques da capa

Sentindo-se "enganada e traída", a leitora Maria Azevedo deixou de considerar o PÚBLICO "sério e coerente" e já não acredita "nas confissões repetidas de independência". O jornal "tem inclinações partidárias nítidas, tanto no conteúdo como na forma. Não deixa espaço à diferente opinião e ataca, preferencialmente, a esquerda."

A estas críticas cruzadas respondeu a directora adjunta Andreia Sanches. Revela que tinha sido decidido dar destaque na capa ao primeiro debate televisivo e que não havia "muitas opções de fotografia", que são fornecidas pela estação de televisão, pelo que a escolha recaiu na de Marta Temido.

"A pré-campanha e campanha duram muito tempo e planeámos escolhas de primeira página que evitem uma representação desequilibrada entre os vários candidatos, não negligenciando, obviamente, o diferente peso político de cada um", explica.

No segundo caso, o "aparente desequilíbrio" dado às entrevistas a Sebastião Bugalho e a Marta Temido, "a resposta passa por essa atenção ao período longo da campanha para encontrar o equilíbrio entre candidatos. Ainda não tínhamos feito primeira página dando a fotografia principal a Sebastião Bugalho; fizemo-lo no dia em que publicámos uma entrevista com ele. No dia seguinte, publicámos a entrevista a Marta Temido, mas como já tínhamos feito a capa a 14 de Maio, a decisão foi não voltar a colocá-la como imagem principal."

A directora adjunta admite, contudo, ser "questionável" o facto de "não ter feito qualquer chamada à capa da entrevista a Marta Temido". E descreve o contexto em que a omissão sucedeu. "A manchete desse dia era da Política (sondagem), a submanchete era da Política/Economia (pacote do Governo para a juventude) e, com dois anúncios publicitários, restavam apenas duas chamadas (além da foto principal, da Taylor Swift, cujo concerto acontecia nesse dia em Lisboa)".

Para diversificar, Andreia Sanches escolheu uma chamada da Sociedade e outra do Mundo. Mas reconhece que "neste caso, para assegurar um maior equilíbrio em tempos de campanha eleitoral, se deveria ter incluído mais uma chamada de política: a da entrevista à cabeça de lista do PS".

Nunca o provedor tinha recebido tantas mensagens de leitores sobre um mesmo assunto. Embora simetricamente divergentes, elas reflectem olhares particularmente atentos e sensíveis em tempos de campanha eleitoral. Olhares que, sendo legítimos, são marcados por posicionamentos políticos e mundividências que tomam, muitas vezes, a parte pelo todo e perdem a visão de conjunto, conduzindo a conclusões precipitadas.

Uma análise das primeiras páginas do jornal no período de campanha e pré-campanha eleitoral mostra que a candidata do PS e o candidato da AD tiveram duas grandes fotografias cada um na capa. Marta Temido nos dias 14 de Maio e 5 de Junho, e Sebastião Bugalho nos dias 23 de Maio e 7 de Junho. Para além deste equilíbrio, surgiram os dois juntos a 22 de Maio na chamada sobre uma sondagem na barra superior do jornal e Marta Temido apareceu ainda no dia 28 de Maio na barra superior numa pequena foto de reportagem.

Jornalismo não é contabilidade noticiosa ou fotográfica, nem o PÚBLICO é o boletim da Comissão Nacional de Eleições, como sabemos, mas o balanço da cobertura eleitoral mostra claramente que houve preocupação em equilibrar as duas principais candidaturas nos destaques da primeira página.

Poderia não ter sido assim se, porventura, a actualidade tivesse imposto outras opções durante a campanha. Como sucedeu, por exemplo, nas legislativas, quando Luís Montenegro foi agredido com tinta – essa era, sem dúvida, a foto da capa, independentemente de eventuais preocupações de equilíbrio.

Mas um olhar distanciado e final sobre a cobertura das europeias não cauciona as críticas dos leitores, que foram todas parcelares e... prematuras.

provedor@publico.pt

Voto em mobilidade nas presidenciais nas mãos de PS e PSD

O Governo faz uma avaliação positiva da utilização dos cadernos eleitorais digitais nas europeias, mas a decisão de tornar a "excepção" uma regra dependerá de um entendimento entre o PS e o PSD

Liliana Borges

O Governo faz "um balanço muito positivo" da realização das eleições europeias em mobilidade com recurso a cadernos eleitorais desmaterializados, e não vê razões para que o modelo não possa ser replicado em futuras eleições. As próximas eleições com o mesmo boletim para todo os eleitores serão as presidenciais de 2026. E a decisão quanto ao recurso ao voto em mobilidade nas presidenciais depende da vontade do Parlamento, sendo necessário que PS e PSD se entendam para haver uma mudança da lei eleitoral. No entanto, para já nenhum dos dois se quer comprometer.

Numas eleições que são tradicionalmente menos participadas, a abstenção nestas europeias foi a mais baixa dos últimos 20 anos, fixando-se nos 62,5%. Ou seja, dos 10,4 milhões de eleitores inscritos, 3,9 milhões decidiram ir às urnas. Embora o número fique aquém da afluência conseguida nas eleições legislativas de 10 de Março, a participação eleitoral nas europeias foi vista pelo Governo como podendo estar, pelo menos em parte, relacionada com a facilidade de logística trazida pelos cadernos digitais, permitindo a qualquer eleitor votar numa zona e mesa eleitoral à sua escolha.

O primeiro balanço do modelo digital chegou logo na noite eleitoral pela voz do primeiro-ministro. Luís Montenegro elogiou a "máquina eleitoral" e a "demonstração" da "capacidade de inovar e aproveitar a tecnologia para facilitar a participação cívica e política dos cidadãos". O líder do executivo reconheceu que chegou a ter alguma "apreensão", mas acabou a defender o sucesso da operação e a assinalar as vantagens de repetir o modelo em eleições futuras.

Por sua vez, em conversa com o PÚBLICO, o secretário de Estado da Administração Interna, Telmo Correia, sublinha que "existem constrangimentos em diferentes tipos de eleições", uma vez que nas eleições legislativas e autárquicas os boletins de voto não são todos iguais, pelo que não será indiferente votar em Lisboa ou em Vila Real. Mas não vê entraves para as presidenciais.

Uma das soluções admitidas pelo Governo para aplicar os cadernos digitais numas eleições legislativas, apurou o PÚBLICO, seria restringir o modelo de mobilidade ao círculo eleitoral onde cada eleitor está recenseado. Ou seja, um eleitor do círculo eleitoral de Viseu poderia votar não apenas no local em que está recenseado, mas em qualquer mesa eleitoral deste círculo (seja em Resende, Nelas ou Tondela, por exemplo). Mas também isso carece de luz verde do Parlamento.

De acordo com as respostas enviadas ao PÚBLICO pelo ministério tutelado por Margarida Blasco, todos os envolvidos no processo "ficaram agradados" não só com a digitalização do processo, mas "principalmente com a possibilidade de se poder votar em qualquer mesa de voto, sem necessidade de qualquer inscrição". O balanço é claro: "Todos os intervenientes consideraram uma medida de modernização muito positiva e que deve continuar no futuro." Mas essa é uma vontade que não depende do executivo.

PAULO PIMENTA

Recurso aos cadernos digitais mereceu elogios generalizados e poderá ter contribuído para descida da abstenção nas europeias do passado domingo

Telmo Correia admite que voto em mobilidade é possível nas próximas eleições presidenciais

JOSÉ SENA GOULÃO/LUSA

Uma vez que se trata de uma alteração à lei eleitoral, a "opção é do legislador, já que para serem de novo utilizados deverá necessariamente haver alterações às leis eleitorais", destaca o Ministério da Administração Interna, em resposta ao PÚBLICO.

Ora, como uma alteração à lei eleitoral exige uma maioria de dois terços dos deputados do Parlamento – o que corresponde a 154 dos 230 deputados que se sentam no hemiciclo –, a decisão depende do entendimento entre sociais-democratas e socialistas. Para já, nem o PS nem o PSD querem assumir um compromisso, embora ambos considerem que os cadernos digitais merecem nota positiva. Os dois partidos preferem aguardar pelas conclusões do relatório que será apresentado pela Comissão Nacional de Eleições (CNE) à Assembleia da República, no prazo de três meses.

O PÚBLICO sabe que na bancada do PS o entendimento generalizado é que só depois de ser conhecido o relatório da CNE é que fará sentido reflectir sobre a disponibilidade do partido para se entender com o PSD nesta matéria. Do lado do PSD, o líder da bancada parlamentar, Hugo Soares, considera que a desmaterialização dos cadernos "foi um sucesso nas últimas eleições europeias", mas ressalva que as decisões mais concretas chegarão "a seu tempo". E nem PS nem PSD antecipam se admitem transformar o regime excepcional aplicado às europeias numa regra para todas as eleições com círculos eleitorais únicos.

Também o porta-voz da CNE, Fernando Anastácio, argumenta que "é prematuro" assumir uma posição sobre o tema enquanto decorre a avaliação do processo. Contudo, acrescenta, "a realidade dos cadernos eleitorais desmaterializados está aí" e, por isso, caberá ao Parlamento "fazer a avaliação sobre se este modelo, ou outro que tenha por base a utilização dos cadernos eleitorais desmaterializados, possa ter lugar".

Fernando Anastácio afirma, porém, que "com certeza" existem "condições para replicar este modelo em círculo eleitoral único", sendo as presidenciais de 2026 "uma eleição que encaixa nesse formato".

Após o parecer da CNE haverá ainda uma auditoria independente por parte de uma entidade não relacionada com os procedimentos eleitorais, para avaliar a robustez, segurança e fiabilidade do sistema de cadernos eleitorais desmaterializados. O balanço será remetido ao Governo, à Assembleia da República e à CNE até 6 de Dezembro.

Computadores parados

Questionado sobre o que será feito dos equipamentos informáticos utilizados no último domingo, incluindo os 29 mil computadores adquiridos para as eleições europeias, o Governo responde que ficarão "à guarda das câmaras municipais" até data incerta.

Caso no futuro se opte por repetir este modelo eleitoral, os equipamentos informáticos poderão ser reutilizados, mas serão necessárias actualizações de *software*, "nomeadamente em virtude da entrada em vigor de uma nova versão do cartão de cidadão e de uma nova versão de *software* que o suporta", explica o ministério.

Pedro Nuno diz que Montenegro “não tem vontade de construir nada com o PS”

David Santiago

Governo respondeu garantindo que continuará a governar apesar das “tentativas de bloqueio que os outros possam fazer”

A Feira da Agricultura de Santarém foi a mesa usada nas últimas 24 horas por Pedro Nuno Santos e Luís Montenegro para novo pingue-pongue sobre quem quer mais dialogar e quem quer menos a estabilidade política.

Depois de na quinta-feira ter passado pelo certame, acompanhado pelo Presidente da República, o primeiro-ministro atirou contra o PS, garantindo que o Governo da AD continuará a governar quer haja, ou não, convergência com a oposição. Montenegro respondia assim às acusações da líder parlamentar socialista, que, na véspera, tinha criticado o executivo por pretender contornar o Parlamento através de autorização legislativas que evitam ter de “apresentar propostas de lei” aos deputados.

Alexandra Leitão respondia, por sua vez, ao ministro dos Assuntos Parlamentares, que havia acusado o PS de pôr em causa a governação com a aprovação de medidas no Parlamento contra a vontade do executivo.

“Acha mesmo que os portugueses querem saber se as propostas do Governo são propostas de lei ou propostas de autorização legislativa?”, questionou Montenegro em resposta a perguntas dos jornalistas. E acrescentou: “Pergunto se é nisto que se concentram os agentes políticos. Se é, eu desejo-lhes boa sorte para essa tarefa, porque a minha é diferente: é a vida concreta das pessoas, é a resolução dos problemas das pessoas.”

Ao final da manhã de ontem, Pedro Nuno Santos reagiu à reacção do primeiro-ministro, garantindo ter ouvido “com preocupação” a tirada de Luís Montenegro, contrapondo que no PS existe “disponibilidade para construir essa convergência” e que se a mesma não está a ser promovida é por indisponibilidade do Governo.

O líder socialista aduziu dois argumentos para justificar a preocupação do partido. “Quando o senhor primeiro-ministro diz que governa a pensar na vida concreta dos portugueses, ora não é verdade. Temos assistido a um conjunto de medidas vendidas como sendo destinadas à classe média, mas que só beneficiam, ou beneficiam muito mais, uma minoria a que este Governo chama ‘classe média’”, afirmou, em declarações transmitidas pela RTP3, numa clara referência à proposta inicial de PSD e CDS para os escalões do IRS.

PAULO CUNHA/LUSA

Pedro Nuno Santos visitou ontem a Feira da Agricultura, em Santarém

> **O líder socialista acusou o executivo da AD de governar a pensar em privilegiar uma minoria**

O segundo argumento diz respeito ao que considera a indisponibilidade de Montenegro, para além de proclamar querer dialogar, passar das palavras aos actos. “Reiteradamente o sr. primeiro-ministro mais uma vez vem confirmar que não está interessado em envolver o Parlamento, envolver a oposição (...). Isso é preocupante, porque temos na pessoa do primeiro-ministro o principal agente da instabilidade política em Portugal (...). Não tem nenhuma vontade de construir o que quer que seja com o PS, mesmo não tendo uma maioria para viabilizar a sua governação.”

Pedro Nuno Santos criticou ainda a vontade do executivo, ontem noticiada pelo *Expresso*, de “reverter algumas medidas que foram aprovadas no Parlamento” no Orçamento do Estado para 2025. “Há alterações legislativas e fiscais aprovadas no Parlamento que, aparentemente, o Governo está a estudar como pode reverter em sede orçamental.”

Lamentando que Montenegro esteja “sempre à procura de responsabilizar os partidos da oposição pela instabilidade política”, Pedro Nuno defende que “o primeiro-ministro vai mostrando que não está nada interessado em ter estabilidade política”, estando, ao invés, a contribuir para uma “crise política que todos devíamos querer evitar.”

Pedro Nuno Santos voltou a avisar que o “Governo não se pode comportar como se tivesse maioria absoluta” e que o PS não aprovará de cruz as medidas pretendidas pelo executivo sem que haja negociação prévia: “Isso não vai acontecer nunca.”

Já no briefing do Conselho de Ministros realizado ao início da tarde de ontem, o ministro da Presidência foi a jogo para continuar a troca de farpas, frisando que o compromisso do Governo passa por “resolver problemas independentemente dos ciclos políticos e independentemente das tentativas de bloqueio que os outros possam fazer”.

Miguel Albuquerque acredita que há condições para aprovar programa do Governo da Madeira

O presidente do Governo Regional da Madeira, Miguel Albuquerque, reiterou ontem que estão reunidas todas as condições para o programa do executivo ser aprovado, por existir “toda a disponibilidade” de diálogo com a oposição. “Nós, neste momento, temos todas as condições para ter o programa do Governo aprovado, até porque o programa que vamos hoje [ontem] apresentar contempla um conjunto de iniciativas e de projectos que estão consubstanciados num grande número de programas dos próprios partidos da oposição”, disse o governante madeirense aos jornalistas, à margem de uma visita a um restaurante no concelho da Calheta.

Miguel Albuquerque falava antes de entregar, ao final da tarde, o programa do Governo Regional da Madeira para os próximos quatro anos, na sequência das eleições antecipadas realizadas em 26 de Maio, nas quais o PSD elegeu 19 deputados num universo de 47, ficando aquém da maioria absoluta (24 parlamentares).

O documento será discutido a partir de terça-feira na assembleia legislativa e a votação está agendada para o dia 20. O PS e o Chega já anunciaram o voto contra o documento, pelo que, se o JPP se juntar a esta posição, haverá um chumbo. Após as eleições, apesar de não conseguirem uma maioria absoluta somando os seus deputados, o PS e o JPP fizeram um acordo para tentar retirar o PSD do poder, o que não se concretizou.

Segundo Albuquerque, existem propostas de outras forças políticas que “não colidem” com as do PSD. Por isso, assegurou haver “toda a disponibilidade para continuar a dialogar com os partidos com assento parlamentar” e para integrar alguns dos projectos que “são comuns à maioria das candidaturas”, enunciando a redução fiscal, a questão da mobilidade aérea e marítima, e o reforço dos apoios sociais.

“E, obviamente, vamos incorporar neste programa que hoje [ontem] é apresentado as propostas que, do nosso ponto de vista, são lógicas e são válidas dos partidos da oposição, exactamente para demonstrar que nada obsta a que este programa do governo seja aprovado”, salientou, referindo que foram englobadas “algumas propostas do Chega, do JPP, do PAN, da IL”. Uma delas é o lançamento de um novo concurso internacional para assegurar uma ligação por *ferry-boat* com o continente, que é defendida pelo JPP.

O governante social-democrata Miguel Albuquerque entregou ontem o programa do novo Governo

Albuquerque reforçou que não “há nenhuma razão para se continuarem a fazer jogos políticos”. Os partidos, disse, precisam “sentar-se, conversar e aprovar o programa do governo”.

No seu entender, o que está agora em causa “é a população da Madeira, é a vida social e económica da Madeira”. E acrescentou: “A actual situação não é compatível com mais impasses” e é imprescindível “resolver um conjunto de questões que estão pendentes”, como os fundos europeus até 2030, que têm de ser “regulamentados e aprovados”, para o apoio às empresas e aos outros sectores de actividades. “Há também que levar em linha de conta as próprias carreiras, o salário, a actualização salarial. Tudo isso está em jogo.”

Questionado sobre a divulgação por parte dos partidos da oposição da rejeição de um programa do governo regional que seja liderado por ele, respondeu: “Isso é uma desculpa. Eu sou líder do partido e fui eu, como líder do partido, que fui sufragado pelos madeirenses e porto-santenses. Essa questão é uma desculpa e não tem acolhimento, nem cabe do ponto de vista lógico, porque quando eu fui a eleições toda a gente sabia – e quem votou, o eleitorado – que eu era o candidato a presidente do governo.”

A eventual rejeição do Programa do Governo da Madeira implica a queda do executivo, que fica em gestão até que um novo seja nomeado ou até que haja novas eleições antecipadas, apenas possíveis no início de 2025. **Lusa**

Política

O 25 de Novembro é dos democratas, não pode ficar refém da extrema-direita

A semana política

São José Almeida

Eleito deputado ao Parlamento Europeu, como número dois da lista do PS, Francisco Assis despediu-se, na terça-feira, da Assembleia da República com um importante e brilhante discurso, em que mostrou não só a sua capacidade oratória, a sua solidez intelectual e a sua qualidade política, mas demonstrou também o quanto pugna pela defesa dos princípios basilares da democracia liberal que existe em Portugal desde o 25 de Novembro de 1975.

Foi precisamente num debate no hemiciclo sobre esta data fundamental da democracia portuguesa, em que estavam em discussão três propostas. Uma delas era um projecto de deliberação do CDS que propunha que a Assembleia da República comemorasse esta data, anualmente, com uma sessão parlamentar evocativa. Outra proposta foi apresentada pela Iniciativa Liberal para que o cinquentenário do 25 de Novembro fosse incluído nas celebrações do 25 de Abril. E uma terceira apresentada pelo Chega para que o 25 de Novembro passasse a ser feriado nacional.

O PS apenas votou a favor da proposta da Iniciativa Liberal, e o PSD só votou contra a do Chega. Não deixando de assinalar o carácter provocatório da proposta do partido de André Ventura, mais uma das suas tiradas populistas radicais de extrema-direita, o facto é que o significado do 25 de Novembro volta a correr o risco de ficar refém da extrema-direita, que tenta impor a sua agenda política ao PSD e ao país.

É certo que o CDS teve aqui um papel determinante, ao abrir a porta para um debate que André Ventura cavalgou. E é pena que o CDS não tenha percebido o risco que estava em causa — a tentativa de capitalização populista por parte do Chega —, se bem que seja uma realidade que, no passado, o CDS já tentou dar ao 25 de Novembro um estatuto histórico e simbólico de data fundadora da democracia. Não é. A data seminal do actual regime democrático, da Terceira República, é o 25 de Abril.

Foi preciso que Francisco Assis subisse à tribuna para que a verdade política e histórica fosse reposta. E fê-lo de forma extraordinária e cristalina. Assumindo que o PS estava "completamente à vontade" para falar sobre o 25 de Novembro, mas também para votar contra a criação da sessão parlamentar solene comemorativa do 25 de Novembro, logo a abrir a sua intervenção, Francisco Assis fez questão de assumir: "Não há personalidade política civil mais ligada ao 25 de Novembro do que o doutor Mário Soares e o PS é — e será sempre — o partido do doutor Mário Soares."

Pena é que haja socialistas que não estão assim tão à vontade com a herança e o papel do PS no combate pela democracia. Ou pelo menos foi o que pareceu, no debate de terça-feira. Quando Francisco Assis terminou o seu discurso, a bancada do PS aplaudiu de pé, até o líder parlamentar do PSD aplaudiu de pé, e usou da palavra para prestar "tributo" a Francisco Assis, em nome da bancada do PSD. Mas ficou sentada a bater palmas toda a primeira fila da bancada do PS, onde estava o secretário-geral, Pedro Nuno Santos, a líder parlamentar, Alexandra Leitão, e os vice-presidentes da bancada Marina Gonçalves e Pedro Delgado Alves.

Lembrando que "o PS liderou o combate" político contra a deriva do 25 de Abril e do processo democrático para democracia popular de inspiração marxista-leninista, Francisco Assis tratou de recordar que "os vencedores do 25 de Novembro foram o Grupo dos Nove" e não a direita. Foi a publicação de um documento crítico da linha política que governava o país, assinado por um grupo de militares, liderados por Ernesto Melo Antunes, que incluía Vasco Lourenço, Pezarat Correia, Franco Charais, Vítor Alves, Costa Neves, Sousa e Castro, Canto e Castro e Vítor Crespo, que deu enquadramento militar ao combate político do PS de Mário Soares. E permitiu que a 25 de Novembro um conjunto de militares moderados, liderados por Ramalho Eanes, vencessem militarmente e o caminho da democracia portuguesa retomasse a demanda da construção de uma democracia liberal, assente num Estado social, na linha do modelo social europeu, prometida e lançada pela revolução do 25 de Abril.

Pena é que haja socialistas que não estão assim tão à vontade com a herança e o papel do PS no combate pela democracia. Ou pelo menos foi o que pareceu, no debate de terça-feira

NUNO FERREIRA SANTOS

Aliás, a importância de Mário Soares e do PS, bem como do Grupo dos Nove para o sucesso democrático do 25 de Novembro, é explicado por Manuel Alegre, na obra *Memórias Minhas*, e foi explicitado ao PÚBLICO, em entrevista, a propósito do lançamento deste livro. Disse então Manuel Alegre: "Do ponto de vista político, o Partido Socialista esteve só. Foi o Partido Socialista que organizou as manifestações. Não quer dizer que os outros não viessem atrás. Mas eu não tenho a ideia de nenhuma grande manifestação, de um grande acto político organizado por outro partido que não fosse o Partido Socialista, de um lado, ou o Partido Comunista, do outro."

E prosseguiu: "Foi o Partido Socialista que realmente fez essa resistência no Verão Quente, em 1974 e 1975. Isto não quer dizer que o PSD ou o CDS não tivessem o mérito de se ter batido também pela democracia. Mas quem tomou a iniciativa política, quem liderou esse combate foi o Partido Socialista, nas ruas. Quem foi defender o Patriarcado de Lisboa, quando foi assaltado, foram militantes do Partido Socialista." E podemos acrescentar que foram também na Rádio Renascença, foram no jornal *República*, foram os socialistas e Mário Soares quem liderou o monumental comício-manifestação da Fonte Luminosa.

É certo que o reacender da polémica sobre o significado do 25 de Novembro tem origem no facto de o programa de comemorações do cinquentenário do 25 de Abril ter, inicialmente, minimizado o 25 de Novembro. Um erro que, logo no arranque da estrutura de missão destas comemorações, o seu então presidente, Pedro Adão e Silva, defendeu como linha certa, afirmando que "as datas fracturantes não se celebram", em entrevista ao PÚBLICO.

Voltando a Francisco Assis e ao que se passou na Assembleia da República na terça-feira. Os vencedores do 25 de Novembro são "os verdadeiros democratas". E é um "péssimo serviço" à democracia deixar o 25 de Novembro refém da extrema-direita populista radical.

Jornalista. Escreve ao sábado

Na margem Sul do Tejo, só há uma urgência de obstetrícia aberta até 5.ª feira

Problemas concentram-se na região de Lisboa e Vale do Tejo, onde há várias urgências de ginecologia/obstetrícia e de pediatria fechadas ao exterior ou abertas apenas algumas horas durante próxima semana

Alexandra Campos

A maior parte das grávidas e algumas das crianças da margem Sul do Tejo terão que atravessar a ponte e deslocar-se aos hospitais de Lisboa e arredores para serem atendidas em serviços de urgência de ginecologia/obstetrícia e de pediatria até à próxima quinta-feira porque as unidades de saúde da região estão quase todas com as urgências destas duas especialidades fechadas ao exterior ou abertas apenas durante algumas horas por falta de médicos em número suficiente para assegurarem as escalas. No caso das urgências de ginecologia/obstetrícia, nenhuma das três da margem Sul vai estar aberta durante a noite.

Isso mesmo se depreende da leitura do mapa com as escalas médicas dos serviços de urgência que vão estar fechados temporariamente ao exterior entre os dias 14 e 20. Publicado ontem no Portal do Serviço Nacional de Saúde (SNS), o mapa saiu com erros na primeira versão, que foi posteriormente corrigida.

Os principais problemas concentram-se de novo na margem Sul do Tejo e, sobretudo, nas urgências de ginecologia/obstetrícia, que estão muito desguarnecidas – apenas o hospital de Setúbal terá a urgência desta especialidade aberta ao exterior durante o dia e, mesmo assim, só hoje (entre as 9h00 e as 24h00), no domingo e na segunda-feira (entre as 9h00 e as 21h00), de acordo com o mapa, uma vez que as urgências de ginecologia/obstetrícia dos hospitais de Almada (Garcia de Orta) e do Barreiro estarão ambas encerradas.

Relativamente às urgências pediátricas, na margem Sul do Tejo a resposta será maioritariamente assegurada pelo hospital de Setúbal (o serviço estará sempre aberto nestes sete dias). A urgência do hospital do Barreiro vai estar fechada ao exterior e a do hospital de Almada vai funcionar apenas durante o dia (das 9h00 às 21h00), devido à falta de médicos.

A alternativa será recorrer aos serviços de urgência de ginecologia/obstetrícia e de pediatria da cidade de Lisboa e arredores, mas também aqui são várias as urgências com escalas incompletas e funcionamento intermitente. Por se encontrar em obras, está encerrada a urgência de obstetrícia do Hospital de Santa Maria (Lisboa), enquanto a do hospital Amadora-Sintra vai funcionar apenas durante o dia (à excepção de sábado e domingo em que estará aberta 24 horas) e a do Hospital S. Francisco Xavier fecha domingo e estará aberta apenas durante a noite, nalguns dias, e no período diurno, noutros.

Nas urgências pediátricas, tanto a do S. Francisco Xavier como as dos hospitais de Amadora-Sintra e de Loures vão funcionar com limitações, apenas durante o dia ou até às 24 horas em alguns dias – Loures estará hoje e amanhã encerrada ao exterior e estará aberta com interrupções nos outros dias. A agravar, há ainda várias urgências "referenciadas" (apenas reservadas às urgências internas e aos casos referenciados pelo INEM e pela linha SNS 24).

Na região Centro, há problemas sobretudo no hospital de Leiria, onde a urgência de ginecologia/obstetrícia está encerrada este fim-de-semana, e a de pediatria, no domingo, enquanto, no Norte, a urgência pediátrica de Chaves fecha este fim de semana.

Contratação muda

Numa altura em que os concursos de recrutamento de jovens médicos estão atrasados, o Conselho de Ministros aprovou a revisão do regime de contratação dos clínicos que terminaram a especialidade este ano, estipulando que os concursos passam para a responsabilidade das unidades de saúde, em vez de serem nacionais ou regionais, como acontecia até agora. A ministra da Saúde já tinha dito que serão abertas cerca de 2200 vagas, 40% acima do número dos médicos que terminaram a especialidade em Março. A presidente da Federação Nacional dos Médicos (Fnam) defendeu que a revisão do regime foi "feita à pressa" e pode gerar "falta de transparência". **com Lusa**

RUI GAUDÊNCIO

Mapa com as escalas dos serviços de urgência que vão estar fechados entre os dias 14 e 20 de Junho foi ontem publicado no Portal do SNS

Governo subscreve críticas a administradores

"O Governo revê-se integralmente nas declarações da senhora ministra da Saúde", assegurou ontem o ministro da Presidência, António Leitão Amaro, confrontado com o facto de Ana Paula Martins ter classificado as lideranças hospitalares como "fracas", o que acabou por motivar a demissão do conselho de administração da Unidade Local de Saúde (ULS) de Viseu Dão-Lafões. "Sim, o Governo revê-se nas declarações sobre vários aspectos que a ministra tem feito, designadamente na importância de valorizar os profissionais, a gestão e as direcções", disse governante. Bloco de Esquerda e Chega pediram ontem a audição no parlamento da administração demissionária da ULS de Viseu Dão-Lafões. E o secretário-geral do PCP, Paulo Raimundo, afirmou que o caminho "para fixar profissionais de saúde não é dizer mal deles". Pedro Nuno Santos, secretário-geral do PS, acusou a ministra de tentar "responsabilizar os administradores hospitalares, que fazem o melhor que podem com as condições que têm, com as políticas que são definidas" e de se furtar à responsabilidade.

Temas escolhidos para exame de Português trocam as voltas a alunos

Reportagem

Marta Leite Ferreira Texto
Rui Gaudêncio Fotografia

Camões e 25 de Abril não constaram da prova do 12.º ano: saiu Pessoa, Camilo Castelo Branco e redes sociais

Tomás Ferreira só atravessou os portões da escola meia hora após o primeiro toque para o fim da prova. Ainda vinha a tremer, com uma descarga de adrenalina que lhe deixava a palma das mãos suadas e os lábios inquietos: "Não sei como é que isto é um exame de Português." Tinha razão, o aspirante a jornalista de 19 anos, aluno na Escola Secundária Francisco Rodrigues Lobo: tal como previa, não saiu nada do que as efemérides deste ano faziam antever. Nada sobre liberdade e nada sobre Camões: a composição era sobre redes sociais, havia um poema de Álvaro de Campos sobre alguém que tira a máscara para se olhar ao espelho e, em vez de Amor de Perdição, de Camilo Castelo Branco - uma obra apreciada pelos alunos abordados pelo PÚBLICO - saiu um excerto de Coração, Cabeça e Estômago, do mesmo auror. "Foi tudo ao lado… Onde está a matéria que demos em aula?", questionou o estudante de 19 anos, resignado a voltar à escola no dia 19 de Julho para a 2.ª fase.

Cerca de 34 mil alunos do 12.º ano fizeram ontem o primeiro exame nacional do ensino secundário (houve 10. 623 faltas). É uma rotina que se repete ano após ano. Funcionários e professores chegaram pouco depois das sete da manhã para receber das mãos da polícia os enunciados do exame nacional de Português, distribuídos ao 12.° ano assim que o relógio bateu as 9h30. Duas horas depois, sai da escola quem não precisou dos 30 minutos de tolerância para terminar o teste.

Essa foi a experiência de Íris Freire, de 17 anos, e de Rafael Quinteiro, de 18. Saíram logo às 11h30, encontraram-se à entrada e traziam a mesma apreciação: correu tudo bem. "A gramática era fácil", assumiu Íris, esperançosa de ver uma boa nota nas pautas daqui a um mês, enquanto folheava o seu anunciado e o comparava com o do colega.

Rafael estava menos confiante: "Foi tudo a andar", a certa altura até pensou que não valeu de nada estudar tanto porque "o exame tinha tão pouca matéria". Mas quando levantou a cabeça e olhou à volta ficou "preocupado": "Havia gente a pedir três folhas de ponto e eu nem uma acabei." Agora pouco importa, relativizam: "Está feito. Vamos passear, Íris", desafia Rafael: "Não me vou enfiar em casa."

É um alívio que contrasta com o nervosismo das primeiras horas da manhã. De um lado do portão, foge-se do assunto do dia: aquela prova é, para muitos, um passaporte imprescindível para entrar no ensino superior. Fala-se da última tendência no TikTok e de picardias entre namorados.

Do outro lado, num muro, fantasia-se com o que fazer dali a três horas. "Ouvir o mar vai tirar-me as mágoas todas", desabafa uma aluna, assumindo estar a fugir à tentação de rever só mais uma vez os resumos rabiscados nas últimas semanas: "Se lesse alguma coisa era capaz de ficar mal-disposta".

O texto era excelente, mas nas perguntas acho que derrapei um bocadinho. As perguntas abertas eram claramente para quem tem aquela capacidade de brilhar quando escreve. Era tudo um pouco poético, um pouco lírico

Tomás Ferreira
19 anos

No fim de contas, todas estas tribos têm em comum o ingrediente de sempre: o nervosismo de quem está prestes a responder ao teste que lhe pode abrir (ou fechar) as portas da universidade.

Quando chegou à escola, Tomás reuniu-se à entrada da escola com outras quatro colegas: Íris Faria, de 17 anos, Matilde Duarte, de 18, Maria Gameiro e Maria Dias, ambas com 19 anos. Quando lhes perguntamos o que vão fazer a seguir ao teste, respondem em uníssono entre gargalhadas: "Chorar". "Depois comer uma Sandes à 32", a iguaria mais famosa de um dos cafés na rua da escola. E a seguir? "Chorar outra vez" com a publicação das respostas.

Por enquanto, fazem futurismo. "Acho que vai sair Camões por causa dos 500 anos", aposta Maria Gameiro: "E acho que a composição vai ser sobre a liberdade por causa do 25 de Abril." Tomás avisou: "Não vai sair nada disso. Era demasiado evidente. Já houve outras celebrações e isso não foi reproduzido nos exames, agora não vai ser diferente."

Por enquanto, o pensamento está no exame. Vão atirando ideias sobre o que vem lá: talvez saiam poetas contemporâneos. Talvez a prova se concentre na Mensagem de Fernando Pessoa ou numa passagem do Amor de Perdição de Camilo Castelo Branco. Podia sair tudo e o seu contrário. Saiu o contrário do que todos esperavam.

Minutos antes do início da prova, junto a uma sala, são palpáveis os silêncios compenetrados, quebrados pelo som das canetas a sacudir entre o indicador e o dedo médio. Uma professora lembra as regras: em cima da mesa pode estar o enunciado, a folha de ponto, uma caneta e, no máximo, uma garrafa de água. Mais nada. O espaço para a criatividade limita-se à composição pedida na última pergunta do exame — e à cor da caneta. Ou azul ou preta.

A porta da sala fecha-se e hão de passar duas horas até que alguém volte a sair da escola, com o enunciado nas mãos e uma apreciação a dar: ou correu tudo tão bem que duas horas chegaram ou correu tão mal que a tolerância de 30 minutos era mesmo necessária Para muitos, a descontracção não durará muito: há exame de História na próxima quarta-feira e de Matemática na semana seguinte.

Exame de Português do 12.º ano (639)

Critérios de correcção do Instituto de Avaliação Educativa (IAVE)

GRUPO I

Nos tópicos de resposta de cada item, as expressões separadas por barras oblíquas – à exceção das utilizadas no interior de cada uma das transcrições – correspondem a exemplos de formulações possíveis, apresentadas em alternativa. As ideias apresentadas entre parênteses não têm de ser obrigatoriamente mobilizadas para que as respostas sejam consideradas adequadas.

1. .... **13 pontos**

Devem ser abordados os tópicos seguintes, ou outros igualmente relevantes.

- a tentativa de camuflar o seu aspeto saudável («A minha cara ajeitava-se pouco à expressão dum vivo tormento de alma, em virtude de ser uma cara sadia, avermelhada, e bem fornida de fibra musculosa.» – ll. 11-12; «Era-me necessário remediar o infortúnio de ter saúde» – ll. 12-13), construindo a imagem de alguém fisicamente doente (pálido e com olheiras pronunciadas);
- a tentativa de parecer, simultaneamente, um «génio» (l. 8) e alguém abatido e psicologicamente transtornado («a desordem dos cabelos devia ser a imagem da minha alma» – ll. 1-2).

- Aspetos de conteúdo e de estruturação do discurso (C-ED)[1] .... 10 pontos

Nível	Descritor de desempenho	Pontuação
5	Explicita em que consiste a «farsa» criada pela personagem, abordando, adequadamente, os dois tópicos de resposta. Utiliza mecanismos de coesão textual que, apesar da eventual ocorrência de falhas, asseguram a progressão e o encadeamento das ideias.	10
4	Explicita em que consiste a «farsa» criada pela personagem, abordando, adequadamente, os dois tópicos de resposta. Utiliza mecanismos de coesão textual com falhas que comprometem a progressão e o encadeamento das ideias. OU Explicita em que consiste a «farsa» criada pela personagem, abordando os dois tópicos de resposta, um adequadamente e outro com pequenas imprecisões e/ou omissões. Utiliza mecanismos de coesão textual que, apesar da eventual ocorrência de falhas, asseguram a progressão e o encadeamento das ideias.	8
3	Explicita em que consiste a «farsa» criada pela personagem, abordando os dois tópicos de resposta, um adequadamente e outro com pequenas imprecisões e/ou omissões. Utiliza mecanismos de coesão textual com falhas que comprometem a progressão e o encadeamento das ideias. OU Explicita em que consiste a «farsa» criada pela personagem, abordando os dois tópicos de resposta, ambos com pequenas imprecisões e/ou omissões. Utiliza mecanismos de coesão textual que, apesar da eventual ocorrência de falhas, asseguram a progressão e o encadeamento das ideias. OU Explicita em que consiste a «farsa» criada pela personagem, abordando, adequadamente, apenas um dos tópicos de resposta. Utiliza mecanismos de coesão textual que, apesar da eventual ocorrência de falhas, asseguram a progressão e o encadeamento das ideias.	6
2	Explicita em que consiste a «farsa» criada pela personagem, abordando os dois tópicos de resposta, ambos com pequenas imprecisões e/ou omissões. Utiliza mecanismos de coesão textual com falhas que comprometem a progressão e o encadeamento das ideias. OU Explicita em que consiste a «farsa» criada pela personagem, abordando, adequadamente, apenas um dos tópicos de resposta. Utiliza mecanismos de coesão textual com falhas que comprometem a progressão e o encadeamento das ideias.	4
1	Explicita em que consiste a «farsa» criada pela personagem, abordando, com pequenas imprecisões e/ou omissões, apenas um dos tópicos de resposta. Utiliza mecanismos de coesão textual com eventual ocorrência de falhas que podem comprometer a progressão e o encadeamento das ideias.	2

- Aspetos de correção linguística (CL)[1] .... 3 pontos

Após a contabilização dos erros do tipo A e do tipo B, apura-se a classificação neste parâmetro. A tabela abaixo apresenta a pontuação a atribuir, de acordo com o número de erros do tipo A e do tipo B identificados. Caso o número total de erros seja superior ao número máximo apresentado na tabela, o parâmetro CL é classificado com zero pontos.

		Número de erros do tipo A			
		0	1	2	3
Número de erros do tipo B	0	3	3	2	1
	1	2	1		

2. .... **13 pontos**

Devem ser abordados **dois** dos tópicos seguintes, ou outros igualmente relevantes.

- o exagero no ritual diário com os cabelos, a fim de «dar à cabeça um ar fatal» (l. 2);
- o absurdo de barbear a testa com a intenção de acentuar a imagem de «"desordem e génio"» (l. 8);
- o ridículo de considerar que ter saúde é um infortúnio, pretendendo corrigir a natureza, para construir a imagem desejada (l. 13);
- a «formal estupidez» (l. 15) de começar a fumar charutos, a fim de disfarçar, ingloriamente, a «cara sadia, avermelhada, e bem fornida de fibra musculosa» (l. 12);
- o ridículo de recorrer a um médico para que este lhe indicasse um medicamento que o ajudasse a aparentar um aspeto doentio, simulando olheiras carregadas (ll. 18-19).

- Aspetos de conteúdo e de estruturação do discurso (C-ED)[1] .... 10 pontos

Nível	Descritor de desempenho	Pontuação
5	Refere dois aspetos que evidenciam a dimensão cómica do retrato do herói, ambos adequadamente. Utiliza mecanismos de coesão textual que, apesar da eventual ocorrência de falhas, asseguram a progressão e o encadeamento das ideias.	10
4	Refere dois aspetos que evidenciam a dimensão cómica do retrato do herói, ambos adequadamente. Utiliza mecanismos de coesão textual com falhas que comprometem a progressão e o encadeamento das ideias. OU Refere dois aspetos que evidenciam a dimensão cómica do retrato do herói, um adequadamente e outro com pequenas imprecisões e/ou omissões. Utiliza mecanismos de coesão textual que, apesar da eventual ocorrência de falhas, asseguram a progressão e o encadeamento das ideias.	8
3	Refere dois aspetos que evidenciam a dimensão cómica do retrato do herói, um adequadamente e outro com pequenas imprecisões e/ou omissões. Utiliza mecanismos de coesão textual com falhas que comprometem a progressão e o encadeamento das ideias. OU Refere dois aspetos que evidenciam a dimensão cómica do retrato do herói, ambos com pequenas imprecisões e/ou omissões. Utiliza mecanismos de coesão textual que, apesar da eventual ocorrência de falhas, asseguram a progressão e o encadeamento das ideias. OU Refere, adequadamente, apenas um aspeto que evidencia a dimensão cómica do retrato do herói. Utiliza mecanismos de coesão textual que, apesar da eventual ocorrência de falhas, asseguram a progressão e o encadeamento das ideias.	6
2	Refere dois aspetos que evidenciam a dimensão cómica do retrato do herói, ambos com pequenas imprecisões e/ou omissões. Utiliza mecanismos de coesão textual com falhas que comprometem a progressão e o encadeamento das ideias. OU Refere, adequadamente, apenas um aspeto que evidencia a dimensão cómica do retrato do herói. Utiliza mecanismos de coesão textual com falhas que comprometem a progressão e o encadeamento das ideias.	4
1	Refere, com pequenas imprecisões e/ou omissões, apenas um aspeto que evidencia a dimensão cómica do retrato do herói. Utiliza mecanismos de coesão textual com eventual ocorrência de falhas que podem comprometer a progressão e o encadeamento das ideias.	2

- Aspetos de correção linguística (CL)[1] .... 3 pontos

Após a contabilização dos erros do tipo A e do tipo B, apura-se a classificação neste parâmetro. A tabela abaixo apresenta a pontuação a atribuir, de acordo com o número de erros do tipo A e do tipo B identificados. Caso o número total de erros seja superior ao número máximo apresentado na tabela, o parâmetro CL é classificado com zero pontos.

		Número de erros do tipo A			
		0	1	2	3
Número de erros do tipo B	0	3	3	2	1
	1	2	1		

3. .... **13 pontos**

Versão 1 – **a)** → **3**; **b)** → **2**
Versão 2 – **a)** → **1**; **b)** → **3**

4. .... **13 pontos**

Devem ser abordados os tópicos seguintes, ou outros igualmente relevantes.

- a máscara esconde o Eu associado à infância, num jogo entre ser e parecer/passado e presente, no qual a permanência do Eu passado surge quando a máscara é retirada;
- a duplicidade permite que o sujeito poético mantenha o seu ser autêntico e, simultaneamente, que desempenhe o papel social associado à máscara (optando pela identidade adquirida pela máscara).

- Aspetos de conteúdo e de estruturação do discurso (C-ED)[1] .... 10 pontos

Nível	Descritor de desempenho	Pontuação
5	Explica a importância da máscara na construção da dualidade do sujeito poético, abordando, adequadamente, os dois tópicos de resposta. Utiliza mecanismos de coesão textual que, apesar da eventual ocorrência de falhas, asseguram a progressão e o encadeamento das ideias.	10
4	Explica a importância da máscara na construção da dualidade do sujeito poético, abordando, adequadamente, os dois tópicos de resposta. Utiliza mecanismos de coesão textual com falhas que comprometem a progressão e o encadeamento das ideias. OU Explica a importância da máscara na construção da dualidade do sujeito poético, abordando os dois tópicos de resposta, um adequadamente e outro com pequenas imprecisões e/ou omissões. Utiliza mecanismos de coesão textual que, apesar da eventual ocorrência de falhas, asseguram a progressão e o encadeamento das ideias.	8
3	Explica a importância da máscara na construção da dualidade do sujeito poético, abordando os dois tópicos de resposta, um adequadamente e outro com pequenas imprecisões e/ou omissões. Utiliza mecanismos de coesão textual com falhas que comprometem a progressão e o encadeamento das ideias. OU Explica a importância da máscara na construção da dualidade do sujeito poético, abordando os dois tópicos de resposta, ambos com pequenas imprecisões e/ou omissões. Utiliza mecanismos de coesão textual que, apesar da eventual ocorrência de falhas, asseguram a progressão e o encadeamento das ideias. OU Explica a importância da máscara na construção da dualidade do sujeito poético, abordando, adequadamente, apenas um dos tópicos de resposta. Utiliza mecanismos de coesão textual que, apesar da eventual ocorrência de falhas, asseguram a progressão e o encadeamento das ideias.	6
2	Explica a importância da máscara na construção da dualidade do sujeito poético, abordando os dois tópicos de resposta, ambos com pequenas imprecisões e/ou omissões. Utiliza mecanismos de coesão textual com falhas que comprometem a progressão e o encadeamento das ideias. OU Explica a importância da máscara na construção da dualidade do sujeito poético, abordando, adequadamente, apenas um dos tópicos de resposta. Utiliza mecanismos de coesão textual com falhas que comprometem a progressão e o encadeamento das ideias.	4
1	Explica a importância da máscara na construção da dualidade do sujeito poético, abordando, com pequenas imprecisões e/ou omissões, apenas um dos tópicos de resposta. Utiliza mecanismos de coesão textual com eventual ocorrência de falhas que podem comprometer a progressão e o encadeamento das ideias.	2

- Aspetos de correção linguística (CL)[1] .... 3 pontos

Após a contabilização dos erros do tipo A e do tipo B, apura-se a classificação neste parâmetro. A tabela abaixo apresenta a pontuação a atribuir, de acordo com o número de erros do tipo A e do tipo B identificados. Caso o número total de erros seja superior ao número máximo apresentado na tabela, o parâmetro CL é classificado com zero pontos.

		Número de erros do tipo A			
		0	1	2	3
Número de erros do tipo B	0	3	3	2	1
	1	2	1		

5. .... **13 pontos**

Devem ser abordados **dois** dos tópicos seguintes, ou outros igualmente relevantes:

- a criança que a máscara oculta representa a vulnerabilidade do sujeito poético associada à infância;
- o Eu sente-se mais confortável quando coloca a máscara, na medida em que a imagem que dá a ver aos outros é a de alguém normal («E volto à normalidade» – v. 11);
- a normalidade (o «términus de linha» – v. 11) é construída através do recurso à máscara na viagem de autoconhecimento que o sujeito poético realiza, o que implica viver o presente, aceitando as convenções sociais.

- Aspetos de conteúdo e de estruturação do discurso (C-ED)[1] .... 10 pontos

Nível	Descritor de desempenho	Pontuação
5	Justifica a opção do sujeito poético por tornar a pôr a máscara, abordando, adequadamente, dois dos tópicos de resposta. Utiliza mecanismos de coesão textual que, apesar da eventual ocorrência de falhas, asseguram a progressão e o encadeamento das ideias.	10
4	Justifica a opção do sujeito poético por tornar a pôr a máscara, abordando, adequadamente, dois dos tópicos de resposta. Utiliza mecanismos de coesão textual com falhas que comprometem a progressão e o encadeamento das ideias. OU Justifica a opção do sujeito poético por tornar a pôr a máscara, abordando dois dos tópicos de resposta, um adequadamente e outro com pequenas imprecisões e/ou omissões. Utiliza mecanismos de coesão textual que, apesar da eventual ocorrência de falhas, asseguram a progressão e o encadeamento das ideias.	8
3	Justifica a opção do sujeito poético por tornar a pôr a máscara, abordando dois dos tópicos de resposta, um adequadamente e outro com pequenas imprecisões e/ou omissões. Utiliza mecanismos de coesão textual com falhas que comprometem a progressão e o encadeamento das ideias. OU Justifica a opção do sujeito poético por tornar a pôr a máscara, abordando dois dos tópicos de resposta, ambos com pequenas imprecisões e/ou omissões. Utiliza mecanismos de coesão textual que, apesar da eventual ocorrência de falhas, asseguram a progressão e o encadeamento das ideias. OU Justifica a opção do sujeito poético por tornar a pôr a máscara, abordando, adequadamente, apenas um dos tópicos de resposta. Utiliza mecanismos de coesão textual que, apesar da eventual ocorrência de falhas, asseguram a progressão e o encadeamento das ideias.	6
2	Justifica a opção do sujeito poético por tornar a pôr a máscara, abordando dois dos tópicos de resposta, ambos com pequenas imprecisões e/ou omissões. Utiliza mecanismos de coesão textual com falhas que comprometem a progressão e o encadeamento das ideias. OU Justifica a opção do sujeito poético por tornar a pôr a máscara, abordando, adequadamente, apenas um dos tópicos de resposta. Utiliza mecanismos de coesão textual com falhas que comprometem a progressão e o encadeamento das ideias.	4
1	Justifica a opção do sujeito poético por tornar a pôr a máscara, abordando, com pequenas imprecisões e/ou omissões, apenas um dos tópicos de resposta. Utiliza mecanismos de coesão textual com eventual ocorrência de falhas que podem comprometer a progressão e o encadeamento das ideias.	2

- Aspetos de correção linguística (CL)[1] .... 3 pontos

Após a contabilização dos erros do tipo A e do tipo B, apura-se a classificação neste parâmetro. A tabela abaixo apresenta a pontuação a atribuir, de acordo com o número de erros do tipo A e do tipo B identificados. Caso o número total de erros seja superior ao número máximo apresentado na tabela, o parâmetro CL é classificado com zero pontos.

		Número de erros do tipo A			
		0	1	2	3
Número de erros do tipo B	0	3	3	2	1
	1	2	1		

6. .... **13 pontos**

Versão 1 – **I**, **III** e **V**
Versão 2 – **I**, **II** e **IV**

7. .... **13 pontos**

Devem ser abordados **dois** dos tópicos seguintes, ou outros igualmente relevantes, um relativo a aspetos em que os textos se aproximam e outro relativo a aspetos em que os textos se distinguem.

Os textos aproximam-se, na medida em que:

- tanto o narrador-protagonista do texto de Camilo Castelo Branco como o sujeito poético do poema de Álvaro de Campos agem de forma consciente, por vontade própria – no primeiro caso, ao forjar uma imagem distinta da verdadeira; no segundo caso, ao retirar a máscara e ao voltar a colocá-la;
- em ambos os casos, o verdadeiro Eu está oculto – pelas tentativas de transformação, no caso do excerto narrativo; pelo uso da máscara, no caso do poema.

Os textos distinguem-se, na medida em que:

- no texto de Camilo Castelo Branco, o narrador-protagonista pretende, com as transformações que opera em si mesmo, disfarçar a sua imagem física, enquanto, no poema de Álvaro de Campos, o sujeito poético encobre com a máscara uma realidade psicológica que mantém inacessível aos outros;
- no texto de Camilo Castelo Branco, as artimanhas usadas pelo narrador-protagonista visam criar uma imagem falsa de si, enquanto, no poema de Álvaro de Campos, a máscara esconde o Eu original, associado à criança do passado;
- no excerto narrativo, a imagem criada pelo narrador-protagonista serve o objetivo de parecer aquilo que não é (um homem romântico), enquanto, no poema, existe uma duplicidade, na medida em que o ser essencial permanece escondido, por detrás da máscara, ao mesmo tempo que emerge um outro Eu, o ser social adequado ao convívio e à interação em sociedade, sendo ambos, contudo, constituintes do sujeito poético.

- Aspetos de conteúdo (C) .... 8 pontos

Nível	Descritor de desempenho	Pontuação
4	Compara os dois textos, explicitando, adequadamente, um aspeto em que se aproximam e outro em que se distinguem quanto à imagem que o sujeito da enunciação apresenta de si próprio.	8
3	Compara os dois textos, explicitando um aspeto em que se aproximam e outro em que se distinguem quanto à imagem que o sujeito da enunciação apresenta de si próprio, adequadamente, num dos casos, e com pequenas imprecisões e/ou omissões, no outro caso.	6

➔

Sociedade

2	Compara os dois textos, explicitando um aspeto em que se aproximam e outro em que se distinguem quanto à imagem que o sujeito da enunciação apresenta de si próprio, com pequenas imprecisões e/ou omissões em ambos os casos. OU Compara os dois textos, explicitando, adequadamente, apenas um aspeto em que se aproximam ou apenas um aspeto em que se distinguem quanto à imagem que o sujeito da enunciação apresenta de si próprio.	4
1	Compara os dois textos, explicitando, com pequenas imprecisões e/ou omissões, apenas um aspeto em que se aproximam ou apenas um aspeto em que se distinguem quanto à imagem que o sujeito da enunciação apresenta de si próprio.	2

- Aspetos de estruturação do discurso (ED)[1] .... 3 pontos

Nível	Descritor de desempenho	Pontuação
3	Escreve um texto bem estruturado constituído por três partes (introdução, desenvolvimento e conclusão), devidamente proporcionadas, e utiliza mecanismos de coesão textual que asseguram de modo global a progressão e o encadeamento das ideias.	3
2	Escreve um texto globalmente bem estruturado constituído por três partes (introdução, desenvolvimento e conclusão) com desequilíbrios de proporção e/ou utiliza mecanismos de coesão textual com a eventual ocorrência de falhas que não comprometem de modo global a progressão e o encadeamento das ideias.	2
1	Escreve um texto insuficientemente estruturado e/ou utiliza mecanismos de coesão textual com falhas que comprometem de modo global a progressão e o encadeamento das ideias.	1

- Aspetos de correção linguística (CL)[1] .... 2 pontos

Após a contabilização dos erros do tipo A e do tipo B, apura-se a classificação neste parâmetro. A tabela abaixo apresenta a pontuação a atribuir, de acordo com o número de erros do tipo A e do tipo B identificados. Caso o número total de erros seja superior ao número máximo apresentado na tabela, o parâmetro CL é classificado com zero pontos.

		Número de erros do tipo A			
		0	1	2	3
Número de erros do tipo B	0	2	2	1	1
	1	1			

GRUPO II

ITEM	VERSÃO 1	VERSÃO 2	PONTUAÇÃO
1.	(A)	(C)	13
2.	(B)	(A)	13
3.	(C)	(D)	13
4.	(B)	(C)	13
5.	(D)	(B)	13
6.	(C)	(D)	13
7.	(D)	(C)	13

GRUPO III

- Aspetos de estruturação temática e discursiva (ETD)[1] .... 30 pontos

Parâmetro A: Género/Formato Textual

Nível	Descritor de desempenho	Pontuação
4	Escreve um texto de acordo com o género/formato solicitado (texto de opinião): • explicita o seu ponto de vista; • fundamenta a perspetiva adotada em, pelo menos, dois argumentos distintos; • ilustra cada um dos argumentos com, pelo menos, um exemplo; • formula uma conclusão adequada à argumentação desenvolvida; • produz um discurso valorativo (desenvolvendo um juízo de valor explícito ou implícito).	10
3	Escreve um texto de acordo com o género/formato solicitado (texto de opinião) e fundamenta a perspetiva adotada em, pelo menos, dois argumentos distintos, mas ilustra apenas um deles com um exemplo, assegurando os restantes aspetos em avaliação neste parâmetro. OU Escreve um texto de acordo com o género/formato solicitado (texto de opinião), fundamentando a perspetiva adotada em, pelo menos, dois argumentos, cada um deles ilustrado com, pelo menos, um exemplo, mas apresenta falhas em um ou dois dos restantes aspetos em avaliação neste parâmetro.	8
2	Escreve um texto de acordo com o género/formato solicitado (texto de opinião), mas fundamenta a perspetiva adotada em apenas um argumento, ilustrado com um exemplo, assegurando os restantes aspetos em avaliação neste parâmetro. OU Escreve um texto de acordo com o género/formato solicitado (texto de opinião) e fundamenta a perspetiva adotada em, pelo menos, dois argumentos distintos, mas ilustra apenas um deles com um exemplo e apresenta falhas em um ou dois dos restantes aspetos em avaliação neste parâmetro.	5
1	Escreve um texto de acordo com o género/formato solicitado (texto de opinião), mas apresenta falhas no conjunto dos aspetos em avaliação neste parâmetro. OU Escreve um texto em que as marcas do género/formato solicitado se misturam, sem critério nem intencionalidade, com as de outros géneros/formatos.	3

Nota – A pertinência dos argumentos e dos exemplos é avaliada no parâmetro B.

Parâmetro B: Tema e Pertinência da Informação

Nível	Descritor de desempenho	Pontuação
4	Trata o tema proposto sem desvios e escreve um texto com eficácia argumentativa, assegurando: • a mobilização de argumentos e de exemplos diversificados e pertinentes; • a progressão da informação de forma coerente; • o recurso a um repertório lexical e a um registo de língua globalmente adequados ao desenvolvimento do tema, ainda que possam existir esporádicos afastamentos, justificados pela intencionalidade comunicativa.	10
3	Trata o tema proposto sem desvios, mas escreve um texto com falhas pontuais nos aspetos relativos à eficácia argumentativa. OU Trata o tema proposto com desvios pouco significativos, mas escreve um texto com eficácia argumentativa (tendo em conta a forma como o tema foi desenvolvido).	8
2	Trata o tema proposto com desvios pouco significativos e escreve um texto com falhas pontuais nos aspetos relativos à eficácia argumentativa. OU Trata o tema proposto sem desvios, mas escreve um texto com falhas significativas nos aspetos relativos à eficácia argumentativa.	5
1	Trata o tema proposto com desvios significativos e escreve um texto com reduzida eficácia argumentativa, mobilizando muito pouca informação pertinente.	3

Parâmetro C: Organização e Coesão Textuais

Nível	Descritor de desempenho	Pontuação
4	Escreve um texto bem organizado, evidenciando um bom domínio dos mecanismos de coesão textual: • apresenta um texto constituído por diferentes partes, devidamente proporcionadas e articuladas entre si de modo consistente; • marca, corretamente, os parágrafos; • utiliza, adequadamente, mecanismos de articulação interfrásica; • mantém, de forma sistemática, cadeias de referência através de substituições nominais e pronominais adequadas; • estabelece conexões adequadas entre coordenadas de enunciação (pessoa, tempo, espaço) ao longo do texto.	10
3	Escreve um texto globalmente bem organizado, em que evidencia domínio dos mecanismos de coesão textual, mas em que apresenta falhas pontuais em um ou dois dos aspetos em avaliação neste parâmetro.	8
2	Escreve um texto satisfatoriamente organizado, em que evidencia um domínio suficiente dos mecanismos de coesão textual, apresentando falhas pontuais em três ou mais dos aspetos em avaliação neste parâmetro, ou falhas significativas em um ou dois desses aspetos.	5
1	Escreve um texto com uma organização pouco satisfatória, recorrendo a insuficientes mecanismos de coesão ou mobilizando-os de forma inadequada.	3

- Aspetos de correção linguística (CL)[1] .... 14 pontos

Após a contabilização dos erros do tipo A e do tipo B, apura-se a classificação neste parâmetro. A tabela abaixo apresenta a pontuação a atribuir, de acordo com o número de erros do tipo A e do tipo B identificados. Caso o número total de erros seja superior ao número máximo apresentado na tabela, o parâmetro CL é classificado com zero pontos.

		Número de erros do tipo A														
		0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14
Número de erros do tipo B	0	14	14	14	11	11	11	8	8	8	5	5	5	2	2	2
	1	14	11	11	11	8	8	8	5	5	5	2	2	2		
	2	11	11	8	8	8	5	5	5	2	2	2				
	3	8	8	8	5	5	5	2	2	2						
	4	8	5	5	5	2	2	2								
	5	5	5	2	2	2										
	6	2														
	7	2														

COTAÇÕES

As pontuações obtidas nas respostas a estes 10 itens da prova contribuem obrigatoriamente para a classificação final.	Grupo										Subtotal
	I					II				III	
	1.	2.	4.	5.	7.	1.	2.	5.	6.		
Cotação (em pontos)	13	13	13	13	13	13	13	13	13	44	**161**
Destes 5 itens, contribuem para a classificação final da prova os 3 itens cujas respostas obtenham melhor pontuação.	I		II								Subtotal
	3.	6.	3.	4.	7.						
Cotação (em pontos)	3 × 13 pontos										**39**
TOTAL											**200**

Pais dizem que é uma injustiça pré-escolar grátis não ser para todos

Patrícia Carvalho

Dúvidas só serão desfeitas no final do mês, quando o grupo de trabalho interministerial apresentar o seu plano de acção

A notícia foi como um balde de água fria para Isabel Rocha. Tinha a esperança de que se a gratuitidade no pré-escolar, para as crianças de 3 anos, fosse aplicada já este ano, seria para todas as crianças, incluindo a sua filha que, por ter nascido em Fevereiro de 2021 fora excluída da Creche Feliz. Mas o comunicado de terça-feira do Ministério da Educação, Ciência e Inovação (MECI) – em que este diz ter criado um grupo interministerial de trabalho que se compromete a apresentar, até ao final deste mês, "um plano de acção que garanta a gratuitidade na educação pré-escolar em 2024/2025 para as crianças abrangidas pelo programa Creche Feliz" – deixou-a indignada. "A minha filha vai passar para o pré-escolar e parece que voltará a ser esquecida", lamenta a mulher de 38 anos.

O programa Creche Feliz, que entrou em vigor a 1 de Setembro de 2022 no sector social e solidário e foi alargado em Janeiro do ano seguinte às creches privadas, só abrangia crianças nascidas após 1 de Setembro de 2021.

Maria, a filha de Isabel Rocha, nasceu em Fevereiro desse ano, por isso, já não pode beneficiar. E ela não se conforma. "Com esta medida, o Governo volta a esquecer e a deixar sem resposta um conjunto significativo de famílias. A minha filha tem agora 3 anos e 4 meses e nunca teve direito a qualquer apoio do Estado."

"Compreendendo que tenha de haver um critério, parece-me que este criou uma injustiça significativa, havendo na mesma sala crianças que nada pagam e crianças que pagam a mensalidade total – só porque uma nasceu um mês depois da outra, em alguns casos, e não por diferenças de rendimentos dos progenitores, o que seria uma forma de avaliação mais justa." E, agora, a esperança de essa "injustiça" terminar está a esvair-se.

Questionado sobre se apenas as crianças que transitam da Creche Feliz terão direito à frequência gratuita no primeiro ano do pré-escolar (sala dos 3 anos), o MECI respondeu: "A prioridade será dada aos alunos do programa Creche Feliz, numa lógica de continuidade. Em relação aos restantes alunos, dependerá da capacidade da rede pública, social e privada." Mas, então e os outros?, questiona Isabel Rocha. "Temos vaga garantida numa IPSS [Instituição Particular de Solidariedade Social], a mesma que ela frequenta desde o primeiro ano da creche, e por isso a gratuitidade nada tem a ver com a capacidade da rede, como o ministério argumenta", diz. Se tiver de pagar a frequência da filha no próximo ano lectivo, não tem dúvidas da razão. "É apenas uma decisão política." O PÚBLICO questionou o MECI sobre este e outros casos, sem resposta.

PAULO PIMENTA

Abrangidas crianças nascidas após 1 de Setembro de 2021

Mariana Carvalho, que lidera a Confederação Nacional das Associações de Pais (Confap), diz que ainda não começaram a chegar os contactos de pais preocupados. "Geralmente esses contactos surgem um pouco mais tarde, em Julho, quando começam a saber das colocações e têm dificuldade em conseguir vaga", diz. "O que defendemos é a gratuitidade da educação dos 0 aos 18 anos, em que medida é efectivada é que pode variar. Idealmente, deveríamos ter um serviço público que o garantisse. O que queremos é que haja solução e que seja para todos", argumenta.

Do lado das creches privadas, Susana Batista, que preside à Associação de Creches e Pequenos Estabelecimentos de Ensino Particular (ACPEEP), insiste que o mais urgente é ter uma resposta concreta para dar aos pais, sobre se vai mesmo avançar a gratuitidade para as crianças que vão transitar para o pré-escolar. "Todos os dias nos vêm perguntar como é que vai ser", afirma, admitindo que há poucas vagas para a procura.

PJ detém dois suspeitos de morte de timorense

Pedro Sales Dias

Rixa fez ainda cinco feridos graves. Ramos-Horta e Xanana dizem que jovens praticam artes marciais proibidas em Timor

A Polícia Judiciária deteve na quinta-feira duas pessoas suspeitas de terem estado envolvidas numa rixa recente em Fátima durante a qual foi morto um homem estrangeiro, de 26 anos, tendo ficado também feridas com gravidade cinco pessoas entre os 22 e 27 anos.

"A violência envolveu dois grupos opositores, estimando-se que tenha tido a intervenção de dezenas de elementos, todos do sexo masculino, utilizando armas brancas, barras de ferro, bastões e outros instrumentos de agressão", explica a Judiciária num comunicado enviado ontem. Em causa estão confrontos entre jovens timorenses, alegadamente pertencentes a dois grupos de artes marciais. De acordo com as autoridades timorenses, os confrontos envolveram cerca de 40 jovens, provenientes de vários locais de Portugal, incluindo Lisboa, Setúbal e Leiria.

"Fazem parte de dois grupos de artes marciais, que têm o pior recorde em Timor-Leste. Quando há rixas entre eles, é sempre o PSHT, o 77 e agora surge este 22; são eles, que não têm uma liderança forte, ou a liderança é dividida a nível da organização", explicou o Presidente de Timor-Leste, José Ramos-Horta, dias depois do ocorrido. Pediu também desculpa aos portugueses pelo que aconteceu e à justiça portuguesa que "seja dura" com os responsáveis pela morte. Ramos-Horta propôs que os vistos dos envolvidos fossem cancelados e estes expatriados para Timor-Leste.

O Presidente de Timor-Leste fez questão, porém, de salientar que o número de pessoas que "provoca distúrbios é infinitamente menor" do que todos os timorenses que vivem na diáspora, e que são conhecidos.

O esfaqueamento terá ocorrido na madrugada do dia 2 de Junho em Fátima na sequência de uma discussão e o óbito do jovem foi confirmado no local, tendo o corpo sido transportado para o Gabinete de Medicina Legal de Tomar. A vítima era natural do município de Aileu, em Timor. O primeiro-ministro timorense, Xanana Gusmão, apelou aos jovens timorenses, residentes no país e na diáspora, para deixarem de praticar as "ditas" artes marciais e rituais. **Com Lusa**

Portugal registou 61 casos de dengue, todos importados, a grande maioria do Brasil

Patrícia Carvalho

Até ao dia 9 de Junho, Portugal registou 61 casos de dengue - mais 34 do que os que tinham sido reportados até 31 de Março. Os dados da Direcção-Geral da Saúde (DGS) indicam ainda que todos os casos são importados e que não existe qualquer óbito associado à doença detectada no país. A morte de um português em Lisboa, no final de Março, não é considerada, porque o doente "tinha sido diagnosticado no estrangeiro e posteriormente deslocado para Portugal para assistência clínica", pelo que não é contabilizado como um caso no país, esclarece a DGS.

Esta semana, o Centro Europeu de Prevenção e Controlo de Doenças (ECDC, na sigla inglesa) anunciou a sua preocupação pelos dados mais recentes relativos às infecções causadas por mosquitos, como a dengue, o Zika ou o vírus do Oeste do Nilo. As populações dos diferentes mosquitos que podem transmitir estas doenças aos humanos estão a expandir-se na Europa, graças às alterações do clima que, com Verões mais quentes e Invernos mais moderados, ajudam à sua fixação. Além disso, o aumento de casos em algumas zonas do mundo (como o continente americano), associado a um crescimento exponencial das viagens entre essas regiões e o continente europeu, estão a contribuir também para o aumento.

O ECDC indicou que em 2023 houve 4900 casos importados de dengue, o que representa o número mais elevado desde que foi iniciada a vigilância europeia desta doença, em 2008. No ano anterior tinham sido apenas 1572. Em Portugal, apesar de estar confirmado o estabelecimento, em algumas zonas do país (como Penafiel e Algarve), do mosquito responsável pela transmissão da dengue, cuja presença foi também já detectada em Lisboa, ainda não foi encontrado qualquer mosquito infectado – o que quer dizer que não transmitem a doença. Por isso, o cenário em relação à origem da doença continua idêntico – todos os casos são importados.

As populações de mosquitos que podem transmitir estas doenças estão a expandir-se na Europa

Dos 61 casos de dengue registados até 9 de Junho, nenhum teve origem local, tendo sido todos "importados de zonas endémicas", 50 dos quais do Brasil, onde a doença tem registado níveis muito elevados. Foi aí que o cidadão português de 63 anos que morreu em Março contraiu a doença, cujas complicações acabariam por lhe tirar a vida. A DGS precisa que, apesar de o óbito ter sido registado já em território nacional (segundo notícias da altura, o homem estaria internado no Hospital de Santa Maria, em Lisboa), o diagnóstico foi feito fora do país, pelo que este "não é considerado um caso [de morte] em Portugal". Assim sendo, 2024 continua sem qualquer óbito associado à doença, nos registos nacionais.

PS insiste em advogado faltoso que quase perdeu lugar no Conselho da Magistratura

Mariana Oliveira

André Miranda participou só em cinco das 24 reuniões realizadas pelo órgão de supervisão dos juízes na anterior legislatura

O Partido Socialista divulgou esta quinta-feira os nomes que acordou com o PSD para dois conselhos superiores da Justiça, insistindo no nome do advogado André Miranda para o órgão de supervisão dos juízes. O problema é que André Miranda, que é cunhado de Alexandra Leitão, líder parlamentar dos socialistas, vai muito raramente às reuniões do Conselho Superior da Magistratura (CSM), o que até levou o então presidente do órgão a pedir aos serviços uma certidão com o seu registo das faltas, para que a Assembleia da República pudesse determinar a perda de mandato, como está previsto no Estatuto dos Magistrados Judiciais.

O artigo 147 desta lei diz que a perda de mandato é determinada quando ocorre a "falta não-justificada pelo plenário de qualquer vogal, por três meses consecutivos, às sessões a que deva comparecer". Na legislatura que passou, os vogais foram investidos a 12 de Maio de 2022, só terminando o mandato quando forem substituídos, o que ainda não aconteceu. A votação no Parlamento, que terá de eleger sete membros para o órgão de gestão e disciplina dos juízes, está marcada para a próxima quarta-feira. Serão necessários os votos de dois terços dos deputados para que a lista conjunta do PS e do PSD seja aprovada.

RUI GAUDÊNCIO

Parlamento vai eleger na quarta-feira sete membros para o órgão de gestão e disciplina dos juízes

Desde que os membros eleitos pela Assembleia da República foram investidos realizaram-se 24 reuniões do plenário do CSM, sendo que André Miranda, filho do constitucionalista Jorge Miranda, só compareceu a cinco. Mesmo nestas, na maioria participou apenas por videoconferência, sendo presença rara nas instalações do órgão de supervisão dos juízes, que habitualmente se reúne com uma cadência mensal.

Questionado pelo PÚBLICO sobre o que foi feito perante as faltas reiteradas de André Miranda, o Conselho Superior da Magistratura respondeu: "Os serviços de secretaria do CSM emitiram uma certidão com o registo de faltas do Sr. vogal André Miranda para efeitos de activação das medidas previstas no artigo 147.º do Estatuto dos Magistrados Judiciais. No entanto, tendo sido anunciada, nessa altura, a dissolução da Assembleia da República, que se veio a concretizar, foi entendido que o mandato cessaria por essa via, não tendo esta declaração sido entregue".

André Miranda já está no conselho superior da judicatura desde Setembro de 2020, tendo nesse ano participado nas cinco reuniões que se realizaram desde que foi investido. No ano seguinte a assiduidade foi bastante inferior, com o advogado a estar presente em apenas três dos 11 plenários organizados. Participou nas reuniões de Janeiro e Fevereiro, só tendo estado presente novamente na de Julho. Em 2022, antes de se iniciar a anterior legislatura, realizaram-se cinco reuniões, tendo André Miranda comparecido apenas a duas.

Contactado pelo PÚBLICO, André Miranda afirma que as faltas que deu foram justificadas por motivos de ordem profissional e familiar. "Sempre que faltei informei os serviços", garante o advogado, que em 2010 foi nomeado pelo então ministro da Justiça Alberto Martins para o cargo de director-geral da Política de Justiça. Antes tinha sido chefe do gabinete do ministro dos Assuntos Parlamentares, Jorge Lacão.

André Miranda afirma desconhecer que o CSM tivesse pedido o registo das suas faltas e garante que nunca foi abordado por ninguém do órgão sobre as suas ausências sucessivas. Questionado sobre se considera que tem condições para voltar a exercer o mesmo cargo, o advogado diz que lhe foi endereçado um convite e o aceitou.

"Procurarei exercer as minhas funções de forma empenhada", afirma, sublinhando que só presta contas perante a Assembleia da República, onde vai ser ouvido na próxima terça-feira. A votação da lista está marcada para o dia seguinte.

Igualmente contactada pelo PÚBLICO, a líder parlamentar do PS, Alexandra Leitão, afirma desconhecer em absoluto esta situação, que diz também não ser do conhecimento do grupo parlamentar socialista. "Nem o CSM nem o próprio alguma vez reportaram essa situação", afirma Alexandra Leitão. Se soubéssemos, provavelmente a nossa decisão teria sido diferente", completa.

Explica que, como a última legislatura foi interrompida a meio, a decisão do PS foi manter os mesmos membros, com excepção dos que não se mostraram disponíveis para continuar. "Daí que para o CSM voltámos a indicar André Miranda, Inês Ferreira Leite e José Manuel Mesquita", afirma Alexandra Leitão.

Mesmo sem chuva, Algarve tem água para consumir num ano

João Pedro Pincha

O Governo formalizou ontem em Conselho de Ministros o alívio nas restrições à utilização de água no Algarve. A decisão já tinha sido antecipada no fim de Maio pelo primeiro-ministro. Assim, o sector agrícola passa a ter uma redução de 13% no consumo de água (face aos 25% decretados em Fevereiro, ainda pelo anterior executivo), enquanto os sectores turístico e urbano passam dos 15% de redução para 13% e 10%.

"Mesmo que não chova mais este ano, nem mais uma gota, haverá água para garantidamente um ano de consumo urbano", declarou o ministro da Presidência, António Leitão Amaro, no fim da reunião. O governante não entrou em detalhes sobre as medidas concretas que vão constar na resolução agora aprovada e que será publicada em *Diário da República*, mas elas deverão corresponder ao que Luís Montenegro anunciou em Faro, a 22 de Maio.

Leitão Amaro disse que o alívio agora decidido só é possível porque "choveu mais este ano do que na média dos anteriores" e que "tem de ser permanentemente reavaliado", agendando para Agosto um novo ponto de situação. "Havendo uma alteração da situação, há uma reanálise", avisou. O ministro afirmou que o Governo decidiu dar "prioridade aos consumos urbanos", mas assumiu que as explorações agrícolas "estavam particularmente penalizadas" nas restrições decididas em Fevereiro.

É para o sector urbano que vai uma parte dos 103 milhões de euros que o Governo decidiu alocar a novos projectos relacionados com a água no Algarve. O valor também já tinha sido anunciado em Maio, agora Leitão Amaro concretizou um pouco mais. Uma das prioridades, disse, é "reforçar e investir na rede urbana da água de forma a diminuir perdas que são muito significativas". "É possível que, o sistema perdendo menos água, a água que exista sirva mais gente."

Leitão Amaro disse que alívio só é possível porque "choveu mais este ano do que na média dos anteriores"

Além disso, para a eficiência da utilização da água no sector agrícola, o Governo decidiu lançar um investimento de 27 milhões de euros no chamado adutor Funcho-Arade, que é uma reivindicação dos agricultores de Silves e Portimão.

Por fim, Leitão Amaro reforçou que o Governo pretende "acelerar os investimentos do PRR", porque "não basta ter investimentos no papel". E aproveitou para novamente criticar o Governo anterior: "Esta é uma daquelas áreas, das muitas áreas, em que os investimentos prometidos não aconteciam. A taxa de execução do PRR em água, no combate à seca no Algarve, encontrava-se em 5%." As decisões agora tomadas, garantiu, vão permitir "acelerar" projectos na região como a dessalinizadora ou a transferência de água entre bacias do barlavento e do sotavento.

Sines foi ao mar buscar canhões para criar parque subaquático

Câmara de Sines juntou-se a arqueólogos para criar numa praia um parque subaquático, que será visitável no Verão. Agora, foram ao fundo do mar buscar âncoras e canhões

Reportagem

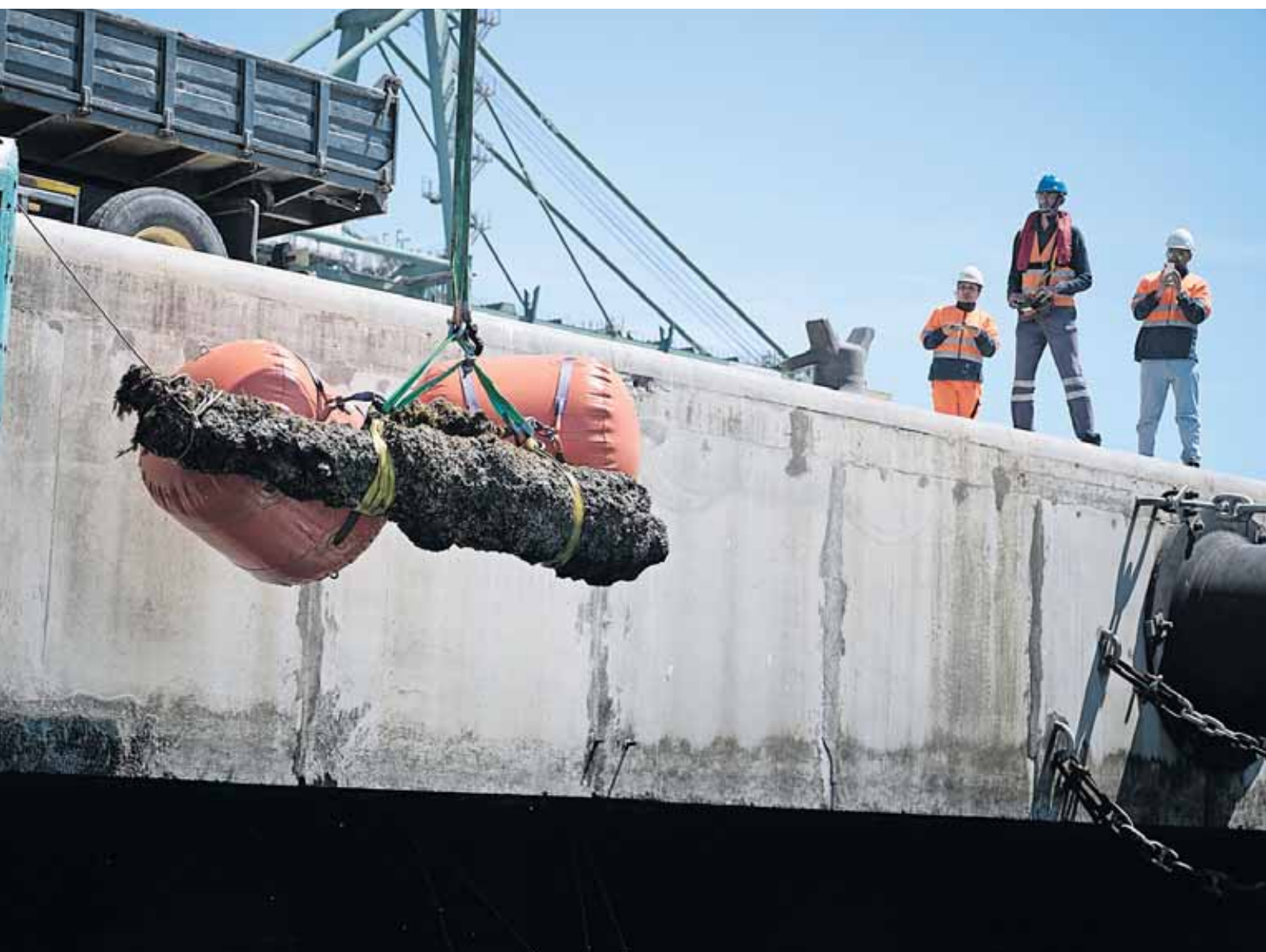
Teresa Serafim Texto,
Rui Gaudêncio Fotografia

A "caça ao tesouro" está prestes a começar e parece que terá os ingredientes da típica aventura. Um grupo de mergulhadores prepara-se para ir ao fundo do mar buscar um canhão que, provavelmente, fazia parte de um navio ligado às invasões napoleónicas. Vestem os fatos de mergulho, ajeitam as garrafas que os farão respirar dentro de água, e olham o mar em diante, a partir do porto de abrigo de Sines.

O início de tarde assoma-se calmo no Porto de Sines. O sol aquece, as gaivotas vom em círculos, e as movimentações dos contentores do terminal em frente fazem-se sem grandes perturbações - uns "pis" de máquinas, mas nada que faça prever que esteja a acontecer algo de extraordinário.

Mas os experientes navegadores do mar lá detectam algo que poderá tornar-se uma dificuldade na missão que têm em frente. "Este vento é que não estava previsto", comenta, com um trejeito na face, o arqueólogo Alexandre Monteiro. Há que enfrentá-lo: a aventura vai começar.

A bordo de um pequeno semi-rígido de apoio ao mergulho, contornam-se enormes embarcações com dezenas de contentores. Prossegue-se pelo mar, tendo em vista uma zona rochosa e uma extensão de areia. Ao fundo, vêem-se turbinas eólicas. O caminho faz-se sem percalços e, ao fim de cerca de duas milhas, lá se chega ao destino: a uma zona da praia de São Torpes.

Por quase todos os lados ficamos rodeados de grandes tetrápodes e paralelepípedos de betão, peças que compõem os molhes de protecção de colectores e descarregadores de água de refrigeração da antiga Central Termoeléctrica de Sines. Afinal, mesmo em frente, avistamos ainda as torres da central desactivada em 2021. O vento já sopra com uma ligeira intensidade. "A praia de São Torpes faz parte do antigo ancoradouro de Sines e está referenciada desde cartografia do século XVI ou XVII", conta Alexandre Martins. "Neste sítio, os navios que não conseguissem ancorar, quando viesse este tipo de vento, seriam arrastados e iriam

naufragar em São Torpes.”

É aqui que têm sido identificados vestígios de naufrágios e é aqui que se vai tirar o canhão. Os mergulhadores – Alexandre Monteiro, Paulo Costa e Gonçalo Chinita – põem as barbatanas, envergam os equipamentos e lançam-se à água. A comandar o semi-rígido, com uma manobra aqui e ali, fica Joaquim Parrinha, da Ecoalga, uma empresa turístico-marítima de Sines. Durante algum tempo, deixa-se de ver os mergulhadores, foram em busca do canhão. Fica apenas o som de máquinas ao longe, de gaivotas mais perto e do vento.

Nesse intervalo sem ver os mergulhadores, Joaquim Parrinha monta o sistema de reboque que vai levar o canhão. “Há 20 anos que esperava este dia”, diz sorridente, a propósito de uma vontade que se tinha de levar canhões por ali encontrados para que se fizesse um museu subaquático em Sines. De repente, sente-se a movimentação dos três mergulhadores a vir à superfície e um balão laranja fica suspenso. Está feito! O canhão, que estava a cerca de quatro metros de profundidade, está preso a um cabo, ao balão e pronto a ser levado para o Porto de Sines.

“Já está! Vamos até à âncora?”, questiona Alexandre Monteiro, ainda dentro de água, para saber se ainda se leva uma âncora naquela ida a São Torpes. Os mergulhadores deixam a questão no ar, reflectem, mas a decisão é consensual: não há condições para levar a âncora. “O mar está rijo! O vento está agarrado ao mar”, esclarece Joaquim Parrinha, quanto à impossibilidade de levar a peça. Por agora, segue arrastado pelo semi-rígido um canhão de 1,73 metros de comprimento e 800 quilos.

Um espaço para mergulhar

Este canhão é uma das peças que o grupo de mergulhadores estão a tirar de um sítio de naufrágio, onde pode ter ocorrido um ou mais naufrágios, para que possam vir a integrar o futuro Parque Arqueológico Subaquático de Sines. Este é um projecto da Câmara Municipal de Sines que tem como grande objectivo proteger e dinamizar o património cultural da região. O financiamento foi de quase 267 mil euros, tendo tido o apoio da União Europeia de cerca de 227 mil euros – os restantes foram um investimento da autarquia.

Ricardo Pereira, arquitecto do município de Sines, é o responsável por este projecto e espera que o parque venha a ser “um espaço de acolhimento para quem queira vir mergulhar” a Sines. O local desse parque será na praia de Vasco da Gama. Ladeada pela Avenida Marginal, onde passam muitas pessoas a andar e a correr, esta é uma praia onde já se praticam desportos e há actividades com escolas. “É um sítio muito abrigado com pouca ondulação, onde se pode mergulhar com toda a segurança”, indica o arquitecto, sublinhando que aqui não há interferência das actividades da zona portuária.

Para este projecto, juntaram-se à autarquia os arqueólogos Alexandre Monteiro (um dos coordenadores científicos) e Paulo Costa, ambos do pólo História, Territórios e Comunidades, um pólo na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa do Centro de Ecologia Funcional da Universidade de Coimbra; e a empresa de arqueologia Cota 80.86, que tem como directora a arqueóloga Vanessa Filipa (a outra coordenadora científica do projecto).

Joaquim Parrinha
Comanda um semi-rígido, da sua empresa Ecoalga, onde se foram buscar canhões e âncoras a um sítio de naufrágio em frente à antiga central termoeléctrica de Sines. Na pequena embarcação vão os mergulhadores que retiraram as peças do mar

Canhão de um naufrágio
Foi retirado de água através de uma grua, com ajuda de mergulhadores no mar. A peça foi depois levada para a praia Vasco da Gama, em Sines, onde se está a criar um parque arqueológico subaquático, que será visitável já no Verão, de acordo com o município

Alexandre Monteiro explica que o projecto tem tido várias fases. Numa primeira, fez-se o levantamento dos naufrágios que terão ocorrido na costa do concelho de Sines. Numa segunda fase, realizou-se uma prospecção geofísica para se perceber que vestígios de naufrágios existiam. Já numa terceira fase, a que se esteve esta semana a desenvolver, localizaram-se ou relocalizaram-se peças para que fossem levadas para a praia de Vasco da Gama e integrem o tal parque subaquático.

Histórias de naufrágios

Em pleno mar, já com o canhão agarrado ao semi-rígido, os mergulhadores regressam ao Porto de Sines com o sentimento de parte da missão cumprida. A velocidade de regresso abranda – não tanto pela carga que se leva, mas para que o balão não se rasgue. A vinda faz-se também em mais do dobro do tempo da ida devido às movimentações do trabalho no porto.

O tempo não é perdido dentro da pequena embarcação e os mergulhadores entretêm-se a contar histórias sobre naufrágios na costa de Sines – ora de uns encontrados, ora de outros ainda por descobrir.

A história do naufrágio a que pertencerá o canhão que foram buscar está por contar. “É um sítio de naufrágio. Houve ali uma perda catastrófica de uma embarcação que transportava, que saibamos, peças de artilharia e duas âncoras”, conta Alexandre Monteiro. A grande hipótese é que a embarcação se terá desfeito devido a uma tempestade vinda de oeste ou de uma nortada muito forte. Desse naufrágio, restaram apenas essas peças, indica o arqueólogo.

Ainda de forma preliminar, Alexandre Monteiro refere que o navio que aí naufragou deveria ser, muito provavelmente, dos finais do século XVIII a princípios do século XIX e que, “se calhar, estaria ligado às invasões napoleónicas e às guerras entre França e Inglaterra”. Essa datação foi feita a partir do tipo de artilharia encontrada, não tendo sido possível encontrar qualquer tipo de artefacto datado.

Não se sabe que navio seria. Por agora, há duas hipóteses: uma delas é a de que seria um grande navio de guerra. Contudo, como não foram encontrados registos documentais sobre esse navio, pensa-se que não será esta a hipótese mais correcta. A hipótese mais provável é a de que seria, de facto, um navio mercante. “Transportaria estas peças de artilharia alojadas no porão e estaria a fazer manobras para recuperar ou fazer desembarcar o exército em guerra”, especula o

➔

Local Expedição a um sítio de um naufrágio em frente a São Torpes

arqueólogo, referindo que isso poderá estar relacionado com campanhas inglesas na Península Ibérica na altura das Invasões Francesas.

O canhão de 1,73 metros que tiraram do sítio de naufrágio poderia fazer parte do convés ou seria parte da carga que vinha a bordo. Já um outro canhão de 2,63 metros e também com duas toneladas que foram buscar de manhã seria uma peça de bordo da primeira linha do navio ou faria parte do seu armamento ofensivo principal. Apesar de desde o século XX se terem identificado canhões por aquela zona, Alexandre Monteiro refere que estes dois canhões foram descobertos durante uma das fases do projecto pela equipa e que "são inéditos", pois não se encontram menções em nenhum registo oficial nem os habitantes tinham conhecimento deles.

Levantar o canhão com grua

Antes de ir buscar o canhão ao sítio de naufrágio, a equipa de mergulhadores esteve a tirar da água este canhão maior, com a ajuda de um camião com uma grua. No semi-rígido, desde o porto de abrigo, os mergulhadores levaram dentro de água o canhão, que estava sinalizado por balões cor de laranja em suspensão, até ao terminal de contentores, onde estava a grua. "Está tudo controlado", ouve-se alguém a dizer a partir de um grupo de pessoas ao lado do camião.

O braço da grua desce para que se possa trazer para terra o canhão, mas, afinal, não está tudo controlado. O braço não alcança, nem de perto, o canhão em água. No semi-rígido, improvisa-se e arranjam-se cintas e manilhas para tornar o braço da grua bem maior. Lá se consegue. Os mergulhadores vão à água para prender o canhão ao braço improvisado. Do semi-rígido, lança-se a terra um cabo, que estará agarrado ao canhão, para que possa subir a terra na direcção certa.

A comandar o semi-rígido, que anda às voltas com a ondulação, Joaquim Parrinha faz figas para que tudo corra bem. Eis que os balões se começam a despejar e vêem-se cada vez mais os contornos do canhão. Lá vem ele direitinho. Os mergulhadores olham-no a subir e sorriem. Esta peça que levou mais de duas semanas a ser tirada pelos mergulhadores da rocha do fundo do mar é agora tirada da água em cerca de meia hora.

Em terra, ao lado do camião, Ricardo Pereira avisa com a voz elevada, para que se oiça por cima do vento: "Alexandre, está tudo OK. Vamos levar o canhão para a avenida." Joaquim Parrinha vê toda esta movimentação e desabafa: "Andei tantos anos a lutar por isto. Agora já posso morrer descansado."

Joaquim Parrinha tem o sonho antigo de que Sines tenha um museu subaquático. Essa ambição começou em 2004, quando abriu a sua empresa Ecoalga. No Verão desse ano, fez-se uma prospecção de arqueologia no local e identificaram-se canhões na costa de Sines - que já se sabe oficialmente que existem, pelo menos, desde os anos de 1980. "Disseram-me que eram peças de ferro e que não tinham interesse", recorda, assinalando que esteve a acompanhar essa prospecção. Mas para Parrinha tinham todo o interesse para a história da região: "Comecei a pensar que podia dar um museu subaquático com visitas no sítio. Era brutal!"

Na altura, falou com o então presidente de Câmara de Sines, Manuel Coelho (eleito pelo PCP). "Riu-se e disse que tinha muitas ideias", relata. Sai Manuel Coelho e candidata-se Nuno Mascarenhas (PS) e Parrinha até vai nas suas listas com a ideia do museu subaquático e outras sugestões para a região. O tal museu chegou a ser tema de campanha, diz, mas demorou tanto tempo a concretizar-se que Parrinha foi ainda noutras listas de um candidato do PSD, como conselheiro. Até que o município, com Nuno Mascarenhas, decide fazer um parque arqueológico subaquático.

"Esta semana é a loucura", assume o também professor numa escola em Vila Nova de Milfontes e que está ligado a projectos de biodiversidade. "Está feito! É um capítulo que posso encerrar. Não desisti."

Ricardo Pereira confirma que este projecto com os canhões era muito desejado pela população e pelas pessoas que fazem mergulho na região, que tinham vindo a mostrar imagens e vídeos subaquáticos à autarquia. "Falava-se muito e perguntavam-nos: 'Quando é que vão buscar os canhões?' As pessoas continuam a ter a ideia de que a arqueologia é uma caça ao tesouro", conta o arquitecto.

A ida ao fundo do mar para ir buscar os canhões acabou por acontecer agora por uma série de factores. Primeiro, o mar acalmou: durante o Inverno, não tinha sido possível devido à sua agitação. Agora, havia também uma "janela de oportunidade" entre a desactivação da central termoeléctrica e a activação de um novo centro de dados que ficará na mesma zona. Ricardo Pereira esclarece que as obras do centro de dados "prosseguem a bom ritmo" e quando for necessário reactivar as tomadas de água para o arrefecer, vai ser preciso dragar areias, o que afectaria as peças agora recolhidas. Esta foi, assim, também uma forma de salvaguardar canhões e âncoras. Nesse local, os molhes de protecção já tinham afectado o sítio de naufrágio, pois sabe-se que há, pelo menos, um canhão por baixo.

Estas peças farão então parte do Parque Arqueológico Subaquático de Sines. Por agora, o parque será composto por um núcleo de canhões e morteiros que já estavam na praia de Vasco da Gama, estando a ser agora inventariados. Para lá estão a ser transportadas as peças retiradas de São Torpes: quatro de artilharia – incluindo os dois canhões – e duas âncoras. Os canhões serão recolocados a cerca de dez metros da praia para que possam ser visitados.

A poucos metros da praia, o município criou também um espaço com pavilhões. Num deles, passará um filme sobre o projecto e ficará exposto o canhão de 1,73 metros, que vai ser restaurado. Quem passar por lá, pode ir vendo o desenvolvimento desse trabalho. A peça ficará num grande recipiente e será tratada por um conservador-restaurador. "O canhão vai ter um longo processo de restauro, em que se vai substituir a água, que primeiro é a do mar e depois vai tendo, progressivamente, menos quantidade de sal, [e serão usados] produtos de conservação", descreve Ricardo Pereira. Há ainda outro pavilhão com balneários.

Avenida Marginal de Sines
Aqui estão pavilhões que mostrarão o restauro de um dos canhões retirados do mar

Pronto para o Verão

O objectivo é que o Parque Arqueológico Subaquático de Sines fique "em plena actividade este Verão", de forma informal, indica o arquitecto. "Estamos a pensar instalar uma jangada fixa, durante o Verão, para facilitar a visita", perspectiva. Além das actividades das escolas e ocupações de tempos livres, as empresas ligadas ao mergulho poderão fazer lá actividades.

Em breve, o município iniciará o processo administrativo para que este espaço seja oficialmente reconhecido como um parque arqueológico subaquático pelo instituto público Património Cultural, que é responsável pela gestão do património cultural em Portugal continental. Por agora, em termos legais, tinha-se a autorização da recentemente extinta Direcção-Geral do Património Cultural para deslocar as peças do sítio anterior para a praia de Vasco da Gama.

Neste momento, está a fazer-se a reserva arqueológica na praia de Vasco da Gama - ou seja, a colocar-se as peças novas no local e fazê-las "dialogar" com as que já lá estão. "Ainda não foi feito o pedido para a criação do parque, porque, até ao momento, não tínhamos a certeza do que iríamos conseguir apresentar. Esse passo será tomado de seguida", informa o arquitecto. Agora já têm e vão avançar.

Alexandre Monteiro refere que existem apenas cinco parques arqueológicos em Portugal, todos nos Açores. "Fui o impulsionador desses parques, tendo iniciado o processo de três, sendo o mais antigo o da baía de Angra, criado em 2005", nota. "Não há nenhum em Portugal continental ou na Madeira, nem sequer sob a forma de reserva."

Na sua opinião, o desenvolvimento de um destes parques em Sines é importante porque, por um lado, se conseguiu envolver uma autoridade local na recuperação do seu próprio património e no seu próprio território. "Não tem sido este o apanágio daquilo que tem sido a política do Governo central", critica. Por outro lado, considera que uma vantagem é a formação de técnicos da autarquia que tem sido feita ao longo do projecto, como a do mergulhador Gonçalo Chinita, que é arquivista na autarquia.

Quanto ao valor das peças recolhidas esta semana, refere que "são bens arqueológicos, que integram o património subaquático português e são peças que vão compor o xadrez do património subaquático". "São bens que nos vão conduzir à identidade do naufrágio, que são histórias que o mar guarda", afirma.

Já para Ricardo Pereira, o parque subaquático é uma forma de trazer um turismo "culto, interessado, com poder de compra" para Sines. Da mesma forma, vai ser possível mostrar à população a sua história. "Queremos que no dia-a-dia as pessoas encontrem o seu património", ambiciona. Tal como ambiciona que o parque subaquático venha a estender-se ao longo do tempo.

O arquitecto olha agora para um dos canhões resgatados do fundo do mar, o que foi trazido para a Avenida Marginal e deixado em frente aos pavilhões. Quem vai passando olha-o com curiosidade. Há até quem pare e olhe de forma mais prolongada. É isso que Ricardo Pereira pretende: que as pessoas que por ali passem questionem o património. Afinal, uma "caça ao tesouro" é também uma busca pelas histórias do património de uma cidade.

Esquerda anuncia união em França: "Uma nova página na História"

Plataforma inclui promessa de manter armas para a Ucrânia. Sondagens dão hipótese de competir com a direita radical e de relegar o partido de Macron para terceiro lugar

Maria João Guimarães

A esquerda francesa anunciou nome e manifesto para a sua aliança para disputar as eleições legislativas francesas cuja primeira volta se realiza a 30 de Junho. "Com esta Nova Frente Popular escreve-se uma nova página na História de França!", declararam os partidos.

A formação desta aliança era vista com muito cepticismo, dadas diferenças fundamentais em alguns campos e a figura do líder da França Insubmissa, Jean-Luc Mélenchon, protagonista de algumas destas diferenças. A manchete do site do diário*Le Monde* foi, durante várias horas, uma constatação: "A esquerda une-se, a direita divide-se".

Um jornalista presente, ontem, na conferência de imprensa de apresentação, Pierre Lepelletier do *Figaro*, comentava ao ver juntos a política Aurore Lalucq, do partido de centro-esquerda Praça Pública, e Manuel Bompard, da França Insubmissa: "Estamos mesmo no metaverso."

Mas a França Insubmissa acabou por fazer concessões importantes para o programa das esquerdas unidas (Partido Socialista, França Insubmissa, Verdes, Partido Comunista, Praça Pública): concordar em manter a entrega de armas à Ucrânia e defender o regresso da Rússia às fronteiras anteriores ao início da agressão russa; declarar que o Hamas é uma organização terrorista, e admitir que o anti-semitismo explodiu em França (e não é apenas "residual"), assinalou na rede social X (antigo Twitter) Philippe Marlière, professor de Política Francesa na University College London.

"É irrepreensível no plano internacional", comenta Marlière. "Empenho pró-europeu, apoio à Ucrânia e respeito das suas fronteiras, cessar-fogo em Gaza, Estado palestiniano, libertação dos reféns."

Na apresentação do programa, numa conferência de imprensa em Paris, a Nova Frente Popular disse que a sua prioridade era a crise do custo de vida, dizendo que quer indexar os salários à inflação, aumentar o salário mínimo e reverter uma controversa reforma das pensões de Macron (voltando a passar a idade da reforma de 64 para 60 anos), assim como a do desemprego. Também quer introduzir um imposto sobre as grandes fortunas e legislar para atingir a neutralidade carbónica em 2050.

MOHAMMED BADRA/EPA

Apresentação da Nova Frente Popular, com responsáveis do Partido Socialista, França Insubmissa, Ecologistas e Partido Comunista

A Nova Frente Popular tem valores nas sondagens que lhe permitem competir com a direita radical da União Nacional, partido anti-imigração, nacionalista, eurocéptico e islamofóbico de Marine Le Pen (e do candidato a primeiro-ministro Jordan Bardella).

As eleições legislativas, com o seu sistema de eleição de deputados com 50% mais um (e caso nenhum consiga essa maioria absoluta, a eleição será por maioria relativa numa segunda volta), não é vantajosa para o partido de Le Pen, que, apesar de ter seguido com sucesso uma estratégia de desdiabolização, acabando, por exemplo, com o anti-semitismo no partido (e expulsando o próprio pai, o fundador Jean-Marie Le Pen), continua a ter uma rejeição assinalável que pode levar outros campos a unir-se contra os seus candidatos.

Apesar de o Presidente, Emmanuel Macron, ter dito que estava nestas eleições para vencer, as sondagens não parecem dar-lhe muitas hipóteses. O seu cargo não está de qualquer modo em causa (e Macron já excluiu a hipótese de se demitir qualquer que seja o resultado da votação).

O cenário mais provável parece ser o de coabitação, ou seja, quando há ao mesmo tempo um Presidente de um partido e um primeiro-ministro de outro. No caso de ser a esquerda a vencer, ainda não há ideia de quem será o candidato — mas o socialista Raphaël Glucksmann disse que não será Mélenchon "por uma razão muito simples: é preciso que seja alguém consensual".

Caos entre os conservadores

Para a direita radical, esta semana já trouxe um sucesso a Le Pen: a quebra formal do "cordão sanitário" em torno da direita radical pel'Os Republicanos, o partido gaullista que há anos entrou em declínio depois de ter sido uma força essencial na política francesa: o seu líder, Éric Ciotti, anunciou que queria uma aliança com a União Nacional, aliança que foi rapidamente confirmada por Bardella.

Na sequência da afirmação de Ciotti, vários pesos-pesados do partido anunciaram que ele se deveria demitir e começaram a dar passos para o fazer.

Ciotti tentou impedi-lo fechando à chave a sede do partido e não permitindo a entrada de ninguém. O conselho político do partido reuniu-se num museu, e terminou com a decisão de o retirar do cargo. Ciotti diz que não sai, porque não foram respeitados os estatutos.

Outro partido que não se está a sair bem das ondas de choque do anúncio de eleições-relâmpago de Macron é o extremista Reconquista, de Éric Zemmour, o partido ainda à direita da União Nacional, e que inclui a sobrinha de Marine Le Pen, Marion Maréchal, que já esteve no partido da tia (então chamado Frente Nacional).

Zemmour não terá gostado dos comentários de Maréchal, que como número dois da lista às europeias acabou de ser eleita eurodeputada (o partido obteve 5,5% dos votos), sobre as exigências excessivas da Reconquista para um acordo com a União Nacional e, acusando-a de traição, expulsou-a, e ao seu círculo próximo, do partido.

Maréchal disse que não se irá juntar à União Nacional e que irá assumir o seu lugar no Parlamento Europeu, mas que irá apoiar a União Nacional – mais votos para Le Pen.

Ameaçado pelo partido de Farage, Sunak apela ao voto útil nos conservadores

Paulo Narigão Reis

Transferência de votos dos *tories* para o Reform UK apenas servirá para "passar um cheque em branco" aos trabalhistas, diz Sunak

O primeiro-ministro britânico, Rishi Sunak, avisou ontem que o voto no Reform UK, de Nigel Farage, servirá apenas para garantir a vitória eleitoral aos trabalhistas, depois de uma sondagem ter colocado, pela primeira vez, o partido de direita radical à frente dos conservadores nas intenções de voto para as eleições marcadas para 4 de Julho.

A sondagem do YouGov para o jornal *The Times*, divulgada na quinta-feira, coloca o Reform UK com 19%, contra os 17% anteriores, e o Partido Conservador com 18%, uma vantagem que, no entanto, fica dentro da margem de erro. O Partido Trabalhista, liderado por Keir Starmer e que apresentou na quinta-feira o seu manifesto eleitoral, reúne 37% das intenções de voto.

"Se esta sondagem fosse replicada nas urnas, passaria um cheque em branco aos trabalhistas", afirmou Sunak em Itália, onde participou na cimeira do G7. "Em última análise, um voto em qualquer pessoa que não seja um candidato conservador torna mais provável que Keir Starmer chegue ao número 10 [de Downing Street, a residência oficial do primeiro-ministro do Reino Unido]", acrescentou o líder dos *tories*.

Nigel Farage não perdeu tempo a tentar capitalizar os números da sondagem do YouGov, afirmando que o Reform UK passou agora a ser a verdadeira oposição aos trabalhistas de Starmer. Vangloriando-se do que considerou como um início de campanha "fenomenal", Farage disse esperar que o Reform UK consiga "ultrapassar o limiar eleitoral", mas recusou-se a estabelecer um objectivo para o número de assentos parlamentares que poderá conquistar.

"Em 2015, quando liderei o UKIP nas eleições gerais, obtivemos quatro milhões de votos e um lugar. Nunca antes alguém tinha conseguido tantos votos para tão pouca recompensa", afirmou Farage no programa BBC Breakfast. "Mas, desta vez, estamos a contar com muitos, muitos mais votos do que quatro milhões", acrescentou, admitindo, no entanto: "[Pode não ser suficiente para conquistar] o número de lugares que merecemos..."

NEIL HALL/EPA

O Reform UK passou a ser a verdadeira oposição, diz Nigel Farage

Mesmo crescendo em número de votos, não se prevê que o Reform UK ganhe muitos – ou sequer algum – lugares no Parlamento britânico, já que a sua base de apoio está distribuída de forma comparativamente uniforme por todo o país, enquanto o apoio aos partidos estabelecidos – conservadores, trabalhistas e liberais-democratas – está mais concentrado por áreas geográficas.

O Reino Unido tem um sistema eleitoral de "first past the post", no qual é apenas eleito, em cada círculo, o candidato que tiver mais votos. Ou seja, o UK Reform poderá até recolher milhões de votos em todo o país sem conseguir ganhar nenhum dos 650 círculos eleitorais, não elegendo qualquer deputado para o Parlamento. E, aliás, segundo a última projecção feita pelo YouGov em relação à composição do futuro Parlamento britânico, o Reform UK não conseguirá eleger nenhum deputado.

Assim, o que está em causa será o impacto que a possível transferência de votos dos conservadores para o partido de Farage causará na prestação eleitoral dos *tories*. Segundo a mesma projecção do YouGov, o Partido Trabalhista obteria 422 lugares no Parlamento (quase o dobro do que alcançou em 2019), enquanto o Partido Conservador se ficaria pelos 140 lugares, uma queda de 225 assentos.

Outras sondagens mostram, no entanto, os conservadores ainda à frente do Reform UK nas intenções de voto, mas a maior parte confirma o aumento do apoio ao partido de Farage. "Seja qual for a perspectiva, mesmo que, em média, o Reform UK não esteja à frente, isto não deixa de ser uma má notícia para os conservadores", disse o especialista em sondagens John Curtice à BBC.

Foi por isso mesmo que Sunak apelou directamente aos eleitores que estão a pensar em votar no Reform UK, dizendo: "Se querem medidas para baixar os impostos, diminuir a imigração, proteger as pensões ou uma abordagem sensata ao objectivo de carbono zero, só o conseguirão se votarem nos conservadores."

Mesmo conquistando muitos votos, o Reform UK poderá não eleger nenhum deputado

Criação de riqueza

Dois dias depois de Rishi Sunak ter apresentado um manifesto eleitoral baseado na receita conservadora de redução de impostos, Keir Starmer mostrou aos britânicos, na quinta-feira, o seu plano para romper com 14 anos de governação dos *tories*. Ao lançar o manifesto eleitoral do Partido Trabalhista em Manchester, no Noroeste de Inglaterra, Starmer prometeu: "[O Governo trabalhista irá] parar o caos, virar a página e começar a reconstruir o nosso país."

Rejeitando a imagem de que o Labour é um partido de "impostos e despesas", Starmer disse que iria concentrar-se na resolução de problemas estruturais, nomeadamente a habitação, e impulsionar o investimento privado. "Somos pró-empresas e pró-trabalhadores. Somos o partido da criação de riqueza", lançou Starmer, afirmando que o Reino Unido precisa agora do tipo de estabilidade que os conservadores não conseguiram garantir durante 14 anos de poder.

Acordo de Governo na África do Sul garante reeleição de Cyril Ramaphosa

Alexandre Martins

Congresso Nacional Africano perdeu a maioria absoluta no parlamento pela primeira vez desde 1994

Após duas semanas de intensas negociações, Cyril Ramaphosa obteve a garantia de que será reeleito para um segundo mandato de cinco anos como Presidente da África do Sul, com o apoio do maior partido da oposição, a Aliança Democrática.

O acordo entre a Aliança Democrática (AD) – um partido do centro-direita, com propostas para a liberalização da economia e muito popular entre a minoria branca – e o histórico Congresso Nacional Africano (ANC, na sigla original), de Ramaphosa, foi anunciado ontem e prevê a reeleição do Presidente sul-africano e uma coligação governamental que inclui outros dois partidos mais pequenos – o conservador e nacionalista Inkatha, e o Aliança Patriótica, da extrema-direita e anti-imigração.

Após 30 anos de vitórias com maioria absoluta nas eleições gerais, o ANC viu-se forçado a obter o apoio da oposição para formar Governo e reeleger Ramaphosa como Presidente da África do Sul, depois de ter registado o seu pior resultado de sempre – 40% – nas eleições de 29 de Maio.

Ao conquistar apenas 159 dos 400 lugares na Assembleia Nacional – caindo de um máximo de 279, em 2004, e de um mínimo de 230, em 2019 –, o ANC acabou por estender a mão à AD (22% e 87 deputados), evitando dessa forma uma coligação de vários partidos mais pequenos, que poderia dificultar ainda mais a aprovação de propostas no parlamento.

Cyril Ramaphosa teve de negociar acordo com oposição

Ainda assim, a inclusão de dois pequenos partidos no acordo de governação é visto como um obstáculo a uma transição suave, esperando-se "alguma luta pela nomeação para posições importantes, principalmente em lugares nos ministérios", disse a analista sul-africana Ayesha Kajee ao *site* do canal Al Jazeera. O líder da AD, John Steenhuisen, saudou o acordo com o ANC, que descreveu como "um passo em frente histórico".

Preferido no mundo dos negócios da África do Sul devido às suas propostas de liberalização da economia, e visto pela maioria negra como um protector das elites brancas, a AD é o único grande partido sul-africano liderado por um branco, num país em que mais de 80% da população é negra. Segundo a agência Reuters, a inclusão no acordo do Partido Livre Inkatha, muito popular entre a população zulu, é vista como uma forma de atenuar o impacto da coligação com a AD junto do eleitorado do ANC.

"Hoje assinala-se o início de uma nova era, em que pomos de lado as nossas diferenças e nos unimos para o bem de todos os sul-africanos", disse Sihle Zikalala, ministro das Infra-Estruturas e Obras Públicas, na rede social X.

Antes da votação no parlamento que irá reeleger Ramphosa como Presidente da África do Sul, ainda ontem, a nova coligação permitiu a eleição da presidente da Assembleia Nacional, Thoko Didiza (do ANC), e prepara-se para aprovar a nomeação de um dirigente da AD como vice-presidente.

É a primeira vez na história da África do Sul pós-*apartheid* que o ANC obtém menos de 50% dos votos e se vê forçado a governar com o apoio de outros partidos. Em 1994, nas primeiras eleições multirraciais, a governação foi distribuída por vários partidos, apesar de o ANC ter obtido 63% dos votos, o que aconteceu por imposição constitucional e por iniciativa de Nelson Mandela.

As eleições deste ano ficaram também marcadas pela exclusão, por decisão do Tribunal Constitucional sul-africano, da candidatura de Jacob Zuma, o ex-líder do ANC e ex-Presidente do país, que foi condenado a 15 meses de prisão, em 2021. Zuma, de 82 anos, criou um novo partido – o MK – que obteve uns significativos 15% e que pode ter contribuído de forma decisiva para o afundamento do ANC em relação a anteriores eleições.

Bancadas da direita radical crescem ligeiramente com novos eleitos

Rita Siza, Bruxelas

Parlamento Europeu actualizou a projecção da composição das bancadas do hemiciclo, depois de contados todos os votos

Com a contagem dos votos finalmente terminada em todos os países da União Europeia, o Parlamento Europeu actualizou, ontem, a informação relativa à composição do próximo hemiciclo, e à distribuição dos eurodeputados eleitos pelos diferentes grupos parlamentares.

A grande coligação pró-europeísta formada pelos democratas-cristãos, sociais-democratas e liberais mantém uma confortável maioria absoluta de 56%, que agora estabilizou nos 406 votos e já não deverá variar muito mais, à medida que os novos partidos definirem o grupo a que vão pertencer no próximo Parlamento Europeu.

Em contrapartida, a dimensão das duas bancadas de direita radical e extrema, que, combinadas, têm 18,6%, com 134 lugares, ainda poderá crescer com a distribuição de alguns destes novos eleitos a favorecer principalmente o grupo da Identidade e Democracia, onde já está sentado o Chega. Mesmo assim, esse eventual crescimento não é suficiente para inviabilizar a grande coligação ao centro.

Novas formações de ultradireita como a Konfederacja, da Polónia, que elegeu seis eurodeputados; as romenas AUR e SOS, que, juntas, têm sete eurodeputados; ou os três eleitos espanhóis pelo Se Acabó La Fiesta, poderão transitar do grupo dos “Outros” para a bancada do Identidade e Democracia, após a reunião constitutiva do grupo parlamentar, marcada para 3 de Julho.

Na projecção actualizada do próximo Parlamento Europeu, o número de eleitos colocados no grupo dos “Outros” já baixou de 55 para 45. O grupo do Identidade e Democracia tem agora 58 membros, e os Conservadores e Reformistas Europeus, com 76, estão bem mais próximos dos liberais do Renovar a Europa, que tem 80 eurodeputados.

Mas é muito improvável que essa decisão seja tomada (pelo menos para já), por causa da ameaça de deserções de vários dos actuais membros do grupo, em protesto contra a aliança do primeiro-ministro húngaro, Viktor Orbán, com o Presidente da Rússia, Vladimir Putin.

OLIVIER HOSLET/LUSA

Direita radical e extrema direita juntas já conseguem 134 lugares

A posição de força foi assumida pela coligação do primeiro-ministro checo, Petr Fiala, pelos Democratas Suecos e o Partido dos Finlandeses, que estão nos governos dos respectivos países, e pelos belgas da Nova Aliança Flamenga (N-VA), que prevaleceu nas eleições legislativas que decorreram no país no mesmo dia das europeias.

As reuniões para a reconstituição dos grupos parlamentares arrancam no próximo dia 18 de Junho e este ano o processo será bastante competitivo. O Partido Popular Europeu, com 190 lugares, ainda não desistiu de alargar o seu domínio da câmara legislativa, com a adesão de novos partidos e a transferência de outros.

Os oito eurodeputados que foram eleitos pelo Movimento 5 Estrelas de Itália, que na actual legislatura estiveram na bancada dos Não-Inscritos, são alvo da cobiça do grupo dos Verdes e dos liberais.

Os primeiros reúnem-se já a 19 de Junho para formar o grupo; os segundos terão uma decisão muito difícil a tomar no dia 26 de Junho, sobre a permanência do Partido Popular da Liberdade e Democracia (VVD) dos Países Baixos, que rompeu o “cordão sanitário” contra a extrema-direita ao aceitar coligar-se com o populista radical Geert Wilders no Governo da Haia.

NATO vai assumir a coordenação da formação e treino das forças ucranianas

Rita Siza , Bruxelas

Na última reunião ministerial antes da cimeira da NATO em Washington, os titulares da pasta da Defesa deram o seu aval ao plano delineado pelo secretário-geral, Jens Stoltenberg, para que a aliança possa assumir a “coordenação da assistência de segurança”, bem como a responsabilidade pela formação e treino de militares ucranianos — “um esforço” que vai decorrer em território da NATO e envolver “cerca de 700 pessoas”, estimou.

“A NATO vai supervisionar o treino das Forças Armadas ucranianas em instalações militares dos países aliados, e prestará apoio ao seu desenvolvimento a longo prazo”, anunciou Jens Stoltenberg, no final da reunião dos ministros da Defesa da NATO, ontem, em Bruxelas.

Para esse efeito, vai ser estabelecido um novo comando da NATO, “sob a direcção de um general de três estrelas que responde perante o Comandante Supremo Aliado da Europa”. O comando ficará instalado no complexo militar dos Estados Unidos na localidade alemã de Wiesbaden, e terá uma série de “nós logísticos” no flanco Leste, revelou.

Os ministros também já deram o seu acordo à proposta do secretário-geral de passar para a NATO o papel de coordenação e planeamento das doações de material militar, e de gestão da transferência e reparação de equipamentos, que agora é desempenhado pelo Grupo de Contacto para a Defesa da Ucrânia.

“Estes esforços não tornam a NATO parte do conflito, apenas reforçam o seu apoio à Ucrânia no exercício do seu direito à autodefesa”, vincou Stoltenberg, confirmando que as decisões só serão formalizadas pelos chefes de Estado e governo da aliança na cimeira de Washington, de 9 a 11 de Julho.

O secretário-geral repetiu que o apoio da NATO à Ucrânia estará no centro das discussões da cimeira, mas voltou a gorar as expectativas de um convite para a adesão do país à aliança. No ano passado, em Vilnius, os aliados confirmaram a inevitabilidade da entrada na NATO assim que as condições permitam. Este ano, em Washington, trata-se de “garantir uma base mais sólida para o apoio à Ucrânia nos próximos anos”.

Líderes da NATO voltam a reunir-se em Washington para a cimeira da Aliança em Julho

E nesse sentido, ainda falta algum trabalho para concretizar outra proposta, de um plano plurianual de assistência financeira para sustentar o apoio militar. Jens Stoltenberg colocou a fasquia nos 40 mil milhões de dólares anuais, que correspondem à média das doações e contribuições dos aliados para a Ucrânia depois da invasão em larga escala pela Rússia.

“Muitos aliados apoiam a ideia de um compromisso financeiro de longo prazo, considerando que dá melhores condições de planeamento aos ucranianos, dá mais previsibilidade e transparência e garante uma partilha mais justa de encargos dentro da aliança”, explicou. “Mas ainda não chegámos a acordo sobre isso”, admitiu.

G7 sem referência directa ao aborto

Questão do aborto divide Macron e Meloni e provocou conflito diplomático no encontro do G7

Os líderes do G7 não fizeram qualquer referência directa ao aborto no seu comunicado final, de acordo com o que escreve a Reuters, com a Itália a recusar-se a ceder à pressão francesa para incluir a palavra. O documento também suscitou acusações de enfraquecimento do apoio aos direitos LGBTQ.

A questão do aborto provocou tensões diplomáticas entre Roma e Paris, com a primeira-ministra italiana, Giorgia Meloni, a acusar o Presidente francês, Emmanuel Macron, de tentar marcar pontos políticos antes das eleições nacionais em França.

A declaração conjunta do G7, analisada pela Reuters, mantém o compromisso “de acesso universal a serviços de saúde adequados, acessíveis e de qualidade para as mulheres”, assumido pelos líderes na cimeira de Hiroxima, no Japão, no ano passado. No entanto, o comunicado de 2024 retira uma referência específica à importância do “acesso ao aborto seguro e legal e aos cuidados pós-aborto”. A Itália, que detém a presidência rotativa do G7 este ano, disse que não havia necessidade de repetir a linguagem porque já tinha reiterado especificamente a sua promessa de Hiroxima.

Os críticos também afirmaram que o projecto omitia parte da redacção de Hiroxima que apoiava a diversidade, incluindo especificamente as orientações sexuais e as identidades de género, o que, na sua opinião, representava um compromisso menos rigoroso com a salvaguarda dos direitos das pessoas LGBTQ.

O Governo italiano rebateu as críticas num comunicado e afirmou que as referências aos direitos das pessoas LGBTQ não tinham sido eliminadas.

“Manifestamos a nossa profunda preocupação com o retrocesso dos direitos das mulheres, das raparigas e das pessoas LGBTQIA+ em todo o mundo, em particular em tempo de crise, e condenamos veementemente todas as violações e abusos dos seus direitos humanos e liberdades fundamentais”, afirma o projecto de declaração para 2024. Mas omitiu uma outra secção da declaração anterior que se referia ao “apoio à diversidade, incluindo as orientações sexuais e as identidades de género”. **Reuters**

Capacidade de produção eólica retomou crescimento em 2023

Finerg, EDP Renováveis e Ventient/Iberwind são as empresas líderes do sector em que a opção tem sido modernizar e reforçar a potência dos parques já existentes em território nacional

Ana Brito

Depois de anos de estagnação, a capacidade de produção eólica em Portugal voltou a crescer em 2023, ainda que isso não tenha significado a construção de novos parques eólicos, num sector em que a Finerge, a EDP Renováveis e a Ventient/Iberwind são as empresas com maior quota de mercado (respectivamente, 33%, 26% e 10%).

No ano passado, "não se verificou a instalação de novos parques eólicos, tal como em 2022", aponta um relatório agora divulgado sobre a capacidade eólica em Portugal, produzido pelo Inegi - Instituto de Ciência e Inovação em Engenharia Mecânica e Engenharia Industrial e pela Apren - Associação Portuguesa de Energias Renováveis.

Em 2023, ano em que a energia eólica abasteceu quase um quarto do consumo eléctrico, instalaram-se em Portugal 166 megawatts (MW) de potência, perto do dobro do ano anterior, mas este crescimento refere-se "a projectos de sobreequipamento e um caso de reequipamento", o que significa que os promotores optaram por aumentar a potência e modernizar os parques já existentes.

Na comparação com o resto da Europa, a nova potência instalada no final de 2023 no país representou apenas 0,8% do total europeu (incluindo Reino Unido).

De acordo com o relatório, no final do ano passado existiam em Portugal 2862 turbinas eólicas, perfazendo uma potência total de 5,9 gigawatts (GW). Évora é o único distrito sem qualquer parque eólico.

No território continental existiam 2742 aerogeradores ligados à rede eléctrica e outros 16 em construção. Na Madeira, contabilizavam-se 62 turbinas e nos Açores, 55 (mais uma em construção).

Viseu é o distrito do país com maior potência instalada, quase 1,3 GW, seguido por Coimbra, Vila Real e Guarda, com capacidades de geração entre 0,8 e 0,6 GW.

Os projectos eólicos representam uma fonte de financiamento para os municípios, já que as autarquias estão autorizadas a cobrar uma renda de 2,5% das receitas dos parques às empresas que os exploram e que beneficiam das chamadas "tarifas *feed-in*" (as tarifas garantidas) que só terminam em 2027/2028.

NELSON GARRIDO

No final do ano passado existiam 2862 turbinas eólicas em Portugal

Historicamente, estas tarifas rondam em média os 90 euros por megawatt hora (MWh), acima dos preços grossistas do mercado ibérico (43,74 euros por MWh é o preço médio diário desta sexta-feira, dia 14 de Junho).

"Esta renda a pagar aos municípios é uma percentagem da remuneração aplicável a centrais eólicas e como tal é suportada pelos consumidores de energia eléctrica", recordava a Entidade Reguladora dos Serviços Energéticos (ERSE), num estudo de 2017. Referindo-se aos dados de 2016, o regulador referia "uma renda paga aos municípios de cerca de 28,3 milhões de euros".

Além da Finerge, EDP Renováveis e Ventient, a TotalEnergies, Lestenergia, Acciona e Iberdrola eram outras empresas com quotas relevantes no sector eólico. Quantos aos fabricantes destas instalações, os principais são a Enercon (que tem fábrica em Viana do Castelo), Siemens Gamesa e a Vestas.

Metas "ambiciosas"

O relatório refere que existem "vários projectos de sobreequipamento que iniciaram construção ou estão em fase de concurso para selecção do fornecedor, assim como alguns projectos novos", mas destaca ainda que os planos de crescimento do sector previstos no Plano Nacional Energia e Clima 2030 (PNEC 2030), revisto em Junho de 2023 (e ainda à espera de publicação da versão final), prevêem uma "capacidade geradora de 6,3 e 10,4 GW de eólica convencional (*onshore*) em 2025 e 2030, respectivamente".

Também prevê um objectivo de instalação de outros 2 GW de eólica no mar (*offshore*), que o novo Governo AD ainda não esclareceu se aprova.

"Trata-se de um conjunto muito ambicioso e exigente de metas não só no que respeita ao desenvolvimento dos projectos, mas também no que se refere à participação da indústria nacional na cadeia de valor, assim como adequação da infra-estrutura, que apenas serão atingidas face a regras publicadas pelo Estado português que sejam suficientemente atractivas para que tais investimentos ocorram", refere o relatório co-assinado pela associação do sector.

China e Índia vão puxar pelo consumo de petróleo até 2030

Ana Brito

As duas economias farão consumo aumentar, mas a AIE espera que a produção ultrapasse a oferta e crie um nível de reservas recorde

A indústria petroquímica chinesa e o sector dos transportes indianos vão ser o motor do crescimento do consumo de petróleo até ao final desta década, segundo a Agência Internacional de Energia (AIE), que prevê também que os Estados Unidos da América (EUA) continuem a aumentar a sua capacidade de produção ao ponto de poder criar um "excedente recorde" até 2030.

No período entre 2023 e 2030, o aumento da produção dos países não- -OPEP (cartel dos produtores de petróleo, liderado pela Arábia Saudita), e em particular dos Estados Unidos, mas também Brasil, Canadá, Argentina e Guiana, irá trazer mais crude para o mercado do que aquele que é consumido. Isto fará aumentar as reservas mundiais "para níveis sem precedentes, com excepção do período da covid-19 [devido à paralisação da actividade económica]", refere um relatório divulgado esta semana pela agência liderada pelo economista turco Fatih Birol.

Até final da década, a capacidade total deverá aumentar em seis milhões de barris diários (Mbd) para quase 113,8 milhões Mbd em 2030, "uns impressionantes oito Mbd acima da procura global projectada de 105,4 mbd", refere a AIE.

A criação desta "almofada enorme" poderia "pôr em causa a actual estratégia de gestão do mercado da OPEP+ [OPEP mais a Rússia]" em que se vão reduzindo periodicamente as quotas de produção dos países- -membros do cartel, para manter os preços elevados nos mercados internacionais.

Embora "a indústria de xisto dos EUA seja aquela que tradicionalmente responde mais rapidamente à evolução das circunstâncias do mercado", o desencontro entre oferta e procura deverá traduzir-se num "ambiente de preços baixos" que pode, em última análise, traduzir-se em menor rentabilidade dos projectos norte-americanos. "A forma como o sector se adaptará e ajustará ao novo panorama da oferta terá consequências para os produtores e consumidores a nível mundial durante o resto da década e para além dela".

A agência destaca que a transição energética – mais veículos eléctricos na estrada e mais electricidade produzida a partir de fonte renováveis – vai efectivamente reflectir-se na procura global de petróleo até final desta década. Ainda assim, é expectável que a procura total aumente 3,2 Mbd entre 2023 e 2030 para dar suporte à produção de combustíveis para aviação e de matérias-primas necessárias ao sector petroquímico.

Petroquímica domina

Este crescimento do consumo será dominado pelas economias asiáticas, e em particular a Índia e a China. No caso indiano, a AIE acredita que "os combustíveis [fósseis] para transportes desafiarão a tendência global, e registarão um aumento acentuado".

Na China, o crescimento do consumo de petróleo será feito à boleia do sector petroquímico (responsável pelo fabrico de grande variedade de produtos, que vão desde os plásticos e embalagens, às borrachas e tintas).

A AIE refere-se à indústria petroquímica "como âncora do crescimento da procura mundial de petróleo"

O desencontro entre oferta e procura deverá traduzir-se num "ambiente de preços baixos", diz a AIE

e destaca que irá representar cerca de três quartos (2,8 Mbd) do crescimento projectado para o consumo de crude e derivados até final década.

Ao contrário de "crescimentos significativos" noutros países em de-senvolvimento na Ásia, a procura de petróleo nas economias avançadas continuará em declínio. "Com excepção do período da pandemia, a última vez que a procura foi tão baixa foi em 1991".

No entanto, a AIE assinala factores que demonstram como o crescimento da indústria petroquímica chinesa é simultaneamente alimentado e tem repercussões nas economias ocidentais. Por exemplo, a "crescente prevalência de compras e serviços de entrega em linha impulsiona a procura de embalagens".

Além disso, "algumas áreas importantes de crescimento da indústria transformadora, incluindo o fabrico de veículos eléctricos e os painéis solares [de que a China é a maior fornecedora para a Europa], são relativamente intensivas em polímeros".

Preços dos bens alimentares estão 27,2% acima do nível médio de 2021

Rosa Soares

Taxa de inflação subiu para 3,1% em Maio, o nível mais elevado desde Setembro do ano passado

A variação homóloga do Índice de Preços no Consumidor (IPC) superou os 3%, atingindo mais precisamente 3,1%, em Maio, um nível que não se verificava desde Setembro do ano passado, revelam os dados divulgados ontem pelo Instituto Nacional de Estatística (INE). A evolução do índice confirma a estimativa anteriormente divulgada, e corresponde a "um salto" de 0,9 pontos percentuais face a Abril, explicado, em grande parte, pela redução mensal de preços registada em Maio de 2023 (-0,7%), no seguimento da isenção de IVA aplicada a um conjunto alargado de bens alimentares.

A medida, apelidada de "IVA zero", pretendeu "suavizar" a forte subida de preços dos bens iniciada em 2022 (devido, entre outros factores, ao início da guerra na Ucrânia). E os preços ainda se encontram muito acima dos níveis registados no anterior ao conflito. "O nível médio dos preços tem-se mantido superior ao de 2021, registando-se, em Maio de 2024, um nível médio de preços superior em 15,8% ao de 2021", refere o organismo. Que explica ainda que, "para que o nível de preços regressasse a valores comparáveis aos de 2021, teria de se verificar um período com taxas de variação homóloga negativas".

É nos bens alimentares e bebidas não alcoólicas que a diferença de preços é maior. A redução registada em Maio de 2024 (-0,1%) foi significativamente inferior à que se verificou um ano antes (-3,1%), resultando assim num aumento da respectiva variação homóloga de 0,3% em Abril para 3,4% em Maio. Contudo, a diferença é bem maior na comparação com 2021, uma vez que os preços situaram-se no mês passado 27,2% acima do nível médio de preços daquele ano.

Em relação aos produtos energéticos, comparando Maio com o mês anterior, registou-se uma diminuição de preços de 1,8%, ligeiramente superior à registada em Abril de 2023, o que determinou uma redução de 0,1 pontos percentuais na variação homóloga deste agregado. Mas também nesta categoria, os preços em Maio fixaram-se 14,1% acima do nível médio de 2021 e 7,8% acima do que se verificou em Maio do ano anterior.

PAULO PIMENTA

Aplicada entre Abril de 2023 e 4 de Janeiro, o fim da medida "IVA zero" trouxe um aumento dos preços

A variação em alta do IPC face a Abril (2,2%) ocorre depois de dois meses de abrandamento, e é explicada, essencialmente, pelo "efeito de base associado à redução mensal de preços registada em Maio de 2023 (-0,7%), no seguimento da isenção de IVA num conjunto de bens alimentares", e, "em menor grau", pela aceleração de preços dos hotéis.

Aplicada entre 18 de Abril de 2023 e 4 de Janeiro de 2024, o fim da medida "IVA zero" trouxe, desde o início deste ano, um aumento final dos preços dos bens abrangidos. Isso explica a variação do índice relativo aos produtos alimentares não transformados, que aumentou 2,5% (variação nula no mês anterior).

Já o índice relativo aos produtos energéticos registou uma variação de 7,8% (em desaceleração face aos 7,9% verificados no mês precedente).

O indicador de inflação subjacente (índice total excluindo produtos alimentares não transformados e energéticos) registou uma variação de 2,7%, acima dos 2% em Abril.

A variação mensal do IPC foi 0,2% (0,5% no mês precedente e -0,7% em Maio de 2023) e a variação média dos últimos 12 meses foi 2,6% (valor idêntico ao registado em Abril).

Por classes de despesa e face ao mês anterior, destacam-se os aumentos das taxas de variação homóloga dos bens alimentares e bebidas não alcoólicas e dos restaurantes e hotéis, com variações de 3,4% e 5,9%, respectivamente (0,3% e 4,3% no mês anterior). Em sentido oposto, assinalam-se as diminuições das taxas de variação homóloga dos acessórios, equipamento doméstico e manutenção corrente da habitação, e do lazer, recreação e cultura, com variações de -2,4% e -0,2%, respectivamente (-1,9% e 0,5% em Abril).

IHPC acima da média

O Índice Harmonizado de Preços no Consumidor (IHPC) português, indicador utilizado na comparação com outros países da União Europeia, também registou uma forte aceleração, ao apresentar uma variação homóloga de 3,8%, valor superior em 1,5 pontos percentuais ao registado no mês anterior, e 1,2 pontos acima do valor estimado pelo Eurostat para a área do euro, quando, em Abril, a taxa em Portugal tinha sido inferior à da zona euro em 0,1 pontos percentuais.

"Excluindo produtos alimentares não transformados e energéticos, o IHPC em Portugal atingiu uma variação homóloga de 3,6% em Maio (2,1% em Abril), superior à taxa correspondente para a área do euro (estimada em 2,9%)", avança o INE.

O IHPC registou, assim, uma variação mensal de 1% (1,1% no mês anterior e -0,4% em Maio de 2023), e uma variação média dos últimos 12 meses de 3,3% (3,5% no mês precedente).

"A aceleração do IHPC português foi significativamente superior à registada no IPC em consequência do aumento de preços registado na classe dos restaurantes e hotéis, cujo ponderador é mais elevado no IHPC do que no IPC", explica o INE.

Rendas das casas sobem 7,1%

As rendas das casas por metro quadrado aumentaram 7,1% em Maio face ao mesmo mês de 2023, um valor idêntico ao do mês anterior, tendo todas as regiões apresentado crescimentos homólogos, divulgou também ontem o INE.

Segundo o instituto, em Maio "todas as regiões apresentaram variações homólogas positivas das rendas de habitação, tendo Lisboa registado o aumento mais intenso (7,4%)".

Em termos mensais, o valor médio das rendas de habitação por metro quadrado registou uma variação de 0,4% (0,6% no mês anterior). Todas as regiões apresentaram uma variação mensal positiva, idêntica ao total nacional (0,4%).

O crescimento homólogo de 7,1% repete o desempenho de Abril, e mantém assim o ritmo ao nível mais elevado desde Dezembro de 1994. **Lusa**

Ronaldo dono de 10% da Vista Alegre Atlantis

Isabel Aveiro

Jogador é o novo accionista da dona das marcas de porcelana, vidro e cristal em Portugal e irá adquirir 30% do negócio espanhol

O jogador de futebol Cristiano Ronaldo comprou 10% do capital da Vista Alegre Atlantis e acordou adquirir, nos próximos dias, 30% do capital da Vista Alegre Espanha, foi ontem comunicado ao mercado. A aquisição foi feita no mesmo dia, não tendo sido divulgado o valor do negócio.

"Cristiano Ronaldo, um dos melhores jogadores de sempre da história do futebol mundial", adquiriu, "através da CR7, SA e em alinhamento estratégico com o grupo Visabeira, 10% do capital da Vista Alegre Atlantis", avançou a empresa.

Na sequência da operação, a Visabeira reduz a sua participação, segundo um dos comunicados publicados ontem no *site* da Comissão do Mercado de Valores Mobiliários (CMVM). A Visabeira Indústria adianta assim que "alienou 16.765.006 acções representativas de 10,0% do capital social e dos direitos de voto da VAA – Vista Alegre Atlantis, SGPS, S.A.", ficando "reduzida a participação imputada a Fernando Campos Nunes" para "valor inferior ao limiar dos 90%". Fernando Campos Nunes é "fundador e accionista do grupo Visabeira, detentor do grupo Vista Alegre Atlantis SGPS".

O jogador e empresário também negociou a compra, ainda por realizar, de quase um terço do capital da Vista Alegre Espanha. Ronaldo "acordou adquirir, em operação a concretizar nos próximos dias, 30% do capital da Vista Alegre Espanha". E, foi ainda adiantado, "as partes acordaram também a criação conjunta em partes iguais de uma nova empresa no Middle East & Asia [Médio Oriente e Ásia], cujo objectivo é fazer crescer as marcas Vista Alegre e Bordallo Pinheiro naquelas geografias".

Fundada há 200 anos, em 1824, a companhia Vista Alegre, sob o formato de uma sociedade gestora de participações sociais (SGPS), agrega hoje não só a fábrica de porcelana com sede em Ílhavo como a marca Bordallo Pinheiro e o grupo de vidro e cristal Atlantis (ao qual se uniu em 2001). "Em 2023", o grupo Vista Alegre "atingiu 129,6 milhões de euros de vendas" consolidadas, lê-se no comunicado de ontem. O mercado externo representa cerca de 70% do volume de negócios. **com Lusa**

Rua Júlio Dinis, n.º 270, Bloco A, 3.º Piso 4050-318 Porto | Tel. 22 615 10 00 lojaporto@publico.pt De seg a sex das 09H às 18H

CLASSIFICADOS

P.PORTO

SP 13 06 24

POLITÉCNICO DO PORTO
Rua Dr. Roberto Frias, 712.
4200-465 Porto
T 225 571 000 — ipp@ipp.pt

Dirigente Intermédio
GRAU 3

Recrutamento de **DIRIGENTE INTERMÉDIO DE 3.º GRAU.** O Instituto Politécnico do Porto pretende recrutar um dirigente intermédio, grau 3, nas seguintes condições: **TIPO DE OFERTA/CARGO** Dirigente intermédio de 3.º grau, designado coordenador principal, para o Centro Desportivo do Politécnico do Porto, em regime de nomeação em comissão de serviço. **REQUISITOS** Os candidatos deverão ser detentores de licenciatura e ter experiência profissional em carreiras da Administração Pública em cujo provimento seja legalmente exigível uma licenciatura num mínimo de 18 meses. **CARATERIZAÇÃO DO POSTO DE TRABALHO** Intervir nos domínios da promoção e desenvolvimento desportivo do Politécnico do Porto. **APRESENTAÇÃO DA CANDIDATURA** As candidaturas devem ser formalizadas nos termos do Aviso publicado na BEP no dia 12 de junho de 2024, em **www.bep.gov.pt** e no portal do P.PORTO, em **https://domus.ipp.pt/documentos_publicos**

Porto, 13 de junho 2024

O Presidente do P.PORTO,
Prof. Doutor Paulo Pereira.

P.PORTO

SP 13.06.24

POLITÉCNICO DO PORTO
Rua Dr. Roberto Frias, 712.
4200-465 Porto
T 225 571 000 — ipp@ipp.pt

Dirigente Intermédio
GRAU 3

Recrutamento de **DIRIGENTE INTERMÉDIO DE 3.º GRAU.** O Instituto Politécnico do Porto pretende recrutar um dirigente intermédio, grau 3, nas seguintes condições: **TIPO DE OFERTA/CARGO** Dirigente intermédio de 3.º grau, designado coordenador principal, para o Gabinete de Aprovisionamento e Compras dos Serviços da Presidência do Politécnico do Porto, em regime de nomeação em comissão de serviço. **REQUISITOS** Os candidatos deverão ser detentores de licenciatura e ter experiência profissional em carreiras da Administração Pública em cujo provimento seja legalmente exigível uma licenciatura num mínimo de 18 meses. **CARATERIZAÇÃO DO POSTO DE TRABALHO** Intervir nos domínios da gestão procedimental de todos os processos de aquisição de bens, serviços e empreitadas, designadamente através da dinamização da Central de Compras do P.PORTO, numa lógica de processos de prestação de serviços. **APRESENTAÇÃO DA CANDIDATURA** As candidaturas devem ser formalizadas nos termos do Aviso publicado na BEP no dia 12 de junho de 2024, em **www.bep.gov.pt**, e no portal do P.PORTO, em **https://domus.ipp.pt/documentos_publicos**

Porto, 13 de junho de 2024

O Presidente do P.PORTO,
Prof. Doutor Paulo Pereira.

P.PORTO

SP 13.06.24

POLITÉCNICO DO PORTO
Rua Dr. Roberto Frias, 712.
4200-465 Porto
T 225 571 000 — ipp@ipp.pt

Dirigente Intermédio
GRAU 3

Recrutamento de **DIRIGENTE INTERMÉDIO DE 3.º GRAU.** O Instituto Politécnico do Porto pretende recrutar um dirigente intermédio, grau 3, nas seguintes condições: **TIPO DE OFERTA/CARGO** Dirigente intermédio de 3.º grau, designado coordenador principal, para o Gabinete de Gestão Académica dos Serviços da Presidência do Politécnico do Porto, em regime de nomeação em comissão de serviço. **REQUISITOS** Os candidatos deverão ser detentores de licenciatura e ter experiência profissional em carreiras da Administração Pública em cujo provimento seja legalmente exigível uma licenciatura num mínimo de 18 meses. **CARATERIZAÇÃO DO POSTO DE TRABALHO** Intervir nomeadamente ao nível da regulamentação e apoio nos processos de ingresso, manutenção e certificação do processo formativo/ensino do estudante. **APRESENTAÇÃO DA CANDIDATURA** As candidaturas devem ser formalizadas nos termos do Aviso publicado na BEP no dia 12 de junho de 2024, em **www.bep.gov.pt** e no portal do P.PORTO, em **https://domus.ipp.pt/documentos_publicos**

Porto, 13 de junho de 2024

O Presidente do P.PORTO,
Prof. Doutor Paulo Pereira.

MUNICÍPIO DE ANADIA
CÂMARA MUNICIPAL
CONTRIBUINTE N.º 501 294 163

Aviso

Procedimentos concursais de seleção para provimento de cargos de direção intermédia de 1.º e 4.º grau

Para os devidos efeitos e nos termos do n.º 2 do artigo 21.º da Lei n.º 2/2004, de 15 de janeiro adaptada à Administração Local pela Lei n.º 49/2012, de 29 de agosto, ambas na sua atual redação, se torna público que, se encontram abertos, pelo prazo de 10 dias úteis, a contar da publicação na Bolsa de Emprego Público (BEP), os procedimentos concursais de seleção para provimento de cargos de direção intermédia de 1.º e 4.º grau, publicados sob o Aviso n.º 12337/2024/2, publicado no *Diário da República*, 2.ª Série, n.º 113, de 13 de junho de 2024. Mais se informa que, os mesmos poderão ser consultados na BEP (www.bep.gov.pt) e na página eletrónica deste Município em www.cm-anadia.pt.

Paços do Município de Anadia, 13 de junho de 2024.

A Presidente da Câmara,
Eng.ª *Maria Teresa Belém Correia Cardoso*

alzheimer portugal

Fundada em 1988 pelo Professor Doutor Carlos Garcia, a Associação Portuguesa de Familiares e Amigos de Doentes de Alzheimer - Alzheimer Portugal é uma Instituição Particular de Solidariedade Social. É a única organização em Portugal, de âmbito nacional, constituída há mais de 30 anos especificamente para promover a qualidade de vida das pessoas com demência e dos seus familiares e cuidadores. Tem cerca de dez mil associados em todo o país.
Oferece Informação sobre a doença, Formação para cuidadores formais e informais, Apoio domiciliário, Apoio Social e Psicológico e Consultas Médicas da Especialidade.
Como membro da Alzheimer Europe, a Alzheimer Portugal participa ativamente no movimento mundial e europeu sobre as demências, procurando reunir e divulgar os conhecimentos mais recentes sobre a Doença de Alzheimer, promovendo o seu estudo, a investigação das suas causas, efeitos, profilaxia e tratamentos.

Contactos

Sede: Av. de Ceuta Norte, Lote 15, Piso 3, Quinta do Loureiro, 1300-125 Lisboa - Tel.: 21 361 04 60/8 - E-mail: geral@alzheimerportugal.org
Centro de Dia Prof. Dr. Carlos Garcia: Av. de Ceuta Norte, Lote 1, Loja 1 e 2 - Quinta do Loureiro, 1350-410 Lisboa - Tel.: 21 360 93 00
Lar, Centro de Dia e Apoio Domiciliário «Casa do Alecrim»: Rua Joaquim Miguel Serra Moura, n.º 256 - Alapraia, 2765-029 Estoril - Tel. 214 525 145 - E-mail: casadoalecrim@alzheimerportugal.org
Delegação Norte: Centro de Dia "Memória de Mim" - Rua do Farol Nascente n.º 47A R/C, 4455-301 Lavra - Tel. 229 260 912 | 226 066 863 - E-mail: geral.norte@alzheimerportugal.org
Delegação Centro: Urb. Casal Galego - Rua Raul Testa Fortunato n.º 17, 3100-523 Pombal - Tel. 236 219 469 - E-mail: geral.centro@alzheimerportugal.org
Delegação da Madeira: Avenida do Colégio Militar, Complexo Habitacional da Nazaré, Cave do Bloco 21 - Sala E, 9000-135 FUNCHAL - Tel. 291 772 021 - E-mail: geral.madeira@alzheimerportugal.org
Núcleo do Ribatejo: R. Dom Gonçalo da Silveira n.º 31-A, 2080-114 Almeirim - Tel. 24 300 00 87 - E-mail: geral.ribatejo@alzheimerportugal.org
Núcleo do Algarve da Alzheimer Portugal: Urbanização do Pimentão, lote 2, Cave, Gabinete 3, Três Bicos, 8500-776 Portimão - Telemóvel: 965 276 690 - E-mail: geral.algarve@alzheimerportugal.org

ONEFIX LEILOEIROS, Lda. Leilões Eletrónicos

Torres Novas
Imóvel isento de IMT e Imposto de Selo.
Termina a 18 de jun. de 2024, a partir das 15h00

Apartamento T2
92,40m² · 2 · 1

Largo D. Diogo Fernandes de Almeida - Edf. Parque
5min A23
Centro de Torres Novas

Insolvência Marsipel - Indústria de Curtumes, S.A.
Processo nº 2374/23.6T8STR

Alcanena
+ 150 VERBAS
Lagoeiros - Estrada da Raposeira 26, Alcanena
Termina a 18 de jun. de 2024, a partir das 16h00

Unidade Fabril + Recheio
Imóvel isento de IMT e Imposto de Selo.

45.963,00m² · 10min A1 e A23 · Antiga fábrica de curtume
17.635,51m² · 2 min do centro de Alcanena · Proximidade a bens e serviços

Oportunidade de Negócio

Insolvência Marsipel - Indústria de Curtumes, S.A.
Processo nº 2374/23.6T8STR

Alcanena
Rua da Estiveira 712, Alcanena
Termina a 18 de jun. de 2024, a partir das 16h15

Unidade Fabril + Recheio
Imóvel isento de IMT e Imposto de Selo.

4.948,98m² · 10min A1 e A23 · Antiga fábrica de curtume
7.004,00m² · 2 min do centro de Alcanena · Proximidade a bens e serviços

Oportunidade de Negócio

Insolvência Marsipel - Indústria de Curtumes, S.A.
Processo nº 2374/23.6T8STR

Trofa
Rua da Lameira, nº99, Bougado
Termina a 21 de jun. de 2024, a partir das 16h00

Moradia T4 c/ rústico
Imóvel Premium

5min A3
10min do centro de Trofa
10min do Mosteiro de S. Bento, Santo Tirso

640,00m² · 4 · 4
32.280,00m² · 5 · 2

- c/ piscina interior -

Insolvências de Maria Alves e José Costa
Processos nº 185/23.8T8STS e 3077/23.7T8STS

Sacavém
Imóvel isento de IMT e Imposto de Selo.
Termina a 27 de jun. de 2024, a partir das 15h30

Apartamento T2
c/ parqueamento

82,20m² · 2 · 2

R. Manuel Teixeira Gomes, nº4, Urb. Terraços da Ponte
10min A1 e A36
5min do Centro de Lisboa

Insolvência Lendas Feitas, Lda.
Processo nº 9939/21.9T8SNT

Loures
Termina a 02 de jul. de 2024, a partir das 15h30

Apartamento T3
86,66m² · 3 · 2

Praça António Nobre, Torre 4, 11ºA,
5min A8
10min do Centro de Loures

Insolvência de Emilita Badinca Malu
Processo nº 756/19.7T8VFX

Bombarral
Termina a 03 de jul. de 2024, a partir das 15h00

Moradia T3
c/ piscina + Armazém

222,50m² · 2.980,50m² · 3 · 2 · 1

R. Escola Velha, nº12, Lugar Barrocalvo, Carvalhal
10min A8
15min do Centro do Bombarral

Insolvência de Filomena Maria Figueiredo da Silva
Processo nº 766/19.4T8ACB

Valpaços
Termina a 04 de jul. de 2024, a partir das 15h30

Moradia T4
c/ piscina

262,68m² · 258,28m² · 4 · 2 · 2

Rua dos Castanheiros, nº23, Possacos
7min N213
7min do Centro de Valpaços

Insolvência de Sónia Ribeiro e Vítor Ribeiro
Processo nº 672/23.8T8VRL

Loures
Rua General Humberto Delgado, Prior Velho
Termina a 05 de jul. de 2024, a partir das 15h00

Rústico
Quinta do Prior Velho
- Rústico c/potencial construtivo -

14.280,00m²
10min Centro de Lisboa
10min Porto de Lisboa
5min A1, A12 e A36 (Ponte Vasco da Gama)
Proximidade a bens e serviços

Liquidação no âmbito da Insolvência de Coordenação Societária SGPS S.A.
Processo nº 19373/16.7T8LSB

Bragança
Termina a 05 de jul. de 2024, a partir das 15h30

Moradia T3
104,00m² · 3 · 2 · 2

Rua de Cancela, Baçal
13min A4
15min do Centro de Bragança

Insolvência de Diogo Machado e Tânia Vidinha
Processo nº 1246/23.9T8BGC

Felgueiras
Termina a 09 de jul. de 2024, a partir das 15h30

Edifício
c/ 7 divisões de utilização independente

507,00m² · 2

R. Dr. Antº Pinto Carvalho Coimbra, Borba de Godim
10min A42
Centro de Vila Cova da Lixa

Insolvência Luciana Monteiro e Cláudia Pereira
Processos nº 1074/23.1T8AMT e 1350/23.3T8AMT

Proença-a-Nova
Termina a 11 de jul. de 2024, a partir das 15h30

Apartamento T4
173,70m² · 4 · 2

Rua Guilhermina Lopes Farinha nº3,
15min A23
2min do Centro de Proença-a-Nova

Insolvência Sérgio Martins e Exec.: Helena Pereira
Processos nº 188/23.2T8FND e 250/17.0T8CTB

Vila Nova de Gaia
Imóvel isento de IMT e Imposto de Selo.
Termina a 12 de jul. de 2024, a partir das 15h00

Moradia (T4)
c/ 2x Armazéns

9.000,00m²

Rua da Telha, nº 46, Sandim
5min A41
5min do centro de Sandim

Insolvência de Drogaria Chão do Munho, Lda.
Processo nº 5970/23.8T8VNG

Albufeira
Rua do Município, nº31, Urb. Cerro Alagoa
Termina a 16 de jul. de 2024, a partir das 15h05

10x Apartamentos T1
Imóveis isentos de IMT e Imposto de Selo.

10min N125
3min da Praia de Albufeira
5min do Centro de Albufeira | 5min da Rua da Oura

de 54,60m² a 77,90m² · 1 · 1
de 6,00m² a 37,70m² · 1

(Alojamentos Turísticos)

Insolvência de Varandóteis, Lda.
Processo nº 450/13.2TYLSB

Grande Leilão
Termina dia 17 de jun. de 2024, às 16h00

Máquinas e Veículos

+ 100 Leilões · Imóveis · Direitos · Máquinas · Visitas Virtuais · Veículos

BONS NEGÓCIOS em qualquer lugar

WWW.ONEFIX-LEILOEIROS.PT

-Registo gratuito.
-Registo obrigatório para participação no Leilão Eletrónico.
-Dias e horários de visitas disponíveis nas respectivas brochuras de venda.
-Não dispensa a consulta das Condições Gerais de Venda (Disponíveis no site e na brochura).

Siga-nos:
Informações para:
comercial@onefix-leiloeiros.pt

Sustentabilidade: uma questão de compromisso

A sustentabilidade ambiental só poderá ser alcançada através da promoção de sistemas mais produtivos e resilientes. É sobre esse desafio que se debruçam as mais recentes **Conversas em Ventozelo**

Sustentabilidade

Conversas em Ventozelo
Caderno n.º4
Sustentabilidade Ambiental, Económica, Social e Cultural do Douro
Sábado, 22 de Junho. Por +3€

Já na Idade Média os monges de Cister, grandes impulsionadores da agricultura local e fundadores do vinho do Porto, cultivavam a terra onde se viria a implantar a Quinta de Ventozelo. Efectivamente, a primeira referência histórica de Ventozelo data de 1288, mas terá sido por volta de 1500, por emprazamento ao mosteiro Cisterciense de S. Pedro das Águias que entrou na posse dos fidalgos da Casa do Poço, de Lamego, que foi fundada como quinta.

Foi, pois, nesta que é uma das maiores e mais antigas Quintas do Douro que a associação Amigos de Ventozelo foi recriada, em 2021, com o objectivo de contribuir para a estratégia de de-senvolvimento do Douro. "No momento em que celebramos os 20 anos da inscrição do Alto Douro Vinhateiro na lista dos bens culturais da UNESCO como paisagem cultural evolutiva e viva pretendemos, a partir da Quinta de Ventozelo, promover a reflexão sobre as grandes questões que limitam o desenvolvimento da região, contribuindo para um melhor futuro coletivo, numa perspetiva ambientalmente sustentável", definiu então como propósito da organização, a cuja direcção preside, Manuel Cabral.

Ao longo dos últimos dois anos, as Conversas em Ventozelo têm vindo a juntar vários especialistas para uma abordagem multidisciplinar em torno de temas fundamentais ao desenvolvimento da região. Se nas primeiras "conversas" estiveram em discussão as *Denominações de Origem Porto e Douro: coesxistência e governança*, o segundo encontro teve como mote *Demografia e Desenvolvimento: Política de Imigração para o Douro* e o terceiro abordou o tema *Património Mundial 20 anos depois – História, cultura e património do Douro*.

O tema que está na base do quarto caderno das Conversas em Ventozelo que na próxima semana é distribuído com o PÚBLICO é, uma vez mais, de fundamental importância: a sustentabilidade. "Sendo, hoje, um tema incontornável e determinante para a nossa sobrevivência coletiva, a sustentabilidade tem de se tornar um mote da e na vida de todos, e de cada um de nós, nas suas diferentes vertentes: ambiental, económica, social e cultural. Antes de ser um mote coletivo, público, de estado e supraestadual, a sustentabilidade tem de ser assumida pelos indivíduos e pelas coletividades. Não pode ser um assunto dos outros; tem de ser da minha responsabilidade, em todas as minhas ações e omissões. Tenho de a considerar como uma forma de vida, da minha vida, a única forma possível para conseguir legar uma terra melhor aos meus filhos e netos. A sustentabilidade só produz efeitos se eu e todos nós a considerarmos fundamental", refere Manuel Cabral na nota de abertura do quarto caderno.

Com o tema *Sustentabilidade Ambiental, Económica, Social e Cultural do Douro*, a quarta edição das Conversas em Ventozelo teve como moderador e relator o professor Luís Valente de Oliveira e contou com a participação de Francesco Franco, Ivone Rocha, João Santos, Joaquim Poças Martins, Jorge Vasconcelos, José Moreira da Silva, Luís Rochartre, Rodrigo Sarmento de Beires, António Fontainhas Fernandes, Elsa Couto, Jorge Dias, Manuel de Novaes Cabral e Miguel Poiares Maduro.

CHRISTINA WARINNER

Comerciantes no Nepal; à direita, reconstituição artística da vida de um comerciante que sofria de malária e túmulos antigos no Nepal

Cientistas reconstituem a história evolutiva da malária nos últimos 5500 anos

Apesar dos esforços para o controlo da doença, quase metade da população mundial vive em regiões com risco de contrair malária. A OMS estima que a malária cause cerca de 250 milhões de infecções e mais de 600 mil mortes por ano

Filipa Almeida Mendes

Uma equipa internacional de investigadores, liderada pelo Instituto Max Planck de Antropologia Evolutiva (MPI-EVA), em Leipzig, na Alemanha, reconstituiu a história evolutiva e a disseminação global da malária nos últimos 5500 anos, tendo identificado o comércio, as guerras e o colonialismo como os principais catalisadores da dispersão desta doença.

A malária é uma das doenças infecciosas mais mortais do mundo, sendo causada por várias espécies de parasitas unicelulares que são transmitidos através da picada de mosquitos infectados do género *Anopheles*. Apesar dos grandes esforços para o controlo e a erradicação desta doença, quase metade da população mundial vive em regiões com risco de contrair malária e a Organização Mundial da Saúde estima que a malária cause cerca de 250 milhões de infecções e mais de 600 mil mortes por ano.

Além do enorme impacto que tem actualmente, a malária moldou fortemente a história evolutiva dos humanos. "Embora hoje em dia seja em grande parte uma doença tropical, há apenas um século a área de distribuição do agente patogénico cobria metade da superfície terrestre do mundo, incluindo partes do Norte dos EUA, do Sul do Canadá, da Escandinávia e da Sibéria", afirma, citada em comunicado, a autora principal do estudo, Megan Michel, investigadora do Departamento de Arqueogenética do MPI-EVA e do Departamento de Biologia Evolutiva Humana da Universidade de Harvard, em Cambridge, nos EUA.

"O legado da malária está escrito nos nossos genomas: pensa-se que as variantes genéticas responsáveis por doenças do sangue devastadoras, como a anemia falciforme, persistem nas populações humanas porque conferem resistência parcial à infecção por malária", frisa a cientista.

Mas certo é que as origens e a propagação das duas espécies mais mortíferas de parasitas da malária, o *Plasmodium falciparum* e o *Plasmodium vivax*, permanecem envoltas em mistério. Isto porque, sublinha o comunicado do MPI-EVA, "as infecções por malária não deixam vestígios visíveis nos restos de esqueletos humanos e as escassas referências em textos históricos podem ser difíceis de decifrar".

Foi então que avanços recentes no estudo do ADN antigo revelaram que os dentes humanos podem preservar vestígios moleculares de agentes patogénicos presentes na corrente sanguínea de uma pessoa na altura da sua morte, proporcionando uma oportunidade para estudar doenças que são normalmente invisíveis no registo arqueológico.

O estudo recente, publicado na

PURNA LAMA/BOUDHA STUPA THANKA CENTRE

CHRISTINA WARINNER

edição desta semana da revista *Nature*, foi realizado por uma equipa internacional de investigadores, que representam 80 instituições e 21 países. O grupo reconstituiu os genomas antigos do *Plasmodium vivax*, do *Plasmodium falciparum* e do *Plasmodium malariae*, através do estudo de 36 indivíduos infectados com malária ao longo de 5500 anos (desde o Neolítico até à Idade Moderna) em 16 países. Ou seja, os cientistas analisaram tanto o ADN antigo dos humanos como dos parasitas.

"Estes casos antigos de malária constituem uma oportunidade sem precedentes para reconstituir a propagação mundial da malária e o seu impacto histórico à escala global, regional e mesmo individual", salienta o comunicado do MPI-EVA.

A malária pelo mundo

Em entrevista ao PÚBLICO por videochamada, Megan Michel destaca, em primeiro lugar, que a equipa conseguiu, "pela primeira vez, obter dados de ADN nuclear antigo de todo o genoma de parasitas da malária [do género *Plasmodium*]", o que acredita ter sido "um grande feito e um avanço que permitiu colocar muitas questões interessantes de genética populacional sobre a forma como a malária viajou pelo mundo".

A cientista considera que as descobertas "sobre a propagação da malária nas Américas foram particularmente interessantes", tendo a equipa conseguido "mostrar, utilizando uma amostra antiga de *Plasmodium vivax* [proveniente] do que é hoje o Peru, que esta espécie de parasita da malária chegou provavelmente às Américas através da transmissão dos colonizadores europeus durante a era colonial".

Por outro lado, diz Megan Michel, os investigadores descobriram que "o *Plasmodium falciparum*, uma espécie diferente de malária, não apresentava semelhanças com as estirpes europeias e, em vez disso, assemelhava-se muito às estirpes de África, o que sugere que esta espécie terá chegado através do comércio transatlântico de escravos". "Ou seja, para estas duas espécies diferentes [de parasitas], conseguimos descobrir estas histórias bastante diferentes, o que foi algo realmente entusiasmante."

"Amplificadas pelos efeitos das guerras, da escravatura e da deslocação das populações, as doenças infecciosas, incluindo a malária, devastaram os povos indígenas das Américas durante o período colonial, com taxas de mortalidade que chegaram a atingir 90% em alguns locais", afirma, em comunicado, a co-autora Evelyn Guevara, investigadora de pós-doutoramento na Universidade de Helsínquia (Finlândia) e no MPI-EVA.

"Além de mostrar que a malária se espalhou rapidamente para uma região que hoje é relativamente remota, os nossos dados sugerem que o agente patogénico prosperou aí, estabelecendo um foco endémico e dando origem a parasitas que ainda hoje infectam pessoas no Peru", acrescenta, também em comunicado, a co-autora Eirini Skourtanioti.

Um hospital militar

Embora o papel do colonialismo na propagação da malária seja evidente nas Américas, a equipa descobriu actividades militares que moldaram a propagação da malária no outro lado do Atlântico.

Um dos locais onde havia mais genomas era o cemitério da catedral gótica de St. Rombout, em Mechelen, na Bélgica, que se situa junto ao local do primeiro hospital militar permanente da Europa moderna (entre 1567 e 1715 d.C.), construído pelos Habsburgos.

"Deste local conseguimos recuperar dez casos diferentes de infecção por malária. Uma das nossas perguntas era se, além da população local, havia soldados que pudessem ter sido enterrados neste cemitério e se isso poderia ter desempenhado um papel na transmissão da malária. E descobrimos, combinando a análise do ADN humano e do ADN do agente patogénico, que havia de facto soldados enterrados nesse local", afirma a investigadora.

A equipa encontrou "indícios de ascendência de pessoas do Sul da Europa [ou seja, do Mediterrâneo]" – como, por exemplo, do Norte de Itália, de Espanha e de outras regiões mediterrânicas –, com Megan Michel a destacar que "os Habsburgos recrutavam soldados dessa zona" para combater durante a Guerra dos 80 Anos.

Além disso, os investigadores encontraram "casos de *Plasmodium falciparum*, que é um tipo de malária que não era endémica a norte dos Alpes, na Bélgica, nessa altura". "É uma espécie mais adaptada à transmissão em climas mais quentes, como os que se encontram no Mediterrâneo. Assim, juntando estas peças do *puzzle*, conseguimos aprender algo sobre os indivíduos que foram enterrados naquele cemitério e as doenças de que sofriam", afirma a cientista.

Megan Michel nota que, tanto no continente americano como no europeu, destaca-se "o papel da mobilidade [de pessoas] na propagação da malária". "No caso das Américas, vemos a importância da colonização e dos movimentos de pessoas em grande escala e parece que estes movimentos espalharam a malária muito rapidamente após o período de contacto. O local onde encontrámos a malária não se situa na costa, mas sim no lado amazónico dos Andes. Por isso, parece que o agente patogénico penetrou muito rapidamente nestas regiões, que podiam não ser tão periféricas na altura, mas que hoje são bastante remotas", afirma, acrescentando que "a mobilidade é definitivamente muito importante" tanto neste caso como no local estudado na Bélgica, "onde a mobilidade dos soldados está envolvida na transmissão do agente patogénico".

"Descobrimos que os movimentos de tropas em grande escala desempenharam um papel importante na propagação da malária durante este período, à semelhança dos casos da chamada malária dos aeroportos na Europa Ocidental de hoje", acrescenta, em comunicado, Alexander Herbig, co-autora do estudo e investigadora no MPI-EVA. "No nosso mundo globalizado, os viajantes infectados transportam parasitas *Plasmodium* para regiões onde a malária está agora erradicada, e os mosquitos capazes de transmitir estes parasitas podem mesmo levar a casos de transmissão local contínua. Embora o panorama da infecção por malária na Europa seja hoje radicalmente diferente do que era há 500 anos, vemos paralelos nas formas como a mobilidade humana molda o risco de malária."

[O ADN antigo] permite-nos vislumbrar parasitas que já não existem actualmente

Megan Michel
Investigadora

O passado e o futuro

Para Megan Michel, a principal limitação do estudo é o tamanho da amostra. "Este é um problema para os estudos de ADN antigo, porque, muitas vezes, as amostras com que estamos a trabalhar são muito preciosas por serem bastante raras", diz. Este trabalho é "um primeiro passo importante", que "abre a porta a muito trabalho futuro". "Podemos tentar obter mais amostras de diferentes regiões para aprender mais coisas sobre a malária em diferentes partes do mundo."

Embora se tenham focado "na malária do passado", os investigadores acreditam estar a "aprender sobre os factores sociais que desempenham um papel na propagação da malária", que "continuam a ser muito importantes hoje em dia", atesta Megan Michel. Além disso, diz, este "é um passo importante para saber mais sobre a evolução do próprio agente patogénico".

Graças aos avanços no controlo dos mosquitos e às campanhas concertadas de saúde pública, as mortes por malária atingiram um mínimo histórico na década de 2010. No entanto, o aparecimento de parasitas resistentes aos medicamentos antimaláricos e de vectores (mosquitos) resistentes aos insecticidas ameaça inverter décadas de progresso, enquanto as alterações climáticas e a destruição ambiental estão a tornar novas regiões vulneráveis às espécies de vectores da malária.

A equipa espera, por isso, que o ADN antigo possa ser uma ferramenta importante para compreender e até combater esta ameaça à saúde pública. Megan Michel conclui: "É realmente valioso, pois permite-nos vislumbrar parasitas que já não existem actualmente e pode ajudar-nos a compreender realmente como o agente patogénico evoluiu para se tornar no que é hoje. E isso poderá ter benefícios inesperados no futuro para aplicações de saúde pública."

Vinte anos de Rock In Rio Lisboa, o festival que quis ser “muito mais” do que concertos

Roberta Medina Em 2004, chegava a Lisboa o festival nascido no Brasil em 1985. Duas décadas depois, incontornável em Portugal, muda de casa. A edição de celebração começa hoje

Entrevista

Mário Lopes

Haverá coisas que se manterão inalteradas, como os concertos dos totalistas Xutos & Pontapés e Ivete Sangalo. Haverá mudanças e um dos ex-líbris do festival, os sofás insufláveis vermelhos que o público perseguia em longuíssimas filas, não estarão disponíveis – assim ditou a vontade de diminuir a pegada ecológica. Mas a maior mudança será outra. Vinte anos depois de chegar a Portugal, o Rock In Rio Lisboa ganha nova casa. O Parque da Bela Vista, que o acolheu em todas as edições anteriores, dá agora lugar ao Parque Tejo, fruto de um convite da Câmara Municipal de Lisboa, apostada em dinamizar aquele espaço e em justificar o investimento feito aquando da organização naquele local, no ano passado, da Jornada Mundial da Juventude.

No final de Março, quando o PÚBLICO foi ao encontro de Roberta Medina, responsável pela organização lisboeta do festival nascido em 1985, no Rio de Janeiro, por iniciativa de seu pai, Roberto Medina, iniciava-se a montagem da Cidade do Rock por onde passarão, neste fim-de-semana e no próximo, nomes como Scorpions, Evanescence, Extreme, Ed Sheeran, Doja Cat, Jonas Brothers, James ou Camila Cabello.

Um cartaz pouco memorável, tendo em conta que fazem parte da história do festival Paul McCartney, Peter Gabriel, Rolling Stones, Bruce Springsteen, Mötorhead, Metallica, Stevie Wonder ou uma Amy Winehouse à beira do descalabro. No entanto, a verdade é que o Rock In Rio se cimentou em Portugal como evento que extravasa a programação musical, projectando-se como espaço de entretenimento familiar onde cabem *slides*, rodas gigantes ou, como nesta edição, um espectáculo de *videomapping* onde se contará a história dos 20 anos da sua presença em Lisboa.

O dia de hoje, em que abre portas com a velha guarda roqueira de Scorpions, Europe ou Extreme em destaque, já tem lotação esgotada. Ainda não o sabíamos quando, guiados por Roberta Medina, viajámos pelo passado e pelo presente do festival em Portugal.

O Rock In Rio celebra nesta edição 20 anos em Lisboa. Não os comemora no local onde fez toda a sua história portuguesa, o Parque da Bela Vista, mas numa nova localização, o Parque Tejo. Porquê esta mudança?

Nasceu de um convite do presidente da Câmara de Lisboa [Carlos Moedas]. Acredito que é a abertura de um novo capítulo, uma experiência nova para a cidade, nova para nós. A forma definitiva do projecto paisagístico do parque está a ser desenvolvida, então acho que é saudável experimentar. Porque não é só o festival. Existe uma decisão fundamental. É preciso definir qual é a vocação deste parque, agora que ele existe e que está disponível para as pessoas.

A Bela Vista até hoje não tem uma vocação definida. Pouquíssima gente vai lá. Após a pandemia, melhorou um pouquinho nos fins-de-semana. É um parque extremamente privilegiado, mas não tem um papel na vida da cidade. Para o nosso público foi muito importante explicar [a mudança], porque existe muita memória, muito carinho em relação à Bela Vista. Se aqueles que fazem o Rock In Rio, o público, quiserem voltar, a gente volta. Mas acho que a experiência aqui vai ganhar muito.

O que lhe transmitiu a câmara municipal em relação às suas intenções para o Parque Tejo?

Criar um espaço que possa receber grandes eventos. Mas para nós havia uma coisa importante. “É para nós e depois quantos vêm?”. Ele [Carlos Moedas] disse que estudaram os eventos à altura do espaço e entenderam que [o Rock In Rio] é um evento familiar, transversal, de dois em dois anos. Não querem que o parque tenha eventos o tempo todo, muito menos dessa dimensão, senão torna-se um incómodo. Em Janeiro de 2023 saíram umas notícias dizendo que o Rock In Rio vinha para cá. Nunca ninguém tinha falado nada connosco. Seguimos a nossa vida, com o projecto a ser feito na Bela Vista, mas no final de Julho dizem-nos: “Vamos lá?”. Ia no carro a pensar como ia explicar que a gente não vai sair da Bela Vista. Mas na hora em que saí do carro... “Meu Deus, isso aqui é maravilhoso.”

O impacto ambiental que o festival pode ter, dada a localização do Parque Tejo, em zona ribeirinha povoada de muitas espécies de aves, um ecossistema especial, tem sido debatido. Que precauções foram tomadas?

Se reparar na planta, vê que não estamos a construir nada perto do rio. Tem uma faixa inteira de segurança. A gente começa bem mais para cima, esse é o cuidado. Já trabalhamos há muito tempo com fogos-de-artifício de menos ruído, agora ainda mais; e só vamos trabalhar com *confetti* biodegradáveis, para não deixar resíduos.

Quando o Rock In Rio chega a Portugal, em 2004, tinham tido a experiência de criar o festival de raiz no Brasil. Porém, trazê-lo para Lisboa não poderia passar pela simples transposição do modelo. O que esperavam encontrar aqui? E o que encontraram realmente?

Em 2001, o Roberto [Medina, criador do Rock In Rio] quis fazer aquele movimento Um Mundo Melhor. Queria fazer três minutos de silêncio no mundo inteiro, mas como não dava, acabámos por fazer três minutos de silêncio em cadeia nacional no Brasil. Foi gigante, 90 milhões de pessoas, 500 canais de televisão, 3500 rádios. No meio disso tudo, começa a aparecer um jovem luso-brasileiro, Felipe Resnikoff, atrás do Roberto para fazer o Rock In Rio Portugal. Acontece [a edição de] 2001 [no Rio de Janeiro]. O patrocinador principal era o [portal] America Online e já estávamos com contrato para fazer [nova edição] em 2003. Mas depois há o 11 de Setembro. Morre o contrato e, nesse momento, aparece o Filipe Resnikoff de novo. O que é que fazemos quando tem alguém assim persistente, mas achamos que não vai dar certo? Mostramos todas as necessidades, para ele nunca mais voltar. Mal sabíamos nós que o Filipe estava trabalhando essa ideia junto com o [José Francisco]

Um jornalista inglês descreveu o Rock In Rio como ‘um festival, mas com um toque de Disneylândia’

Não havia a ideia de a marca ser entretenimento. Isso conseguimos cá. No Brasil, também ainda não éramos um festival familiar. O que hoje é o Rock In Rio construiu-se com o mercado português

RUI GAUDÊNCIO

Gandarez, que trabalhava no escritório do Rui Gomes da Silva, nosso advogado, muito conectado com [o então presidente da Câmara de Lisboa] Santana Lopes. Duas semanas depois, estava marcada reunião.
O Roberto veio [a Portugal], mas descrente. A mulher dele diz que veio resmungando o voo inteiro. Mas ficou quatro meses e o contrato com a câmara foi fechado. O curioso é que a gente não conhecia Portugal. Eu sou portuguesa por causa do meu avô, mas Portugal não era presente na nossa vida. É diferente da experiência de Portugal com o Brasil, vocês foram invadidos por novelas anos seguidos. As pessoas sabiam as gírias que eu falava e eu não sabia nada de Portugal. Superconstrangedor. Para a gente, foi tudo novo. Tivemos muitas resistências por ser um evento de proporções diferentes do que Portugal conhecia. Foi um tempo de ajuste, mas foi uma troca muito rica.
Na edição de 2001 [no Rio de Janeiro] a American Online tinha uns adesivos. Não havia a ideia de a marca ser entretenimento. Isso conseguimos fazer em Portugal.
No Brasil, também ainda não éramos [um festival] familiar. Ainda não tínhamos percebido que os pais que tinham ido em 1985 agora levavam os filhos. “Espera aí, se tem criança tem que fazer outra coisa.” O que hoje é [o Rock In Rio] construiu-se com o mercado português.

Em termos de programação musical, algo se alterou na identidade que desejam projectar? O festival parece apostar nos nomes mais populares para segmentos diversos, quer etários, quer de géneros musicais...

Estamos a acelerar cada vez mais nessa direcção, mas isso vem de 1985. Para ter dimensão, para chamar a atenção do mercado e para pagar as contas, tínhamos de vender muitos ingressos. Foram 1,38 milhões de pessoas, mas não tem 1,38 milhões de roqueiros. Então, já tínhamos James Taylor ou George Benson com AC/DC e Scorpions. Continua a acontecer o mesmo. Um festival mais de nicho, só para jovem, é só rock, é só mais alternativo, e afunila. O nosso é o contrário, é *mainstream*. Mas nem sempre conseguimos o que conseguimos este ano, um dia para cada perfil de público. Talvez o dia 22 [Jonas Brothers, Ornatos Violeta, James, Carolina Deslandes] seja mais misturado; tem o jogo de Portugal [no Campeonato Europeu de Futebol, contra a Turquia] e vamos parar tudo por duas horas para se assistir. O primeiro dia é mais velho, é o rock. No segundo, com a mistura de Fernando Daniel, Ed Sheeran, Jão, vai ser um público muito diverso e muito familiar. O dia 23 é superjovem [Doja Cat, Camila Cabello, Anselmo Ralph, ProfJam]. Mas não é só a parte musical que faz o público. Para o público mais velho, para o público infantil, ou há uma infra-estrutura minimamente organizada, ou ele não está disponível. A casa de banho ser uma casa de banho a sério, limpa, ter um ambiente controlado, seguro, saudável, é essencial. Depois, para reforçar o convite, é que entregamos a programação.

Comparando com 2004, quais as maiores dificuldades com que se deparam para montar o cartaz? A realidade da indústria musical mudou muito, com o predomínio do *streaming* e das redes sociais, com o regresso em força dos concertos de estádio...

Fazemos um *mix* entre alguns nomes seguros, com um historial de popularidade muito grande, com “a bola da vez” [os nomes em destaque no momento]. Portugal tem muita curiosidade, muita aceitação de música nova. Vamos brincando nessa mistura da “galera” [malta] estabelecida com os novos. Mas [a programação] funciona muito através das redes sociais, Spotify, tudo o que estiver rolando. E também o que o mercado está a trabalhar. O grande desafio da programação dos festivais é a agenda. Quem está em *tournée*, quem não está? É uma *tournée* para festivais ou intimista? Uma *tournée* de arenas ou uma *tournée* de estádios, que é agora cada vez mais popular? Esse é o grande desafio, o roteiro do artista e ter um *show* que seja viável e adaptável a um festival.

É mais difícil actualmente, comparado com há 20 anos, trazer as estrelas consagradas?

O Rock In Rio, desde a sua criação, sempre programou artistas grandes. Vamos continuar atrás deles, mas vai ser cada vez mais difícil. Há 20 anos, festivais como Coachella, Bonnaroo, Lollapalooza não tinham os nomes mais populares. Eram mais alternativos, mas isso junta-se com algumas coisas que foram acontecendo na indústria, com grandes grupos [empresariais] a formarem-se, o que faz com que o incentivo ao facturamento seja diferente. Depois, pára-se a venda de discos e o digital não paga essa conta. O que aconteceu com as bandas? Tiveram de fazer concertos, ficaram mais disponíveis e passaram para os festivais. O que acontece agora? A maior receita está no digital, então não têm de se ralar tanto em dar concertos. Porque irão desestruturar a sua vida os nomes que têm facturamento garantido no digital? Podem fazer estádios, com ambiente controlado, com a sua equipa, sempre o mesmo equipamento.

É melhor ver o *show* da Taylor Swift num pavilhão ou vir curtir um milhão de *shows* e também ver a Taylor Swift? É muito mais ‘legal’ ter o pacote completo

Mas isso já está a causar frustração no lado do público. É melhor ver o *show* da Taylor Swift num pavilhão ou vir curtir um milhão de *shows* e também ver a Taylor Swift? É muito mais “legal” ter o pacote completo. A realidade da indústria mudou e acho que o caminho dos festivais é voltar à sua essência: festa, vários artistas, novos e não-novos. Mas a gente tem de educar o público, para que ele volte a ir a um festival pelo espírito, que é o que temos muito [no Rock In Rio]. Quem quer ver um *show*, muito bem, vá ao pavilhão, mas o festival é muito mais do que isso.

À chegada a Portugal, o Rock In Rio apresentava-se precisamente dessa forma: não era um festival de música, era mais do que isso. Qual é, então, a forma correcta para o classificar?

É um evento de música e entretenimento. Nasceu como um festival, não deixou de ser um festival, mas evoluiu para algo além do festival tradicional. Se virmos os festivais pelo mundo, ele é um negócio diferente. Assim como o Glastonbury é único, não tem outro. Acho que [o Rock In Rio] continua a ser muito diferente dos festivais tradicionais. Teve uma matéria da [publicação especializada britânica] *NME*, de um senhor que foi para o Brasil assistir ao festival. E foi tão giro ele tentando descrever o que era: “É um festival, mas com um toque de Disneylândia.” Foi muito engraçado de ler.

Na Galeria Municipal do Porto, o psicadelismo projecta um futuro não-apocalíptico

Primeiro projecto expositivo assinado por João Laia como director artístico da galeria é hoje inaugurado, com uma mostra colectiva e uma individual de Joana da Conceição

Mariana Duarte Texto
Paulo Pimenta Fotografia

Numa sala escura que poderia ser um *dark room* de clube nocturno *queer*, uma figura-sombra intrigante, mas inebriante, aparece, desaparece e reaparece em três ecrãs, ao ritmo de música electrónica pulsante e de uma coreografia lumínica. Simultaneamente visível e invisível num cenário afrofuturista, esta personagem intemporal evoca tanto a hipervisibilidade como a invisibilidade das experiências da negritude, o que significa estar presente e o potencial político da ausência.

Pervasive Light (2021), vídeo-instalação de Sandra Mujinga, artista multidisciplinar norueguesa nascida na República Democrática do Congo, dá início a *Formas dos Futuros ao Redor*, o primeiro projecto expositivo assinado por João Laia enquanto director artístico da Galeria Municipal do Porto, cargo que assumiu em Janeiro. E sintetiza as linhas orientadoras desta exposição colectiva: "Reunir posições não dominantes e ideias de visibilidade e invisibilidade" para (re)pensar outros futuros, "mais plurais e partilhados", face à actual "época pré-apocalíptica e de constante crise", introduz o curador português.

Esse apelo colectivo à imaginação – "absolutamente necessária" para contrariar as ideias vigentes, perpetuadas pelo *statu quo* e pelo sistema capitalista, de que não há alternativas "para lá das estruturas e dos paradigmas dominantes" – é feito através de um conjunto de obras e de um percurso expositivo sinestésicos, calibrados pela luz e pelo som, transformando a galeria numa espécie de palco imersivo e performativo. "O trabalho da Sandra Mujinga funciona como uma introdução para toda a exposição, tanto a nível temático como sensorial. Começa-se por entrar num espaço quase completamente escuro, e depois a exposição é construída em cima disso", nota João Laia.

Formas dos Futuros ao Redor é um recorte da exposição da 12.ª Bienal Internacional de Arte Contemporânea de Gotemburgo (2023), curada por Laia, que tem no Porto a sua terceira iteração. Reunindo 11 artistas do elenco original de 25, acaba por condensar "muitos dos interesses" do ex-curador-chefe do Kiasma – Museu de Arte Contemporânea de Helsínquia e co-curador do Pavilhão da Lituânia na Bienal de Veneza deste ano. "A imersão, a *performance*, o sonho, a contaminação. No fundo, abordar uma exposição não como algo fixo, mas uma coisa viva, que provoca diferentes experiências."

Com inauguração marcada para as 17h, mantendo-se até 15 de Setembro, *Formas dos Futuros ao Redor* reúne obras entre as artes visuais, a *performance*, o som ou a instalação, e sincroniza-se com *Nave Geo-Celestial*, a primeira exposição institucional a solo no Porto da artista visual e música portuguesa Joana da Conceição, também na Galeria Municipal.

Queer = mudança

Depois de sairmos do *dark room* de Sandra Mujinga, e de repararmos no filtro colocado na janela da galeria para jogar com a luminosidade do exterior ("ao final da tarde parece que se está num eclipse"), encontramos *Atomic Garden* (2018), vídeo em que a cineasta brasileira Ana Vaz ensaia uma "reflexão estroboscópica" sobre a transmutação e a sobrevivência de plantas e flores que resistiram ao acidente nuclear de Fukushima, no Japão, em 2011. Esta obra comunica intimamente – encharcando-a de som – com a instalação da artista visual finlandesa de origem sámi Outi Pieski, composta por várias peças em tecido concebidas com mulheres da Lapónia segundo técnicas ancestrais do povo indígena que habita em territórios da Finlândia, da Noruega, da Suécia e da Rússia.

"Os dois trabalhos falam sobre ciclos de vida e de morte, e sobre a ideia de que a vida continua apesar dos apocalipses", aponta João Laia. Em ambos os casos, a resiliência da natureza e as cosmologias holísticas descendentes dos pensamentos indígenas servem como metáfora para imaginar futuros além dos padrões de conhecimento ocidentais e antropocêntricos (ou seja, focados na centralidade do ser humano). As cores vivas e o negro da obra de Outi Pieski compõem uma "paisagem" que remete para os singulares ciclos de Verão e de Inverno da região lapã. Ao mesmo tempo, evoca "a história de invisibilidade" de um povo indígena, contraposta pela vitalidade da maioria das peças, que têm também um lado performativo. "É uma obra muito dinâmica. Parece que se mexe."

A *performance* prossegue em *Orphan Dance* (2018-2024) de Osías Yanov, que tem como protagonistas aspiradores-robô com que os visitantes podem interagir. Num espaço entre um escritório, uma casa, um ginásio e um clube *queer*, o argentino reimagina a relação entre humanos e máquinas e ressignifica uma série de objectos para reflectir sobre dinâmicas de dominação e subjugação, de utilizador *versus* fornecedor, em várias dimensões da vida, do trabalho a práticas sexuais S&M.

As hierarquias de poder são também abordadas a partir de uma perspectiva *queer* por P. Staff, artista trans sediado em Los Angeles. Numa sala inundada por uma luz amarela radioactiva, com um chão espelhado, o vídeo-poema *On Venus* (2019) propõe "um paralelismo entre Vénus e a Terra, referindo a possibilidade de o nosso planeta ficar igualmente inabitável – mas também a possibilidade de o prevenirmos e criarmos futuros mais justos", explica João Laia. "Há ainda um grande interesse pelo corpo. Muitas das imagens são de fábricas industriais de animais, o que remete para as substâncias que ingerimos e que têm um impacto enorme no nosso corpo e no planeta."

A luz amarela febril emparelhada com as imagens fortemente manipuladas e com um som em constante convulsão geram uma sensação psicadélica que, assinala o curador, atravessa a exposição. Não se trata, contudo, de um psicadelismo alienante, "como fuga ou evasão" – também este promovido, de resto, pelo sistema capitalista –, mas como um portal para conjecturar "outras proposições e possibilidades".

A sugestão "de um horizonte que ainda está por chegar", também ele situado num cenário mais híbrido entre o humano e o não-humano, é oferecida nos painéis de latão reluzentes do artista mexicano Rodrigo Hernández, radicado em Lisboa. E também em *Yabba* (2017-2024), instalação da espanhola María Jerez que ocupa um lugar central. Activado pelo som, pela luz e pelo fumo, o amontoado de tecidos de diferentes texturas e brilhos vai ganhando formas abstractas, "uma espécie de corpo *queer* indefinido e em permanente mutação", observa João Laia.

À esquerda, instalação de Osías Yanov. Em cima, *Solipsismo Cósmico*, centro da exposição de Joana da Conceição, e o vídeo de Luiz Roque

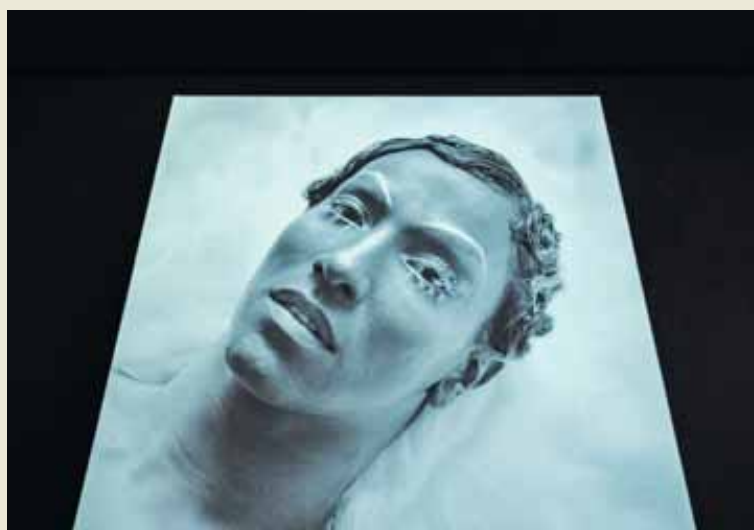
A ideia de *queer* como transitoriedade e fluidez, como possibilidade de romper com paradigmas enraizados e imaginar outras formas de estar e existir no mundo, é outra das âncoras de *Formas dos Futuros ao Redor*. "Eu uso *queer* como um conceito expandido, um processo de mudança", afirma o curador, que segue a formulação proposta por José Esteban Muñoz. Segundo o pensador cubano-americano, "*queer*, se quer ter ressonância política, tem de ser mais do que um marcador identitário e articular uma futuridade intrépida".

"O capitalismo cria nichos e fragmenta. O futuro é diverso, mas tem coisas em comum, daí o plural dos futuros no título da exposição", sublinha Laia. Um desses futuros é imaginado pelo brasileiro Luiz Roque no vídeo *S* (2017), através de "uma comunidade não-binária e miscigenada" que vive no subsolo do metro de São Paulo e comunica através da dança, entre o voguing e o candomblé. Esta contra-poética não-verbal foi inspirada no texto *Rumo a Uma Redistribuição Desobediente de Género e Anticolonial da Violência*, da artista e escritora brasileira Jota Mombaça. Ao lado desta obra está *Neon* (2018-2024), do colectivo feminista polaco KEM, cujo triângulo cor-de-rosa convoca o símbolo do grupo ACT UP, criado em 1987, em Nova Iorque, durante a epidemia da sida, e que desde então tem sido um agente fulcral no activismo *queer* a nível internacional.

Apesar de haver vários pontos em comum entre os trabalhos desta exposição, um dos objectivos de João Laia foi "relacionar coisas muito diferentes a nível estético e de abordagens", sublinha. "Cria-se aqui um corpo coerente, mas mutante e contaminante." Esse contágio é, muitas vezes, estimulado pelo som das várias peças, que se cruzam na galeria numa algazarra sonora. "O som mistura-se, por vezes de forma caótica, como um *big bang*. Isso é a vida. A vida é cheia de contaminação e sobreposição."

Uma rave meditativa

As questões pós-humanistas e os ambientes multissensoriais que perpassam *Formas dos Futuros ao Redor* ganham ainda mais corpo — e desdobramentos surpreendentes — em *Nave Geo-Celestial*, de Joana da Conceição. A partir da pintura e da música, a artista nascida em Rebordões (Santo Tirso), e residente em Lisboa, "procura descentralizar a experiência humana e pensar a vida como um fluxo contínuo em que o corpo se dissolve, ou é uma espécie de um meneio temporário, tendo em conta um nível cosmológico", diz ao PÚBLICO.

Dividida em cinco núcleos, *Nave Geo-Celestial* joga com várias escalas da pintura e geografias de cor (atentar nas obras de *Rave da Terra* e *Terreiro*), trânsitos de luzes e de som, aqui usados como agentes mediúnicos, reveladores ou instigadores daquilo que muitas vezes está oculto, encriptado, e que escapa ao nosso sentido visual posto em prática no dia-a-dia. No trabalho de Joana da Conceição, a pintura é tornada corpo (inclusive numa espécie de cama, como na peça *Drifters*) e fluxo de energia, desafiando as fronteiras e os limites da percepção numa cosmogonia muito própria.

"Eu gosto de desconstruir o que é a visão. Em termos de história da pintura — para mim começa bem lá atrás, sendo que prefiro falar em história da expressão —, podemos pensar nas pinturas nas cavernas, feitas com a ajuda de archotes", nota a artista, parte do duo musical Tropa Macaca. "A luz marcava o percurso, seguia contigo, fazia parte. Isto para dizer que a própria pintura muda se tu mudares a luz, o que acontece também nos corpos, na pele e nas roupas quando se está num clube, por exemplo. O nosso olho, em termos biológicos, alterou-se em co-evolução com a luz, seja a solar, seja a artificial."

Essa ideia de "pintura expandida" — que sai para fora do quadro e do campo visual — é concretizada de forma particularmente fascinante em *Solipsismo Cósmico*. O público é convidado a deitar-se num colchão, rodeado por cortinas com transparência e com cor, para, durante quase meia hora, observar uma série de pinturas acima dele. "Tal como a pintura da Joana desafia muitas vezes a verticalidade, somos convidados a abandonar a nossa verticalidade", aponta João Laia. Através de uma narrativa de luzes, espicaçada pela música, as pinturas, já de si uma valsa de formas e texturas, plasticidade e movimento, parecem ganhar vida e volume, mutações e anatomias várias. Parecem dançar, flutuar e hipnotizar, como se estivéssemos numa *rave* meditativa. Há um prazer epidérmico e um deleite desprovido de intelectualidades pouco comum em exposições, sobretudo nas mais institucionais. E isso também tem a ver com a fisicalidade com que Joana da Conceição aborda não só a pintura, como o gesto expositivo.

"Quando faço uma exposição, faço uma proposta estética ao espectador para ele próprio activar os seus sentidos a vários níveis, não apenas mental", afirma. "Mesmo o campo da pintura, para mim, não é exclusivamente mental. É muito física, exige muitos outros sentidos e uma activação do espaço, que é uma activação do éter. Do espaço intersticial que nós normalmente achamos que é vazio, mas não é."

É à volta de *Solipsismo Cósmico* que a exposição cresce e dialoga entre si, até porque "o som e a luz da peça contaminam tudo o resto", nota a artista. "A exposição joga com a ausência de fronteiras, com os limites entre os espaços. Há uma espacialidade muito porosa, como se fosse uma nave." Aconselhamos a chegar ao fundo dessa nave, onde se encontra o último núcleo, *Index*, e observar daí as mutações que se vão dando no espaço, e como estas contaminam as obras nas suas várias faces, escalas e elementos.

Num projecto expositivo em que se preza tanto a imaginação, *Nave Geo-Celestial* distingue-se pela força imagética. "Um dos problemas da nossa espécie é a falta de imaginação. Concordo com o Foucault, criamos formas que nos aprisionam, e também ao nível da arte e da pintura", diz Joana da Conceição.

"Estas exposições questionam muitas regras e regrinhas das artes visuais, e espero que sejam mais lúdicas", afirma João Laia. Há muitos subtextos políticos e posições politizadas, "mas não são *in-your-face* nem dogmáticas", considera o curador. "Geralmente as pessoas não gostam que lhes digam como pensar, o que pensar, que exijam delas uma bagagem intelectual específica. São exposições muito experienciais, e a experiência é generosa e comunica."

De certa maneira, João Laia foi mais um coreógrafo-cenógrafo do que um curador. "Estas exposições querem abraçar e dançar." E é isso que se fará também no programa de *performances* e *DJ sets* associado às inaugurações, entre as 23h e as 5h no bar Passos Manuel, com María Jerez, Ania Nowak, Joana da Conceição e o colectivo KEM.

"Imersão, *performance*, sonho, contaminação": João Laia aborda a exposição como uma coisa viva, que se experiencia

Uma França musical a caminho de Almada

Gonçalo Frota

Olivier Py, Samuel Achache e Mathilde Monnier estarão no 41.º Festival de Almada, de 4 a 18 de Julho, tal como Peter Stein e Josef Nadj

Quando a extensa comitiva francesa aterrar em Portugal para participar no 41.º Festival de Almada, o "hexágono" estará a meio de um processo eleitoral que poderá trazer sérias alterações ao cenário político nacional, com imprevisíveis réplicas no continente europeu. Quis o acaso que assim fosse, que França estivesse envolvida em legislativas antecipadas na altura em que o mais importante festival de teatro português recebe, de 4 a 18 de Julho, um conjunto de espectáculos de Olivier Py, Samuel Achache, Mathilde Monnier e Jeanne Desoubeaux especialmente focados na relação com a música.

Não tendo podido antecipar o momento político, o director do festival, Rodrigo Francisco, diz ao PÚBLICO que "não é espantoso que assim aconteça, já que Almada sempre se ancorou bastante em espectáculos vindos de França, Itália e Alemanha" e o evento que dirige foi, na verdade, "desenhado e imaginado a partir dos festivais de Nancy e de Avignon".

O primeiro francês a subir ao palco será precisamente o antecessor de Tiago Rodrigues à frente do Festival de Avignon. Olivier Py apresenta-se em Almada com o *alter ego* que o acompanha há quase 30 anos, a *drag queen* Miss Knife, protagonista do espectáculo *E Agora, Miss Knife Tem Um Par...* (dia 8). O título alude ao duo intimista que Py aqui forma com o pianista Antoni Sykopoulos e com quem partilha o amor pela *chanson*.

Segue-se *Sans Tambour* (dias 9 e 10), peça em que Samuel Achache (numa produção do mítico Théâtre des Bouffes du Nord, fundado em Paris por Peter Brook) conta a derrocada de uma casa que apanha os seus habitantes de surpresa, cruzando a narrativa com o *Lied* de Schumann e piscando também o olho ao *vaudeville*, ao cabaré e ao burlesco. Já Jeanne Desoubeaux parte do mito de Orfeu e Eurídice e da ópera de Gluck para criar o espectáculo de encerramento *Onde Vou à Noite* (dia 18), seguindo duas mulheres que circulam entre as suas vidas e as das figuras míticas em que a autora se inspira.

Numa linha de fronteira entre teatro e dança, a coreógrafa Mathilde Monnier baseou-se na série televisiva *H24*, para a qual 24 autoras escreveram contos inspirados na demasiado real violência quotidiana exercida sobre as mulheres, para criar *Black Lights* (dia 10). O espectáculo-manifesto, que conta com as portuguesas Isabel Abreu e Carolina Passos Sousa, parte de 11 desses textos (de Siri Hustvedt, Alice Zeniter ou Lola Lafon), enquanto reclama o corpo como o seu assunto fundamental.

Também vindo do corpo, e três anos após ter levado ao festival *Omma*, o sérvio Josef Nadj reincide nesse gesto de viagem para África, à procura das origens da dança, descobrindo com um grupo de bailarinos locais que espectáculo poderiam inventar em conjunto. *Full Moon* (dia 12) é um novo passo nessa parceria com os mesmos intérpretes, com o coreógrafo a acrescentar a sua habitual relação com a máscara a um imaginário que parte da relação dos corpos com as tradições e os rituais.

Fugindo ainda a "uma tentativa de catalogar o teatro", diz-nos Rodrigo Francisco, o festival recebe igualmente os ingleses Gandini Juggling, que juntam Merce Cunningham e malabarismo em *LIFE Event No.3* (dia 16). "Mais do que dizer que teatro é isto ou aquilo, um festival deve servir para mostrar aos espectadores as várias formas que existem", argumenta o director artístico.

De Bob Wilson a Brecht

De regresso ao Festival de Almada, passado apenas um ano, estão também dois nomes históricos do teatro mundial. Como escreve Rodrigo Francisco no programa, o alemão Peter Stein é um homem do texto, que perscruta os clássicos e os torna mais límpidos, apresentando desta vez – depois do seu Harold Pinter de 2023 –, com o Tieffe Teatro Milano, *Crises de Nervos – Três Actos Únicos de Anton Tchékhov* (dias 13 e 14), em que redescobre textos juvenis do dramaturgo russo que entende serem devedores da comédia francesa e do *vaudeville*. Por sua vez, o norte-americano Robert Wilson, exímio explorador das possibilidades visuais do teatro e firme defensor da quebra de linearidade narrativa, volta a ressuscitar uma colaboração com a coreógrafa Lucinda Childs. Depois de *I Was Sitting on My Patio This Guy Appeared I Though I Was Hallucinating...*, os dois revisitam *Relative Calm* (dias 12 e 13), peça estreada em 1981, mas acrescentando-lhe partes inéditas e leituras dos diários de Nijinsky.

JULIEN BENHAMOU

ARNAUD CARAVIELHE

***E Agora, Miss Knife Tem Um Par...*, de Olivier Py, chega a Almada no dia 8 de Julho; *Black Lights*, de Mathilde Monnier, apresenta-se no festival dois dias depois**

Uma extensa trupe francesa desagua no festival numa altura em que o seu país enfrenta eleições decisivas

De Itália virá ainda a versão do clássico de Shakespeare *A Tempestade* (dias 6 e 7), traduzido e adaptado por Eduardo de Filippo para língua napolitana e destinada ao teatro de marionetas. É isso mesmo que faz a companhia centenária Carlo Colla & Figli, criada no século XIX, nesta abordagem que se inicia com o naufrágio que Próspero impõe como vingança pelo seu desterro. Da Galiza, chega a homenagem a uma actriz que passou pelo Teatro Nacional D. Maria II em *Manuela Rey Is in da House* (dia 14), de Fran Nuñez.

Com o estatuto de "Espectáculo de Honra" – ou seja, o mais votado pelo público em cada edição para voltar no ano seguinte –, a actriz e autora libanesa Hanane Hajj Ali volta a Almada com *Jogging* (dias 5 a 7), monólogo em torno do *jogging* que lhe permite lidar com a doença de um filho, pensar a relação com Beirute, reflectir sobre a condição feminina no país e rever a história de Medeia espelhada nas mulheres de hoje.

Como sempre, o Festival de Almada é também palco para a apresentação de produções portuguesas que encontram nesta quinzena uma vida prolongada, descobrindo novos públicos e renovando o fresco anual da criação contemporânea que por aqui se vai revelando. Este ano, desde logo, é à Formiga Atómica que são oferecidas as honras de abertura, com o ambicioso *Terminal (O Estado do Mundo)*. Criada com Hélder Gonçalves e Manuela Azevedo, dos Clã, a peça foi precedida de um prolongado trabalho de campo, desaguando neste espectáculo que nos "convida a adiar o fim do mundo", num momento em que a crise climática empurra a humanidade para a extinção.

Haverá ainda oportunidade para (re)descobrir a encenação de Rodrigo Francisco para *Além da Dor* (dias 5 a 17), do inglês Alexander Zeldin; o mergulho de Cucha Carvalheiro na sua infância e no Estado Novo em *Fonte da Raiva* (dias 5 e 6); ou a colaboração entre João Brites e Olga Roriz no segundo capítulo que O Bando dedica às *1001 Noites*, adentrando-se agora no poder das histórias e da palavra em *Irmã Palestina* (dia 6).

Juntam-se-lhe *Salgueiro Maia: Cartografia de Um Monólogo*, de Ricardo Simões; *Remédio*, dos Artistas Unidos; a peça que Tiago Rodrigues escreveu para Tónan Quito, *Entrelinhas*; e a releitura de António Pires para *Mãe Coragem*.

O Sea Life Porto abre a sua Maternidade de Corais
A partir de hoje, e à boleia do 15.º aniversário do aquário nortenho, os visitantes podem espreitar a montra feita com mais de 15 espécies ameaçadas que, num mundo perfeito e em condições naturais, serviriam de *habitat* a diversos seres marinhos, mantendo o equilíbrio dos oceanos e do planeta. Mais em www.visitsealife.com.

blogues.publico.pt/letrapequena/

Plantar lápis de cor e recuperar a felicidade

Depois de um ciclone, o vermelho, o azul, o verde e o amarelo desapareceram da vila de Nina. Só até encontrar os lápis da avó

Rita Pimenta

Tudo ficou cinzento e negro depois de os ventos fortes destruírem a vila da pequena Nina, que cresceu numa terra descolorida. Conseguirá voltar a pintá-la com a esperança que a avó lhe transmitiu através das histórias contadas em voz alta e dos lápis de cor que encontrou enterrados na terra quando procurava minhocas.

"Era uma vez um país a preto e branco. Um país que, originalmente, era colorido." Assim começa a narrativa de *O Tempo das Cerejas*. Não nos é dito onde se localiza, mas ficamos a saber dos frutos e que o mar está perto e sempre presente. "A vida tinha mudado. Os morangos e os melões já não pareciam saborosos. As flores murcharam no seu caule como se tivessem vergonha. E o mar não era mais do que um enorme lago preto a reflectir o céu."

Na companhia do gato Sebastião, "a Nina adorava a vida", como qualquer criança com direito a crescer rodeada de paz e dedicação, mesmo que numa "vila cinzenta". O que mais apreciava eram as histórias contadas pela avó, quando recordava a sua infância vivida "no país das cores".

Assim ficou a saber que o vermelho era a "cor dos morangos mais doces" ou das cerejas que, dizia a avó, penduravam nas orelhas. O que imediatamente nos convoca para memórias de rituais familiares de infância e mantidos na idade adulta. Também logo se recorda Maria Lamas e o seu livro *Os Brincos de Cerejas*, escrito em 1935.

"Num dia de pesca com o seu avô, a Nina resolveu escavar um buraco na terra para procurar minhocas." Encontrou ali uma caixa de metal com cinco lápis. Ficou a saber que pertenciam à avó. Plantou-os e regou-os. O primeiro a brotar foi um lápis vermelho, que muitos outros, de várias tonalidades, se seguiram. E a cor voltou à vila.

Agnès de Lestrade nasceu em França em 1964, é jornalista, escritora, professora de música e de artes plásticas. Já publicou mais de 50 livros. Um dos seus maiores sucessos é *A Grande Fábrica das Palavras*, também ilustrado por Valeria Docampo. Vive em Girona (França).

Valeria Docampo nasceu em Buenos Aires (Argentina) e estudou Belas-Artes antes de se licenciar em Design Gráfico e Comunicação Visual. No seu *site*, explica-se que o seu percurso "começou com um profundo desejo de captar a beleza dos momentos quotidianos" e que alia técnicas tradicionais e digitais. Vive em Lyon, França.

O resultado desta parceria é bonito, comovente e convida a fazer brincos de cerejas e a comemorar a Primavera, com todas as suas belas cores e frutos deliciosos.

O Tempo das Cerejas
Texto: Agnès de Lestrade
Ilustração: Valeria Docampo
Tradução: Beatriz Lemos e Fabiana Lopes
Revisão: Pedro Seromenho
Edição: Paleta de Letras
40 págs.; 13,50€

FIM-DE-SEMANA EM FAMÍLIA

MÚSICA

Pássaros & Cogumelos
SINTRA Centro Cultural Olga Cadaval. Amanhã, às 11h30. M/3. Grátis
Integrado no programa do 58.º Festival de Sintra, um concerto encenado de Joana Gama que se propõe a reflectir sobre as ligações simbióticas que existem na natureza e a "empatizar com o que nos rodeia", com particular interesse pelo mundo das aves e dos fungos e por seres vivos como a carriça ou a silarca. Tudo com a ajuda do seu cúmplice habitual: um *toy piano*.

Por Favor, Maestro
PORTO Casa da Música Amanhã, às 10h, 11h30 e 16h. Dos 3 meses aos 6 anos. 12,50€
Do silêncio quando toca o solista ao empenho na parte do *tutti*, as regras da orquestra podem também ser aplicadas como boas práticas para a vida. Tudo depende do maestro.

FESTIVAL

Festival Panda
ALBUFEIRA Marina Hoje, às 10h30 e 17h. 21€ (grátis para crianças até aos 2 anos)
À 17.ª edição deste que se apresenta como "o maior evento infantil em Portugal", o Panda e os amigos partem *À conquista de medalhas!* É esse o lema que inspira a festa que aposta não só no espectáculo em si, mas também na missão de chamar a atenção para a importância do exercício físico e de um estilo de vida saudável. Tudo entre cantigas e coreografias orelhudas, como é apanágio da trupe. Depois do arranque algarvio, a comitiva ruma ao Parque dos Poetas, em Oeiras, entre 28 e 30 de Junho, seguindo depois para o Estádio do Mar de Matosinhos (13 e 14 de Julho) e o Estádio Municipal José Bento Pessoa, na Figueira da Foz (20 de Julho).

Guia

Cinema

Bolero

Cartaz, críticas, trailers e passatempos em **cinecartaz.publico.pt**

Porto

Casa das Artes do Porto
R. Ruben A, 210. T. 226006153
Anatomia de Uma Queda M12. 18h
Cinema Trindade
R. Dr. Ricardo Jorge. T. 223162425
Ainda Temos o Amanhã M14. 16h30, 21h30; **A Natureza do Amor** M14. 14h30; **Manga d'Terra** M14. 17h30, 21h45; **A Quimera** M12. 15h, 19h15; **Pedágio** M14. 19h30
Cinemas Nos Alameda Shop e Spot
R. dos Campeões Europeus 28 198. T. 16996
O Reino do Planeta dos Macacos M12. 18h20; **Furiosa: Uma Saga Mad Max** M14. 18h, 21h20; **Garfield** M6. 10h50, 13h50, 16h20, 19h20 (VP); **Assassino Profissional** M12. 21h50; **Manga d'Terra** 20h30; **Bad Boys** Atmos - 13h20, 16h10, 19h, 22h; **Dragonkeeper - Ping e o Dragão** M6. 10h40, 13h10, 15h30 (VP); **O Teu Rosto Será o Último** 14h20, 17h10; **Bolero** M12. 21h30; **Heróis na Hora** M6. 11h, 13h30, 16h (VP); **O Exorcismo** 13h40, 15h50, 18h30, 21h10; **O Homem dos Teus Sonhos** M14. 14h, 16h30, 19h10, 21h40
Medeia Teatro Municipal Campo Alegre
R. das Estrelas. T. 226063000
Felizes Juntos M16. 21h30; **Chungking Express** 15h30; **Disponível Para Amar** 18h;

Aveiro

Cinemas Nos Glicínias
C.C. Glicinias, Lj 50. T. 16996
IF: Amigos Imaginários M6. 11h10 (VP); **Furiosa: Uma Saga Mad Max** M14. 20h30, 24h; **Garfield** 10h50, 13h30, 16h15, 18h50 (VP); **Assassino Profissional** M12. 14h40, 15h20, 18h, 21h10, 23h50; **Bad Boys** Sala Atmos - 13h05, 15h45, 18h30, 21h30, 00h10; **Dragonkeeper - Ping e o Dragão** M6. 11h20 (VP); **Haikye!! A Batalha na Lixeira** M6. 13h50, 16h, 18h20, 20h50, 23h10; **Heróis na Hora** M6. 11h, 13h30, 16h15, 18h50 (VP); **O Exorcismo** 14h50, 17h10, 19h30, 22h10, 00h30; **The Watchers** M16. 21h50, 00h20

Braga

Cinemas Nos Braga Parque
Quinta dos Congregados. T. 16996
Tarot - Carta da Morte M16. 21h45, 00h25; **O Reino do Planeta dos Macacos** M12. 14h10, 17h30; **Furiosa: Uma Saga Mad Max** M14. 13h40, 17h, 20h40, 23h50; **Garfield: O Filme** M6. 10h50, 13h25, 15h50, 18h20 (VP/2D), 10h40, 15h25 (VP/3D), 21h, 23h30 (VO/2D); **Assassino Profissional** M12. 13h15, 16h10, 18h50, 21h40, 00h15; **Bad Boys: Tudo ou Nada** M14. 13h10, 15h55, 18h40, 21h20, 00h05; **Dragonkeeper - Ping e o Dragão** M6. 11h10, 14h, 16h30, 19h (VP); **Haikye!! A Batalha na Lixeira** M6. 13h20, 15h30, 17h40, 19h50, 22h, 00h10; **O Exorcismo** 13h05, 18h, 21h30, 23h55; **O Homem dos Teus Sonhos** M14. 13h30, 16h, 18h30, 21h10, 23h35; **The Watchers: Eles Vêem Tudo** M16. 21h50, 00h20
Cineplace Nova Arcada - Braga
C. C. Nova Arcada, Av. De Lamas.
Pinóquio 13h20, 15h20, 17h20 (VP); **Panda do Kung Fu 4** M6. 11h30, 13h30 (VP); **O Reino do Planeta dos Macacos** M12. 21h30; **IF: Amigos Imaginários** M6. 13h, 15h, 17h10 (VP); **Furiosa: Uma Saga Mad Max** M14. 21h; **Garfield: O Filme** M6. 12h, 13h, 15h, 17h10, 19h20 (VP); **Bad Boys** 14h20, 16h40, 19h, 21h20; **Dragonkeeper - Ping e o Dragão** M6. 13h, 15h10, 17h20 (VP); **Comandante** M14. 21h50; **Haikye!! A Batalha na Lixeira** M6. 13h30, 15h30, 17h30, 19h30; **Bolero** M12. 19h20, 21h30; **Heróis na Hora** M6. 13h, 15h, 17h10, 19h (VP); **O Exorcismo** Xplace Atmos - 15h30, 18h30, 21h30, 23h40; **O Homem dos Teus Sonhos** 19h30, 21h40; **The Watchers** 19h20, 21h30; **Bad Boys: Tudo ou Nada** M14. Xplace Atmos - 14h40, 17h, 19h20, 21h40, 24h

Estreias

O Homem dos Teus Sonhos
De Kristoffer Borgli. Com Lily Bird, Nicolas Cage, Julianne Nicholson, Jessica Clement. EUA/CAN. 2023. 102m. Comédia Dramática. M14.
Paul Matthews era um homem comum até se ter tornado uma personagem constante nos sonhos das outras pessoas. Tudo corre com relativa tranquilidade até os sonhos, até aí inócuos, se converterem em pesadelos horríveis, onde ele tem sempre um papel preponderante.

Pedágio
De Carolina Markowicz. Com Maeve Jinkings, Thomas Aquino, Isac Graça, Erom Cordeiro. POR/BRA. 2023. 102m. Drama. M14.
Suellen, trabalhadora de uma portagem, é capaz de tudo para cuidar de Tiquinho, o seu filho. Quando descobre que ele é homossexual, decide recorrer a um pastor que lhe é recomendado devido às suas terapias de reconversão do "mal gay". Mas o tratamento está fora das possibilidades económicas desta mãe.

Bolero
De Anne Fontaine. Com Raphaël Personnaz, Doria Tillier, Jeanne Balibar, Emmanuelle Devos. BEL/FRA. 2024. 120m. Drama, Musical. M12.
Paris, década de 1920. A dançarina Ida Rubinstein pede a Maurice Ravel para compor uma música para um balé, que ela quer que seja ousado e cheio de sensualidade. Apesar de ele estar numa fase pouco criativa e se debater com problemas de saúde, o resultado é "Bolero", a mais famosa obra da sua carreira.

Comandante
De Edoardo De Angelis. Com Pierfrancesco Favino, Johan Heldenbergh, M. Rossi, Luca Chikovani. ITA. 2023. 120m. Drama, Biografia. M14.
Baseado num evento verídico ocorrido em plena Segunda Grande Guerra, este filme conta a história do capitão Salvatore Todaro (1908-1942), o comandante do submarino "Cappellini" que, depois de ter afundado um navio que carregava armamento para os ingleses, tomou uma decisão inesperada que desafiava as leis da guerra mas honrava as do mar: resgatar os sobreviventes da embarcação inimiga.

O Exorcismo
De Joshua John Miller. Com Russell Crowe, Ryan Simpkins, Sam Worthington, Chloe Bailey. EUA. 2024. 93m. Terror.
Anthony Miller é contratado para substituir um actor que morreu durante a rodagem de um filme de terror. Quando começa a demonstrar um comportamento errático, a filha começa a questionar-se se o pai estará a ter uma crise mental ou se estará sob a influência de algo sobrenatural.

Cobweb - A Teia
De Kim Jee-woon. Com Song Kang-ho, Lim Soo-jung, Oh Jung-se, Jeon Yeo-been. JAP. 2023. 135m. Comédia. M14.
Década de 1970. Kim, um famoso cineasta coreano, estava satisfeito com a estreia do seu último filme até ser totalmente arrasado pela crítica. Algum tempo mais tarde, com um novo trabalho praticamente terminado, começa a sonhar com um final alternativo que, segundo o seu instinto, pode transformar aquele filme numa obra-prima.

Haikye!! A Batalha na Lixeira
De Susumu Mitsunaka. Com Ayumu Murase (Voz), Kaito Ishikawa (Voz), Yûki Kaji (Voz). JAP. 2024. 85m. Animação, Aventura. M6.
A equipa de voleibol da escola secundária de Karasuno avança para a terceira fase do torneio Harutaka, na província de Miyagi (Japão). Chegados a esta fase da competição, terão de enfrentar os jogadores da escola de Nekoma, com quem têm um historial de rivalidade.

Heróis na Hora
De Ricard Cussó. Com Deborah Mailman (Voz), Ed Oxenbould (Voz), Frank Woodley (Voz). Austrália. 2020. 90m. Animação. M6.
Uma jovem vombate transformou-se numa super-heroína depois de salvar um esquilo. Essa situação deu-lhe um inesperado gosto por socorrer criaturas em perigo, algo verdadeiramente difícil na cidade onde vive, que atingiu os índices de criminalidade mais baixos da sua história.

As estrelas

	Jorge Mourinha	Luís M. Oliveira	Vasco Câmara
Assassino Profissional	★★★☆☆	—	—
O Auge do Humano 3	★★★☆☆	★☆☆☆☆	★★★☆☆
O Bêbado	—	★★★☆☆	★★★☆☆
Bolero	★★☆☆☆	—	★☆☆☆☆
Cobweb — A Teia	★★☆☆☆	—	—
Comandante	—	★☆☆☆☆	★☆☆☆☆
Furiosa	★★☆☆☆	★★☆☆☆	★☆☆☆☆
O Homem dos Teus Sonhos	★★☆☆☆	—	★★☆☆☆
Manga d'Terra	★★★★☆	★★★☆☆	★★★☆☆
Origin — Desigualdade e Preconceito	—	★☆☆☆☆	★☆☆☆☆
Pedágio	—	★★☆☆☆	★★☆☆☆
A Quimera	★★★☆☆	★★★☆☆	★★☆☆☆
Sob as Águas do Sena	—	—	●
O Teu Rosto Será o Último	★☆☆☆☆	★★☆☆☆	—

● Mau ★☆☆☆☆ Medíocre ★★☆☆☆ Razoável ★★★☆☆ Bom ★★★★☆ Muito Bom ★★★★★ Excelente

Coimbra

Casa do Cinema de Coimbra
Av. Sá da Bandeira 33. T. 239851070
2720 20h50; **Manga d'Terra** M14. 21h30; **Comandante** 17h45; **Pedágio** M14. 15h45
Cinemas Nos Alma Shopping
R. Gen. Humberto Delgado. T. 16996
Challengers M12. 15h10, 18h20, 22h; **O Reino do Planeta dos Macacos** M12. 20h30; **IF: Amigos Imaginários** M6. 11h10, 14h50, 17h40 (VP); **Furiosa: Uma Saga Mad Max** M14. 13h50, 17h10, 20h40; **Garfield: Filme** M6. 10h50, 13h40, 16h20, 19h10 (VP); **Bad Boys: Tudo ou Nada** M14. Sala Atmos - 13h20,16h, 18h40, 21h30; **O Teu Rosto Será o Último** 14h40, 17h50, 21h10; **Cobweb - A Teia** M14. 21h40; **Comandante** M14. 14h20, 17h20; **Haikye!! A Batalha na Lixeira** M6. 14h10, 16h30, 18h50, 21h20; **Bolero** M12. 14h30, 17h30, 20h50; **O Exorcismo** 14h, 16h40, 19h20, 21h50; **Pedágio** M14. 21h
Cinemas Nos Fórum Coimbra
Fórum Coimbra. T. 16996
O Reino do Planeta dos Macacos M12. 21h, 21h45; **Furiosa: Uma Saga Mad Max** M14. 14h, 17h45, 21h30; **Garfield: O Filme** M6. 11h40, 15h, 18h15 (VP); **Assassino Profissional** M12. 13h30, 16h10, 19h15, 22h15; **Bad Boys** 14h45, 17h30, 20h15, 23h10; **Dragonkeeper - Ping e o Dragão** M6. 11h (VP); **Heróis na Hora** M6. 11h20, 14h30, 16h50, 19h30 (VP); **O Homem dos Teus Sonhos** M14. 14h15, 17h, 20h, 22h45; **The Watchers: Eles Vêem Tudo** 22h

São João da Madeira

Cineplace - São João da Madeira
O Reino do Planeta dos Macacos M12. 21h20; **Garfield: O Filme** M6. 14h20, 16h20 (VP); **Bad Boys: Tudo ou Nada** M14. 17h10, 19h30, 21h50; **Bad Boys: Tudo ou Nada** M14. 19h, 21h20; **Dragonkeeper - Ping e o Dragão** M6. 13h, 15h (VP); **Haikye!! A Batalha na Lixeira** M6. 14h, 15h50, 17h40 (VP); **Heróis na Hora** M6. 13h30, 15h20, 17h10 (VP); **O Exorcismo** 18h30, 21h30; **O Homem dos Teus Sonhos** M14. 19h30

Viana do Castelo

Cineplace Estação Viana Shopping
Furiosa: Uma Saga Mad Max M14. 18h40; **Garfield: O Filme** M6. 14h20, 16h20 (VP); **Bad Boys: Tudo ou Nada** M14. 14h30, 16h50, 19h10, 21h30; **Dragonkeeper - Ping e o Dragão** M6. 14h50 (VP); **Heróis na Hora** M6. 13h, 16h50 (VP); **O Exorcismo** 18h20, 21h20; **The Watchers: Eles Vêem Tudo** M16. 21h40

Vila Nova de Gaia

Cinemas Nos GaiaShopping
C.C. Gaiashoping, Lj 2.25. T. 16996
Tarot - Carta da Morte M16. 21h50, 00h30; **O Reino do Planeta dos Macacos** M12. 18h30, 22h; **IF: Amigos Imaginários** M6. 10h50, 13h50, 16h40 (VP); **Furiosa: Uma Saga Mad Max** M14. 20h40, 00h10; **Garfield: O Filme** M6. 10h40, 13h30, 16h10, 18h50 (VP); **Assassino Profissional** M12. 13h, 15h40, 18h20, 21h, 23h40; **Bad Boys: Tudo ou Nada** M14. 13h20, 16h, 18h40, 21h30, 00h20; **Bad Boys: Tudo ou Nada** M14. Sala 4DX - 12h50, 15h30, 18h10, 20h50, 23h20; **Dragonkeeper - Ping e o Dragão** M6. 11h, 13h10, 15h50 (VP); **Haikye!! A Batalha na Lixeira** M6. 12h40, 14h50, 17h, 19h10, 21h20, 23h30; **O Exorcismo** 13h40, 16h30, 19h, 21h40, 24h; **O Homem dos Teus Sonhos** M14. 14h, 16h20, 21h10, 23h50; **The Watchers: Eles Vêem Tudo** M16. 18h50
UCI Arrábida 20
Challengers M12. 18h20, 21h20; **Profissão: Perigo** M12. 18h50, 21h45; **O Reino do Planeta dos Macacos** M12. 16h20, 21h45; **IF: Amigos Imaginários** M6. 14h20, 16h50, 19h15 (VP), 21h35 (VO); **O Sabor da Vida** M12. 13h15, 16h05, 19h15, 22h05; **Os Estranhos: Capítulo 1** M16. 13h55, 19h30; **Furiosa: Uma Saga Mad Max** M14. 14h25, 18h, 21h50, 00h05; **Garfield: O Filme** M6. 13h45, 16h25, 18h55 (VP), 21h25 (VO); **Assassino Profissional** M12. 13h50, 16h30, 19h10, 22h, 00h15; **Origin - Desigualdade e Preconceito** 16h, 21h20; **Manga d'Terra** M14. 13h40, 19h; **A Quimera** M12. 16h, 21h15; **Bad Boys: Tudo ou Nada** M14. 13h35, 14h10, 16h15, 16h45, 18h55, 19h20, 21h30, 21h55, 24h; **Dragonkeeper - Ping e o Dragão** M6. 13h30, 15h55 (VP); **O Teu Rosto Será o Último** 13h25, 18h55; **Cobweb - A Teia** M14. 13h20, 16h10, 19h05, 22h, 00h10; **Comandante** M14. 16h15, 21h55; **Haikye!! A Batalha na Lixeira** M6. 14h10, 16h30, 19h10, 21h30; **Bolero** M12. 13h40, 16h20, 19h, 21h40; **Heróis na Hora** M6. 14h, 16h10 (VP); **O Exorcismo** 14h20, 16h40, 19h20, 21h50, 00h20; **O Homem dos Teus Sonhos** M14. 14h05, 16h35, 19h05, 21h25; **Pedágio** M14. 13h35, 18h50; **The Watchers: Eles Vêem Tudo** 14h15, 16h40, 19h20, 21h40, 00h25

Lazer

DANÇA

Age of Content

PORTO Rivoli. Dias 14/6 e 15/6, às 19h30. M/12. 12€

Um espectáculo do colectivo (La)Horde que, à frente do Bailado Nacional de Marselha, investiga e dança o paradigma desta era dos conteúdos em que vivemos, pedindo "movimentos emprestados à estética digital" para sobrepor e atravessar em palco as múltiplas camadas da realidade e da identidade. Um lugar onde se esbatem fronteiras, se criam avatares e se afunilam gostos enfaixados em mundos virtuais que, explica a sinopse, "já não são uma mera representação da realidade, têm uma existência própria e autónoma, com influência directa na forma como nos deslocamos e comunicamos".

FESTIVAL

Rádio Faneca

ÍLHAVO De 14/6 a 16/6. Grátis

Durante três dias, a onda do festival que nasceu para transmitir alegria e sentido de comunidade volta a invadir o centro histórico, becos e casas da cidade. A 11.ª edição desfia-se entre concertos, teatro, circo, conversas, brincadeiras no jardim, mercadinhos e jogos tradicionais. Programa completo em www.23milhas.pt/edicao/radio-faneca-2024/.

FESTAS

UVVA — Universo do Vinho Verde Amarante

AMARANTE Claustros do Convento de S. Gonçalo. De 14/6 a 16/6. Sexta e sábado, das 18h às 2h; domingo, das 17h às 22h. 5€ (dia) e 10€ (passe), com copo de provas e, respectivamente, 2,50€ e 7,50€ de saldo consumível

A sétima edição do certame que celebra os vinhos verdes da região presta homenagem a António Cândido, figura ilustre da terra que se destacou como procurador-geral da Coroa. A par do sector vinícola, a gastronomia também faz parte do programa, que se alinha entre conversas com especialistas, degustações de vinhos premiados, *workshops*, *showcookings* com Rui Lemos, Hernâni Ermida, Jorge Moreira e Miguel Cardoso, e animação musical.

Jogos

Jogue também online. Palavras-cruzadas, bridge e sudoku em publico.pt/jogos

Euromilhões 2 13 16 24 32 1 7

1.º Prémio 160.000.000€ **M1lhão ZXS 38842**

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial de prémios

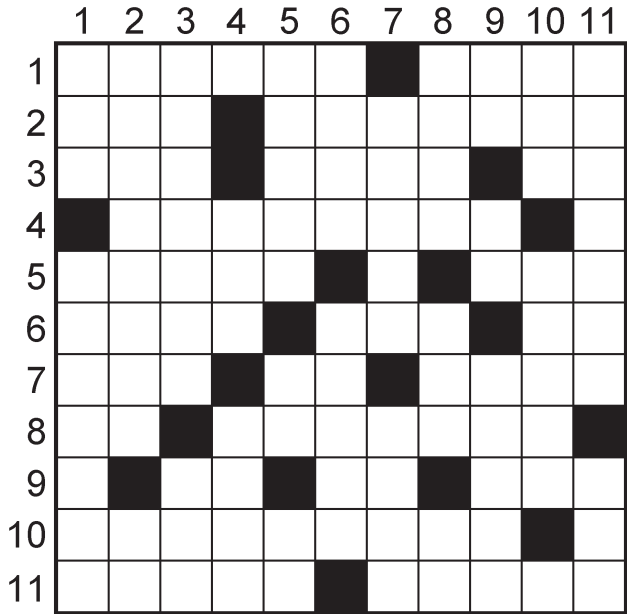
Cruzadas 12.462

Paulo Freixinho
palavrascruzadas@publico.pt

Horizontais: 1. Pede pacto contra a extrema-direita e tira partido da cisão dos Republicanos. Grupo circular de ilhas de coral. **2.** Erga. Cílio. **3.** Redução de maior. Ligar. A unidade. **4.** Ficaram assustados com os juros da França ao nível dos de Portugal. **5.** Torresmo. Molécula portadora da informação hereditária. **6.** Viagens. Símbolo da persistência da fé perante a adversidade. Extraterrestre. **7.** Senão. Desguarnecido. "Mais vale (...) que me leve que cavalo que me desmonte". **8.** Porte. (...) de velocidade média, na Ponte Vasco da Gama, começam a multar a partir de hoje. **9.** «A» + «o». A minha pessoa. Ruído. **10.** Lutam em mosaico romano raro descoberto em Alcácer do Sal. **11.** Retumbam. Planta liliácea de suco amargo.

Verticais: 1. Forma de complemento do pronome eu, sempre precedido de preposição. Pequeno canto épico. **2.** Alojar. Era Comum. **3.** "O Tempo das (...)", o livro em destaque no "Guia crianças. Letra pequena". Espaço de 12 meses. **4.** Batráquios. Caminho. **5.** Que não é transparente. Sódio (s. q.). Antes do meio-dia. **6.** É filha duas vezes. Que ou o que segue a religião judaica. **7.** Salutar. Vento brando e aprazível. **8.** Tenebroso. Botequim. Sufixo nominal que traduz a ideia de semelhança ou origem. **9.** Tântalo (s. q.). Sociedade Anónima. Traseiro (pop.). **10.** Denunciou cenário "profundamente alarmante" de miséria, repressão e fome na Coreia do Norte. Espesso. **11.** Expressão de dor. Espaço de 30 dias.

Solução do problema anterior

Horizontais: 1. Escolas. Bis. **2.** Suado. Andro. **3.** Como. AP. Por. **4.** Bruxelas. **5.** Sai. Re. Alou. **6.** Orada. Oto. **7.** Aro. As. Pai. **8.** AM. Esmar. Fã. **9.** Sepsia. Oslo. **10.** Ataraxia. **11.** Aurora. Ocre.
Verticais: 1. Escuso. Aspa. **2.** Suo. Arame. **3.** Cambiar. Par. **4.** Odor. Doesto. **5.** Lo. Ura. Siar. **6.** Axe. Amara. **7.** Sape. Osa. **8.** Lat. Roxo. **9.** BDPALOP. Sic. **10.** Iroso. Aflar. **11.** Sor. União.

Bridge

João Fanha
fanhabridge.pt

Dador: Sul
Vul: Todos

Oeste	Norte	Este	Sul
			2♣[1]
passo	2♦[2]	passo	2♥
passo	4♥	passo	4ST
passo	5♦	passo	6♥
Todos passam			

Leilão: Qualquer forma de *bridge*. 1 – Forte indeterminado; 2 – *Relais*

Carteio: Saída: K♣. Qual a melhor linha de jogo?

Solução: Mais um cheleme daqueles...O importante é focar-se nas possibilidades que existem para cumprir, por mais ínfimas que sejam. Uma perdente a espadas e outra a paus. Não temos forma de evitar perder a espada, portanto é sobre a perdente a paus que temos de arranjar uma solução. E, não será difícil concluir que é o naipe de ouros que está de serviço de pronto-socorro. As escassas entradas no morto obrigam-nos a ter a precisão de um ourives: o tempo é o factor crucial. Com uma distribuição 3-3 do naipe de ouros tudo seria relativamente simples de se executar. Vamos pensar na alternativa 4-2, que é também a mais provável de todas. Uma vez que as entradas no morto são essencialmente no naipe de trunfo, será necessário começar por trabalhar o naipe de ouros antes de destrunfar. O bom *timing*: Ás de paus, Rei de ouros, ouro para o Ás e ouro cortado com o Ás de trunfo. Oeste assiste apenas duas vezes a ouros, portanto Este tem ainda um trunfo. Rei de trunfo e pequeno trunfo para o 9. Ouro cortado com a Dama de trunfo e por fim trunfo para o Valete e o 7 de ouros apurado e importante para nos desenvencilharmos do Valete de paus. Espada e a defesa já só poderá fazer o respectivo Ás.

Considere o seguinte leilão:

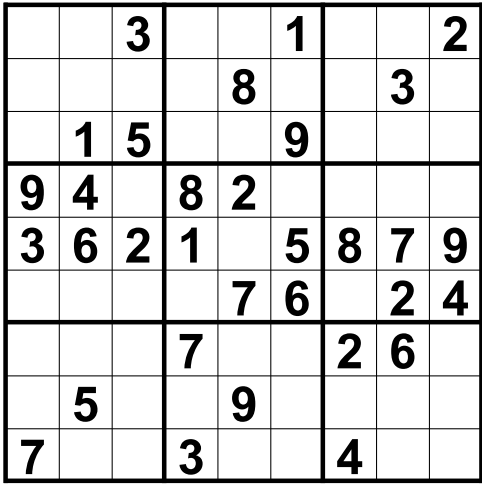
Oeste	Norte	Este	Sul
	1♦	3♠	?

O que marca em Sul com a seguinte mão?
♠A72 ♥K82 ♦QJ3 ♣K963

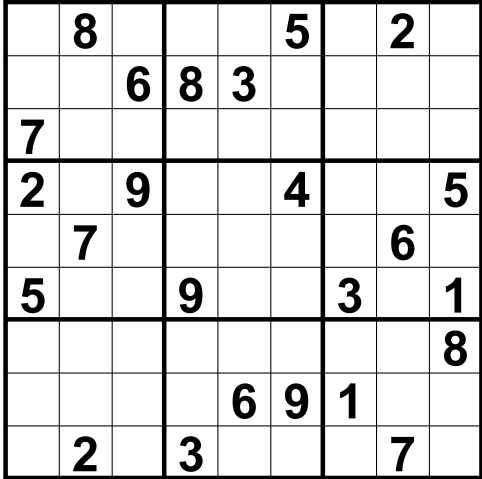
Resposta: Marque 3ST. O contrato não será jogado da boa mão, mas não temos outra opção.

Sudoku

© Alastair Chisholm 2008
www.indigopuzzles.com

Problema 12.688 (Fácil)

Solução 12.686

4	1	5	7	8	2	9	6	3
7	3	9	1	6	5	4	8	2
8	6	2	3	9	4	7	5	1
5	9	1	2	3	7	8	4	6
6	2	4	9	1	8	5	3	7
3	8	7	5	4	6	2	1	9
1	5	3	4	7	9	6	2	8
2	7	8	6	5	1	3	9	4
9	4	6	8	2	3	1	7	5

Problema 12.689 (Difícil)

Solução 12.687

3	7	5	2	4	6	8	1	9
8	6	4	7	9	1	3	2	5
2	1	9	8	3	5	7	4	6
4	8	7	5	1	3	6	9	2
9	5	2	4	6	7	1	8	3
1	3	6	9	2	8	4	5	7
7	9	8	6	5	4	2	3	1
5	4	1	3	7	2	9	6	8
6	2	3	1	8	9	5	7	4

Guia

CINEMA

Respect
AXN Movies, 21h10
Considerada, pela revista *Rolling Stone*, a "maior cantora de todos os tempos", Aretha Louise Franklin nasceu em Memphis, a 25 de Março de 1942. Compositora, pianista, produtora e dona de uma voz inigualável, Aretha definiu a música soul tal como é hoje entendida. Estreado no Festival de Cinema de Locarno (Suíça), este filme biográfico segue a vida da artista desde a infância até à idade adulta, com Jennifer Hudson no papel. O argumento é da responsabilidade de Tracey Scott Wilson e a realização do estreante Liesl Tommy.

Kong: Ilha da Caveira
Syfy, 21h30
Em 1971, um grupo de exploradores, mercenários e soldados reúne-se para encontrar a Ilha da Caveira, um lugar mítico e inexplorado situado no oceano Pacífico, onde supostamente vivem criaturas pré-históricas extintas há milhões de anos. Quando chegam ao destino, deparam-se com uma luta territorial que envolve um enorme gorila chamado King Kong e os "*skullcrawlers*", várias espécies de monstros caracterizados pela sua extrema agressividade e capacidade de adaptação. Aquela estadia depressa se transforma num verdadeiro teste às capacidades de sobrevivência de cada um... Realizado por Jordan Vogt-Roberts, um filme de acção com Tom Hiddleston, Samuel L. Jackson, John Goodman, Brie Larson, Jing Tian, Toby Kebbell, John Ortiz, Corey Hawkins, Jason Mitchell, Shea Whigham, Thomas Mann, Terry Notary e John C. Reilly.

O Som do Nevoeiro
TVCine Edition, 22h
Realizado, em 1956, pelo japonês Hiroshi Shimizu, um drama a preto e branco que conta a história de Kazuhiko Onuma, um professor de Botânica envolvido numa relação extraconjugal que, apesar de breve, lhe ficará gravada na memória para sempre. O argumento, da autoria de Yoshikata Yoda, inspira-se no romance de Hideji Hôjô (1902-1996). Este filme fez parte da terceira edição do ciclo *Mestres Japoneses Desconhecidos*, uma iniciativa da distribuidora The Stone and The Plot, que trouxe às salas de cinema portuguesas algumas obras da cinematografia nipónica que, apesar de marcantes, são praticamente desconhecidas do público português.

Televisão

Os mais vistos da TV
Quinta-feira, 13

		%	Aud.	Share
Cacau	TVI	9,6	20,8
Big Brother - Especial	TVI	9,6	19,0
Jornal da Noite	SIC	9,1	19,2
Jornal Nacional	TVI	7,8	16,7
Casados à Primeira Vista	SIC	7,2	18,1

FONTE: CAEM

RTP1	10,5%
RTP2	0,7
SIC	15,1
TVI	15,8
Cabo	39,1

RTP1

6.00 Espaço Zig Zag **8.00** Bom Dia Portugal Fim de Semana **9.57** País de Gales - Terra Selvagem **10.55** Hora dos Portugueses **11.54** Vira e Volta **12.35** Um Mundo na Aldeia **12.59** Jornal da Tarde **14.05** Voz do Cidadão **14.26** Uma Noite no Parque Mayer **16.50** Futebol: Euro 2024 - Espanha x Croácia **19.06** O Preço Certo

19.55 Telejornal

21.01 Alguém Tem de o Fazer
21.56 Masterchef Júnior
0.48 Noites do Euro

1.59 Geração Esquecida

3.33 Janela Indiscreta

SIC

6.05 Etnias **7.00** Médico da Casa **7.45** Caixa Mágica - Caminhos de Portugal **8.50** SOS Animal, Ser por Todos os Seres **9.45** Alô Marco Paulo

12.10 Vida Selvagem - Animal Instincts: Battle of the Mandrill Alphas

12.59 Primeiro Jornal
14.10 Alta Definição **14.55** Rock in Rio, a Energia da Música

19.57 Jornal da Noite

21.30 Terra Nossa

23.40 Casados à Primeira Vista

1.30 Hell's Kitchen Famosos

RTP2

6.00 A Fé dos Homens **6.32** Repórter África **7.00** Folha de Sala **7.04** Águas Secretas da Natureza **7.59** Espaço Zig Zag **9.05** Campeonatos da Europa de Atletismo **11.42** Espaço Zig Zag **14.00** Campeonatos da Europa de Canoagem de Velocidade **16.58** Biosfera **17.28** Pelos Céus **18.24** Mediterrâneo Azul **18.55** Faça Chuva Faça Sol **19.28** Ases d'África

19.56 Simplesmente Nora

21.25 Folha de Sala
21.30 Jornal 2 **22.01** Rusalka do Teatro alla Scala de Milão **0.44** Folha de Sala **0.51** Ruínas **1.55** Janela Global **2.26** Folha de Sala **2.32** Bate Fado - Jonas & Lander **4.20** Desfile Nacional de Bandas Filarmónicas 2022
5.46 Amantes na Fronteira

TVI

6.10 Inspector Max **7.00** Diário da Manhã **10.15** Em Família
12.58 TVI Jornal **13.55** Diário do Euro **14.00** A Sentença **16.15** Em Família **17.45** Big Brother

19.57 Jornal Nacional

21.35 Congela

23.00 Festa É Festa

23.15 Big Brother

23.20 Mistura Beirão

0.05 Big Brother

1.20 GTI Plus **1.45** O Beijo do Escorpião
2.05 Deixa Que Te Leve

TVCINE TOP
18.24 7500 **19.58** Dead Shot - Vingança Solitária **21.30** Silent Night: Vingança Silenciosa **23.15** O Exorcista do Vaticano **1.00** O Assassinato de Kenneth Chamberlain

STAR MOVIES
18.09 O Bom, o Mau e o Vilão **21.15** Todos Contra Um **22.59** A Carga da Brigada Azul **1.05** O Homem Que Matou Liberty Valance **3.06** Resgate Sangrento

HOLLYWOOD
16.55 Os Mercenários 3 **19.02** Velozes e Furiosos **20.52** Out for Justice **22.26** Pesadelo em Férias **0.21** A Purga: Anarquia **2.07** Alien 3 - A Desforra

AXN
18.10 Crime em Hollywood **20.13** Mile 22 **21.55** Eu, Alex Cross **23.46** Meia-noite em Switchgrass **1.34** Gringo

STAR CHANNEL
16.07 John Wick 3 - Implacável **18.43** Os Vingadores **21.20** Vingadores: A Era de Ultron **0.07** Em Fúria **1.39** Anjo da Vingança

DISNEY CHANNEL
17.05 Hansel & Gretel **17.50** A Maldição de Molly McGee **18.35** Vamos Lá, Hailey! **19.20** Os Green na Cidade Grande **20.05** Miraculous - As Aventuras de Ladybug **20.50** Gru - O Maldisposto (v.p.)

DISCOVERY
17.12 America's Backyard Gold **18.09** Roadworthy Rescues **20.03** O Segredo das Coisas **21.00** Caçadores de Pedras Preciosas **22.54** A Febre do Ouro: Águas Bravas **2.18** Descobrir a História com Rob Riggle

HISTÓRIA
17.21 Alienígenas **23.40** Tesouros Malditos **2.54** A Maldição de Skinwalker

ODISSEIA
17.38 Milhares de Abelhas no Meu Jardim **18.30** A Terra **19.24** A Mentalista de Animações de Estimação **20.10** Uma Quinta, 9 Filhos e 1000 Ovelhas **21.44** Viver emTerritório Extremo **22.31** Planeta Vulcânico **23.28** Grandes Viagens de Comboio **0.18** Caçadores de Lagostas

ÓPERA

Rusalka do Teatro alla Scala de Milão
RTP2, 22h01
Em 2023, o La Scala de Milão foi palco de uma encenação, a cargo de Emma Dante, de *Rusalka*, ópera do checo Antonín Dvořák estreada originalmente em 1901. É um conto de fadas, a história de uma ninfa de água que se torna humana para seguir o amor por um príncipe. No elenco surgem nomes como Olga Bezsmertna, Dmitry Korchak, Elena Guseva, Jongmin Park ou Okka von der Damerau.

DOCUMENTÁRIO

Ruínas
RTP2, 00h51
Este documentário de Manuel Mozos estreado em 2009 retrata lugares esquecidos e abandonados pelo tempo. Numa viagem pelo Portugal profundo, Mozos vai filmando as ruínas que trazem as memórias das coisas vividas e das histórias contadas. Estes são lugares desprezados, obsoletos e vazios mas que fazem parte da narrativa de um país e do imaginário colectivo de um povo. *Ruínas* conquistou o prémio Georges de Beauregard no FIDMarseille e o prémio Tobis para melhor longa-metragem portuguesa no IndieLisboa 2009.

Planeta Vulcânico
Odisseia, 22h30
Há vários anos que o francês Arnaud Guérin, geólogo, fotógrafo e viajante profissional, anda pelo mundo à procura de vulcões. Nesta série documental mostra alguns deles. A segunda temporada arrancou com os Açores, no primeiro episódio, e Cabo Verde, no segundo. Agora, o terceiro e o quarto, que passam de uma só assentada, focam dois vulcões japoneses: o Monte Fuji, o maior do arquipélago, e o de Aogashima, uma ilha remota.

DESPORTO

Futebol: Espanha x Croácia
RTP1, 16h50
Directo. No grupo B do Euro, a Espanha defronta a Croácia.

INFANTIL

Kiya & Os Heróis de Kimoja
Disney Junior, 16h10
Em Kimoja, cidade algures em África. No centro, duas raparigas e um rapaz que se transformam em super-heróis quando é necessário. Há novos episódios.

Meteorologia

PORTUGAL

Viana do Castelo 15º 20º
Bragança 8º 23º
Braga 11º 22º
Vila Real 8º 20º
Porto 12º 20º
15º 2,0m
Aveiro 12º 20º
Viseu 9º 23º
Guarda 8º 24º
Coimbra 11º 22º
Castelo Branco 12º 26º
Leiria 14º 20º
Santarém 14º 25º
Portalegre 11º 25º
Lisboa 15º 22º
Setúbal 15º 24º
Évora 13º 26º
Sines 15º 21º
Beja 12º 27º
16º 1,5m
Sagres 16º 20º
Faro 15º 26º
19º 0,8m

Açores

Corvo
Flores 21º 23º
22º 1,2m
Graciosa
São Jorge
Terceira 18º 24º
22º 1,2m
Faial
Pico
São Miguel 18º 23º
21º 1,0m
Ponta Delgada
Sta Maria

Madeira

Madeira 16º 22º
Porto Santo 18º 22º
22º 0,5m
21º 1,2m
Funchal

MARÉS

Preia-mar · Baixa-mar · *de amanhã

Leixões	m	Cascais	m	Faro	m
Preia-mar 10h51	2,6	Preia-mar 10h28	2,6	Preia-mar 10h24	2,5
Baixa-mar 16h48	1,4	Baixa-mar 16h25	1,6	Baixa-mar 16h19	1,5
Preia-mar 23h05	2,7	Preia-mar 22h43	2,7	Preia-mar 22h46	2,6
Baixa-mar 05h30*	1,3	Baixa-mar 05h07*	1,4	Baixa-mar 05h00*	1,3

PRÓXIMOS DIAS PORTO

	Domingo, 16	Segunda-feira, 17	Terça-feira, 18
Mín./Máx.	15º 20º	14º 20º	14º 13º
Índice UV	Médio	Baixo	Baixo
Vento	Fraco	Fraco	Fraco
Humidade	77%	82%	81%

MEDIDOR DE CO_2

Mauna Loa, Havai
Partes por milhão (ppm) na atmosfera
Valores por semana

Semana de 7 Jun.	426,68
Há um ano	424,44
Há dez anos	402,09
Semana de 26 Mai.	426,88
Nível de segurança	350
Nível pré-industrial	280

QUALIDADE DO AR

Portugal
- Excelente
- Razoável
- Mau
- Não é saudável
- Nada saudável
- Perigoso

Porto: Razoável
Coimbra: Excelente
Lisboa: Razoável
Évora: Excelente
Faro: Razoável

SOL

Nascente 06h11
Poente 21h03

LUA

22 Jun. 01h08
28 Jun. 21h53
4 Ago. 11h13
12 Ago. 15h19

Nascente 14h47
Poente 02h33*
*de amanhã

EUROPA

Oslo, Estocolmo, Helsínquia, Talin, Riga, Copenhaga, Vilnius, Dublin, Berlim, Amesterdão, Londres, Varsóvia, Bruxelas, Praga, Paris, Viena, Budapeste, Genebra, Milão, Roma, Istambul, Madrid, Lisboa, Atenas

TEMPERATURAS ºC

	Mín.	Máx.
Amesterdão	13	18
Atenas	20	32
Berlim	11	22
Bruxelas	12	17
Bucareste	16	29
Budapeste	17	27
Copenhaga	11	18
Dublin	9	16
Estocolmo	13	19
Frankfurt	12	20
Genebra	11	20
Istambul	19	28
Kiev	17	22
Londres	12	17
Madrid	14	29
Milão	18	26
Moscovo	14	24
Oslo	12	20
Paris	13	19
Praga	11	22

	Mín.	Máx.
Roma	15	28
Viena	14	26
Bissau	26	31
Buenos Aires	13	18
Cairo	27	43
Caracas	20	29
Cid. do Cabo	10	19
Cid. do México	14	29
Díli	22	30
Hong Kong	27	33
Jerusalém	23	37
Los Angeles	16	26
Luanda	22	28
Nova Deli	32	44
Nova Iorque	17	26
Pequim	21	32
Praia	23	28
Rio de Janeiro	19	30
Riga	12	21
Singapura	25	31

Fontes: AccuWeather; Instituto Hidrográfico; QualAR/Agência Portuguesa do Ambiente; NOAA-ESRL

ANNA SZILAGYI/EPA

Alemanha consumou sonho de uma noite de Verão

Anfitriões do Euro 2024 banalizaram a Escócia com uma exibição de gala e um resultado a condizer. Terá sido o mote para o clique mobilizador de 2006?

Crónica de jogo

Nuno Sousa, em Munique

Não há como não simpatizar com os adeptos escoceses, quando um quarto do estádio consegue rivalizar na luta dos decibéis com os outros três quartos. O desequilíbrio de forças no relvado do Allianz Arena, em Munique, foi da mesma monta, mas a selecção da Escócia esteve afónica desde o primeiro minuto e foi totalmente abafada por uma Alemanha que tem qualidade, plano de jogo e intérpretes para se fazer ouvir durante um mês. Foi um 5-1 no jogo de arranque do Euro 2012, mas o pulmão germânico justificava mais.

Como sempre, os primeiros segundos serviram para se perceber ao que iam as duas equipas. Um 5x4x1 do lado dos escoceses, um 4x2x3x1 do lado contrário, quase sempre transformado num 3x2x5 quando a Alemanha tinha a bola. E esteve aí o cerne da questão – a Alemanha teve sempre a bola, foi a única equipa com ideias, iniciativa, paciência e um plano de jogo viável. Sim, porque se havia estratégia idealizada por Steve Clarke (para lá de fechar linhas de passe e afastar a bola para longe), foi por água abaixo mal o árbitro apitou.

Mesmo o mais optimista dos milhares de escoceses na bancada percebeu instantaneamente que seria uma questão de tempo. Quando muito, os britânicos poderiam aspirar a enervar o adversário tanto quanto possível, mas nem isso conseguiram. A construir a três, com Kroos a descair para o lado esquerdo de Jonathan Tah, a Alemanha beneficiava do facto de os escoceses terem decidido não pressionar o portador, provavelmente para não se exporem. Não resultou.

Ao contrário do que seria aceitável numa fase final de um Campeonato da Europa, os anfitriões nem precisaram de usar uma colher de sopa para escavar paulatinamente um túnel rumo à baliza de Angus Gunn. Foram lá com uma retroescavadora e resolveram o assunto: variação do centro do jogo, cruzamento de Kimmich para Wirtz aparecer no espaço, à entrada da área, e 1-0 logo aos 10'.

Até então a Escócia só conhecia o meio-campo contrário de ouvir falar e assim continuou (a excepção foi uma incursão pela esquerda, por Robertson, com um passe na profun-

Os jogadores alemães festejaram cinco vezes contra a Escócia e mostraram que devem mesmo contar com eles como candidatos à conquista do Europeu

73%

de posse de bola foi quanto teve a Alemanha no jogo de estreia do Euro 2024, somando ainda 20 remates e 682 passes

didade que saiu pela linha final). Com um jogo posicional competente, que passou por colocar Gundogan, claro, mas também Wirtz, Havertz e Musiala entre linhas, com os laterais a assegurarem a largura, a Alemanha pôs e dispôs do adversário.

Mesmo sem acelerar processos, chegou ao 2-0 com naturalidade, com a bola a passar por Gundogan e Havertz antes da definição de classe de Jamal Musiala (19'), já na área. Depois cobiçou um primeiro penálti por falta sobre o jovem atacante do Bayern (que o VAR ajudou a transformar em livre directo), mas chegou mesmo ao 3-0 em cima do intervalo, então, sim, num penálti de Havertz a castigar uma entrada indescritível de Porteous (expulso) sobre Gundogan. Ao intervalo, a questão estava arrumada. Faltava saber em que estado acabaria a Escócia no fim da festa.

Vinte minutos antes da partida, desenrolou-se no relvado uma cerimónia de abertura multicolorida que celebrou a convergência, o respeito e a diversidade. Mas esses princípios, futebolisticamente falando, terão de ficar para outros jogos, porque este corre bem o risco de ter sido o encontro mais monocromático e unidimensional do torneio.

Os dois seleccionadores aproveitaram o tempo de descanso para uma alteração: Julian Nagelsmann preservou Andrich, já com um amarelo, e lançou Pascal Gross no meio-campo; Steve Clarke foi obrigado a abdicar de um avançado, Che Adams, para recompor a defesa com Grant Hanley e passar a organizar-se em 5x4.

Manter a estratégia de sobrevivência era o máximo a que a Escócia podia aspirar e a verdade é que ainda travou o quarto golo durante mais de 20 minutos, antes de Niclas Füllkrug, acabado de entrar, testar a tensão da rede da baliza de Gunn com um disparo que atingiu os 110km/h.

Deu para tudo, de facto. Para assegurar ovações a Thomas Müller (entrou) e Toni Kroos (saiu), para terminar com mais de 70% de posse de bola, para chegar ao 5-1, por outro suplente utilizado (Emre Can) e quase dava para fechar o jogo sem nenhum remate permitido. Mas a Escócia fez bom uso da única tentativa, numa bola parada com cabeceamento de Scott McKenna e desvio de Rudiger (88'). Nada mau em matéria de eficácia, mas insuficiente para competir com um rival como a Alemanha.

Para uma selecção que, como organizadora do torneio, esteve em pousio competitivo durante meses a fio e deixou algo a desejar em diferentes momentos da preparação, a Alemanha mostrou atributos. E aquele primeiro golo de Wirtz, apenas três minutos depois de Philipp Lahm ter marcado à Costa Rica o golo inaugural do Mundial de 2006, pode bem ter sido o catalisador para uma repetição do conto de fadas de Verão que o país desportivo ainda recorda com nostalgia, o *Sommermärchen*.

5 ALEMANHA | **1 ESCÓCIA**

Jogo no Estádio Munique Arena, em Munique.

Alemanha Neuer; Mittelstadt, Rudiger, Tah ●64'; Andrich ●31' (Gross, 46'), Kimmich, Kroos (Can, 80'), Gundogan, Musiala (Müller, 73'), Wirtz (Sané, 63')e Havertz (Fullkrug, 63'). **Treinador** J. Nagelsmann.

Escócia Gunn; Ralston ●54', Porteous ●45', Hendry, Tierney (McKenna, 77'), Robertson; McTominay, Christie (Shankland, 84'), McGregor (McLean, 71'), McGinn (Gilmour, 71'); Adams. **Treinador** S. Clarke.

Árbitro Clément Turpin (França)
VAR Jérôme Brisard (França)

Golos 1-0, Musiala (11'), 2-0, Musiala (19'), 3-0 Havertz g.p. (45'+1'), 4-0 Fullkrug (68'), 4-1 Rudiger p.b. (87'), 5-1 Can (90'+3')

Positivo/Negativo

(+) **Musiala e Wirtz**
Têm ambos 21 anos, foram duas das figuras da Bundesliga 2023-24 e dinamitaram por completo a organização defensiva da Escócia. Musiala, com movimentos de ruptura constantes; Wirtz com poder de fogo e tremenda mobilidade entre linhas. Ah, e marcaram, claro.

Julian Nagelsmann
Conhecendo as fragilidades do adversário, foi sagaz nas zonas onde decidiu pressionar e retirou à Escócia tempo para elaborar. O ideário, de jogo posicional apurado, é de uma equipa autoritária, mas resta saber que efeitos terá diante de rivais de outro calibre.

(−) **Ryan Porteous**
O central do Watford acabou por ser mais uma vítima da incapacidade da Escócia de ter bola e da avalanche ofensiva provocada pela Alemanha. Mas aquela entrada descabida deixou Gundogan em risco e a equipa em posição ainda mais delicada, com 45 minutos em inferioridade.

Grupo B

Espanha e Croácia vão tratar bem a bola. Depois, logo se vê

Diogo Cardoso Oliveira

Para ganhar um jogo de futebol não é preciso fazer muito. Basta usar partes do corpo legais para empurrar a bola, fazendo-a entrar na baliza adversária. Depois, é só impedir o adversário de fazer o mesmo. Simples. Assim sendo, há uma conclusão óbvia: é que num jogo de futebol o mais importante é ter a bola – só assim é possível marcar um golo e só assim é garantido que o adversário não marca. Por extensão, quem mais tempo a tiver maior probabilidade tem de ganhar.

Além de um Manchester City-Barcelona, talvez nenhum jogo do futebol europeu provoque tanto uma luta pela posse de bola como um Espanha-Croácia.

No futebol espanhol tem sido enraizada a cultura do amor pela bola. Tratá-la bem, afagá-la, democratizá-la pela equipa, ser paciente com ela e obrigar o adversário a viver sem ela. Se isso significar passar muito tempo sem ser vertical, objectivo e acutilante, que seja. O importante é encontrar as soluções certas – e não há pressa para lá chegar.

Do outro lado, a Croácia pode não o fazer como cultura, mas fá-lo por influência individual de uma geração. Uma equipa que tem um meio-campo com Brozovic, Kovacic e Modric – mais gente como Gvardiol, Pasalic, Majer ou Sucic – não tem muito por onde inventar. Tem de tratar bem a bola e usá-la como deve ser.

Basta ver a forma como, frente a Portugal, a equipa croata nem sempre fez questão de ter a bola, mas, quando a teve, colocou os jogadores portugueses a correr atrás dela. No fundo, os croatas mostram uma perigosa mistura entre posse de bola e verticalidade. É por isso que este confronto de semelhanças, entre ibéricos e balcânicos, pode ser bastante rico ou bastante sonolento – depende, em primeira instância, do comportamento croata no jogo.

Um "pinheiro"

Para a Croácia há uma pressão especial neste grupo, já que pode bem ser a última grande competição desta geração. Modric tem 38 anos, Brozovic tem 31 e Kovacic tem 30. Juntos, dificilmente farão outra.

E, desta vez, nem podem queixar-se da falta de um goleador. Ante Budimir lembrou-se, aos 31 anos, de que tem em si um finalizador de classe. Budimir tem um pé direito "cego" – marcou apenas um golo dessa forma –, e é um exemplar bastante bom do famoso conceito de "pinheiro" celebrizado em Portugal por Paulo Sérgio quando treinava o Sporting.

Espanha
Croácia
17h00 RTP1

É o avançado ideal para ser servido pelos craques do meio-campo? Ou eles precisavam de alguém mais dotado tecnicamente e menos unidimensional? A resposta não é óbvia.

O que é óbvio é que, pelo menos, já há alguém que faça golos nesta equipa e nisso o economista Budimir, que tem orgulho de o ser, não tem economizado nada, com 18 golos pelo Osasuna na Liga espanhola. Budimir é, por isso, um conhecido dos espanhóis. A equipa de Luís de la Fuente chega a este Europeu numa boa fase.

Nacho, o "amigo improvável"

Primeiro, porque decidiu que os particulares pré-Europeu seriam para ganhar confiança, escolhendo defrontar Andorra e Irlanda do Norte – ofereceu cinco golos a cada uma. Depois, porque antes disso tinha "limpado" a qualificação com sete vitórias em oito jogos. E o facto de não ter ninguém sequer no top 15 dos melhores marcadores da qualificação mostra o que é, por estes dias, esta equipa.

O golo, tal como a bola, é muito democratizado nesta equipa, que teve alguns de Morata, outros tantos de Joselu, mais uns de Ferrán e ainda uns pares deles de Lamal e Olmo.

Não havendo um ponta-de-lança de primeira água, como foram Raúl ou Torres, a equipa tem de encontrar soluções e, mesmo indo à Alemanha sem Gavi, tem jovens talentos já com alguma rodagem, como Olmo, Lamal, Williams ou Pedri, aos quais junta "velhas raposas" como Carvajal, Morata, Rodri, Navas ou Nacho, que tem feito ouvir o seu silêncio.

Como já se contou por aqui a propósito da sexta Champions do Real Madrid, Nacho acha que o hino da Champions é amigo do Real Madrid, porque a prova lhes corre bem. Mas quando se tem um "amigo" como Nacho, mesmo que aparentemente menos talentoso, talvez fique mais fácil. E Espanha pode bem ter condições de o provar.

RODRIGO ANTUNES/LUSA

Ante Budimir, o homem-golo da selecção da Croácia

Grupo B

O campeão entra em campo no “grupo da morte”

Marco Vaza

Itália abre defesa do título ganho em 2020 frente a uma Albânia que se habituou rapidamente ao seu treinador brasileiro

Não foram muitos os campeões europeus que foram felizes a defender o seu estatuto. Na verdade, foi apenas um, a Espanha campeã de 2008, que deu seguimento a essa conquista com o Euro 2012 (e com o Mundial de 2010 pelo meio). Será que a Itália vai conseguir ser a outra excepção? Ou vai ser mais um campeão que desilude? A partir de hoje, saberemos como se apresenta esta renovada “*squadra azzurra*” no Euro 2024, em Dortmund, frente à Albânia de Sylvinho, em jogo a contar para a primeira jornada do Grupo B.

Itália
Albânia
20h00 SPTV1

Muita coisa mudou desde 2021 nesta “*squadra azzurra*”, a começar no treinador. Roberto Mancini, o técnico campeão, trocou a selecção italiana pela selecção da Arábia Saudita e foi chamado de emergência Luciano Spaletti, que, depois de um ano intenso a conquistar o *scudetto* com o Nápoles, teve de adiar os seus planos de ano sabático a descansar na sua quinta na Toscana e a gerir o seu alojamento local.

O que lhe pediam não era coisa pouca: recuperar os “*azzurri*” para a vida. E o início não foi animador – empate com a Macedónia do Norte, a mesma selecção que os tinha eliminado no apuramento para o Mundial 2022. Mas Spaletti, com alguns sustos pelo meio, lá conseguiu conduzir a campeã até ao Europeu e, pelo caminho, operar uma inevitável renovação.

Dos 26 jogadores do Euro 2020 restam apenas nove em 2024 – Donnarumma, Meret, Di Lorenzo, Bastoni, Jorginho, Chiesa, Cristante, Barella e Raspadori – e metade da equipa (13) tem menos de 15 internacionalizações.

A perda de estatuto recente no futebol internacional deixou a Itália à mercê de um grupo complicado e foi o que aconteceu, naquele que é considerado o “grupo da morte” no torneio, com Espanha e Croácia, para além da Albânia, que não será um adversário simpático para ninguém.

“Grupo da morte”? Spaletti não tem medo. Para ele, é um sonho estar no Europeu e sentir o peso de uma nação que ferve com o futebol.

“Estamos a viver o sonho de todos os italianos que, quando eram crianças, saíam de casa com a bola debaixo do braço e voltavam a casa à noite, cansados, suados e com os joelhos esfolados. Somos heróis, gigantes, o que quer dizer que não sentimos a pressão de usar esta camisola. Os gigantes e os heróis não têm medo de jogar um jogo”, reforçou o técnico italiano.

Com 11 presenças, a Itália é a quarta selecção entre as que mais vezes estiveram na fase final de um Europeu de futebol e uma das que já conquistaram dois títulos (1968 e 2020).

A Albânia está quase no pólo oposto em termos de currículo no futebol continental, sendo esta apenas a sua segunda participação – em 2016 até chegou a ganhar um jogo (1-0 à Roménia) e só não se qualificou para os oitavos-de-final pela diferença de golos.

O seleccionador já não é o mesmo – saiu o italiano Gianni di Biasi, entrou o brasileiro Sylvinho, antigo lateral do Barcelona. Mas a conexão italiana mantém-se: dez dos 26 convocados actuam no “*calcio*”.

Muito do trabalho feito na selecção albanesa nos últimos anos foi de prospecção na diáspora e esse trabalho está bem presente entre os convocados de Sylvinho. Oito dos 26 nasceram em território albanês, os outros vêm de oito países diferentes. Muitos vêm de países que foram de acolhimento para refugiados, como a Suíça, e de países que estão umbilicalmente ligados à Albânia (Macedónia, Kosovo), mas também há quem tenha nascido na Alemanha, Grécia, Inglaterra e Espanha.

Para a Albânia, este será ainda mais o “grupo da morte”, mas não se pense que não há talento nesta equipa – e não esquecer que há uma pequena conexão portuguesa nesta selecção, Enea Mihaj, central do Famalicão, e Ivan Baliu, ex-lateral do Arouca. Armando Broja, jogador ligado ao Chelsea, é uma torre de 1,93m com escola do futebol inglês, Rey Manaj, do Sivasspor, é um avançado com golo, Berisha é um guarda-redes com muita experiência de futebol italiano, tal como Djimsiti, central da Atalanta e capitão de equipa.

Sylvinho, que será o segundo treinador brasileiro num Europeu depois de Luiz Felipe Scolari com Portugal em 2004 e 2008, também não tem medo do “grupo da morte”. “Crescemos muito e temos de aprender muito”, dizia há poucos dias o treinador brasileiro, “mas o futebol é uma loucura, tudo pode acontecer.”

Estamos a viver o sonho de todos os italianos que, quando eram crianças, saíam de casa com a bola debaixo do braço e voltavam a casa à noite, cansados, suados e com os joelhos esfolados

Luciano Spaletti
Seleccionador da Itália

Crescemos muito e temos de aprender muito, mas o futebol é uma loucura, tudo pode acontecer

Sylvinho
Seleccionador da Albânia

Escute o podcast do PÚBLICO “O pé direito de Éder” sobre o Euro 2024

DANIEL DAL ZENNARO/EPA

Treino da selecção da Itália, que começa hoje, contra a Albânia, a defesa do título europeu de futebol

Breves

Jogadores recusam aumentos por elas

A selecção masculina de futebol da Dinamarca recusou ontem um aumento salarial para garantir igualdade de condições laborais com a selecção feminina. O novo acordo entre a federação e a selecção entra em efeito após o Euro 2024 e durará até 2028, com os internacionais masculinos e femininos a receberem o mesmo por representarem o seu país. Osjogadores dinamarqueses aceitaram ainda reduzir em 15% a cobertura do seguro para que a das mulheres suba em 50%. “É um passo extraordinário para ajudar a melhorar as condições das selecções femininas”, declarou o director do sindicato de jogadores dinamarquês, Michael Sahl Hansen, citado em comunicado da FIFPro.

Adeptos detidos no hotel da selecção

Dois adeptos foram detidos na noite de quinta-feira após invadirem o centro desportivo do hotel onde se encontra a selecção portuguesa de futebol, em Marienfeld, quartel-general para o Euro 2024, informaram ontem as autoridades locais. Em comunicado, a polícia de Gutersloh divulgou a detenção de dois jovens, de 21 anos, que, por volta das 22h40 locais (21h40 em Lisboa), invadiram o hotel, dirigindo-se para a zona reservada onde está instalada a selecção lusa. Os dois jovens detidos vão agora responder por invasão de propriedade privada. A selecção portuguesa chegou na quinta-feira a Marienfeld, sendo recebida em euforia por cerca de 5000 adeptos. Portugal fará a sua estreia no Euro na terça-feira, frente à República Checa.

Grupo A

A selecção da Hungria vs. a Hungria de Orbán

Iliberal, extremista, radical – todas estas palavras já foram usadas para descrever Viktor Orbán, primeiro-ministro húngaro, e a sua visão da política externa. No entanto, apesar de abertamente anti-imigração, o político parece fechar os olhos quando se trata da selecção nacional húngara. Desde 2010, data da reeleição de Orbán, a Hungria vive numa bolha de discursos de extrema-direita e a homogeneidade étnica não é um desejo escondido. Mas, hoje, uma selecção húngara não exclusivamente composta por nativos húngaros, estreia-se contra a Suíça no Euro 2024.

Hungria
Suíça
14h00 SPTV1

Em 2022, Orbán disse ter saudades de uma "Hungria étnica e racialmente pura". E Márton Dárdai ou Willi Orbán, nascidos na Alemanha? No mesmo discurso, demonstrou a vontade de ter uma Hungria composta por "cristãos brancos". Mas como fica Loïc Négo?

Nenhum dos jogadores nascidos no estrangeiro fala húngaro e, nos últimos anos, têm sido convocados para a selecção atletas nascidos no Brasil, Nigéria e África do Sul. Estes casos não são os únicos do plantel que deixam a descoberto a incoerência do discurso nacionalista radical. Afinal, se não houvesse margem para alguma flexibilidade integracionista, quem seria o seleccionador da Hungria? Certamente não o italiano Marco Rossi, adorado por estes dias pelos adeptos da selecção magiar.

Está comprovado que a lógica impermeável à imigração não se aplica ao futebol, mas nem por isso Orbán mostra vergonha. "Hoje temos uma equipa que entra em jogo com a possibilidade de ganhar a qualquer um", disse ao jornal húngaro *Blikk*, em Maio, cheio de orgulho.

Apesar de efusivo na sua ideologia radical, Orbán também é efusivamente um fã de futebol. O *The Guardian* afirma que o político, que foi jogador semiprofissional, marca reuniões políticas em função dos jogos (evita reuniões quando coincidem com estes e vice-versa) e é altamente provável que esteja presente em todas as partidas da Hungria no Euro 2024.

O primeiro-ministro húngaro olha para o sucesso futebolístico como uma forma de projectar o sucesso da nação e, na verdade, tem tido algum. A Hungria apurou-se para o Euro 2024 em primeiro lugar do seu grupo de qualificação, pela primeira vez na história. E, nos últimos 20 jogos, teve apenas duas derrotas, derrotando selecções teoricamente mais poderosas como a Alemanha e a Inglaterra.

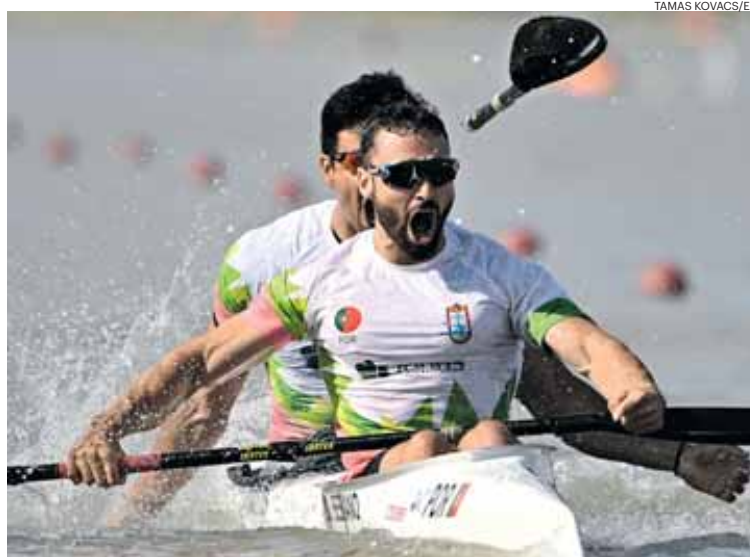
O grande investimento no futebol já conferiu reconhecimento internacional à Hungria. A UEFA decidiu que a final da Liga dos Campeões de 2025/2026 será no Arena Puskas, em Budapeste, um estádio novo, financiado pelo Estado húngaro em 590 milhões de euros. Mas este valor é só a ponta do icebergue dos investimentos de Orbán no futebol.

O *NY Times* estima que, desde que Orbán foi reeleito, 2,6 mil milhões de euros em fundos públicos na Hungria foram canalizados para a renovação de estádios e instalações de treino no país. A oposição já o acusou de gastar mais no desenvolvimento de jovens futebolistas do que em professores, mas isso não parece incomodá-lo.

Janos Kele, jornalista húngaro, citado pelo jornal norte-americano, confirmou que "o país está unido em torno da equipa, mas, a nível político, está polarizado em relação ao tema do futebol e à forma como o dinheiro foi investido". **Leonor Alhinho**

HUGO DELGADO/LUSA

Loïc Négo, internacional húngaro, negro, a jogar na selecção magiar

TAMAS KOVACS/EPA

Kevin Santos e Iago Bebiano após a vitória em K2 200 nos Europeus

Duas medalhas em duas finais para Portugal nos Europeus

A comitiva nacional teve um dia de festa no Campeonato da Europa de canoagem com um ouro e uma prata ganhas

"Não podia estar mais satisfeito com o pódio", declarou Iago Bebiano em Szeged, na Hungria, pouco depois de ter ganho a medalha de ouro em K2 200 metros ao lado de Kevin Santos. A vitória na final desta distância olímpica foi o momento mais alto do dia de ontem para Portugal e surgiu pouco depois de Fernando Pimenta, em K1 500 ter chegado à medalha de prata.

"Acordámos às 5h30 para preparar a meia-final de K4 500, em que falhámos a final por um lugar. Um momento triste, mas tivemos de manter a cabeça fria e de nos focar nesta prova. Não podia ter sido melhor resultado, não posso estar mais satisfeito", assumiu o algarvio que se estreou em europeus seniores, considerando a conquista do ouro o tónico ideal para sonharem com Los Angeles 2028.

A largar na central pista cinco, a dupla, que esteve quase sempre na frente, cumpriu a regata em 31,580 segundos, deixando os polacos Jakub Stepun e Przemyslaw Korsak, segundos, a 0,317 segundos, com os húngaros Levente Kurucz e Mark Opavszky em terceiro, a 0,433s.

Já o técnico Rui Fernandes "sabia perfeitamente" que a dupla podia chegar na "zona de pódio" numa regata "muito rápida e sem margem de erro", elogiando a "perfeição" do se desempenho "com liderança do princípio ao fim".

"Temos o Pimenta, que todos conhecem, o João Ribeiro e o Messias Baptista, também campeões do mundo, num patamar muito acima. Mas nestes Europeus trouxemos mais quatro jovens num processo de renovação para que no futuro dependamos menos destes elementos, reforçando assim as opções a formação sénior", explicou Rui Fernandes.

Mais uma entre muitas

Momentos antes, Fernando Pimenta tinha ganho a medalha de prata na prova de K1 500 metros, repetindo o segundo lugar de 2023.

O duplo medalhado olímpico português atingiu o pódio ao concluir o seu desempenho em 1m38,222s, atrás do húngaro Ádám Varga (1m36,962s), campeão europeu na distância em 2023 e vice-campeão olímpico em Tóquio 2020 nos 1000 metros, em que Pimenta foi bronze. O austríaco Timon Maurer ficou no terceiro lugar. Esta foi a 143.ª medalha do limiano, registo que pode reforçar amanhã nas finais de K1 1000 e 5000 metros.

Já Vítor Félix, presidente da Federação Portuguesa de Canoagem (FPC), confessou o seu contentamento com o "pleno de medalhas" conseguido por Portugal. "Fizemos o pleno com duas medalhas em duas finais. Com o incontornável Pimenta, o melhor atleta português de sempre, há cerca de 15 anos permanentemente em posições de pódio e com a agradável surpresa do K2 200, do Iago Bebiano e Kevin Santos, atletas muito jovens e que são aposta para o próximo ciclo olímpico", elogiou o dirigente. **Lusa**

Auditoria: SAD do Benfica não foi lesada mas faltou transparência

Miguel Dantas

"Não identificámos nenhuma situação ou particularidade em que a SAD do Benfica tenha sido lesada por qualquer um dos seus representantes." Foi conhecido ontem o veredicto da auditoria forense prometida pelo presidente do Benfica, Rui Costa, após a *Operação Cartão Vermelho*, investigação que levou à detenção e demissão do agora ex-presidente do Benfica Luís Filipe Vieira. A consultora EY analisou transferências de jogadores e relações com agentes num período entre 2008 e 2022.

Apesar de o relatório com 208 páginas, a que o PÚBLICO teve acesso, não apontar para suspeitas de favorecimento ilícito de qualquer dirigente investigado, há alguns indicadores sobre práticas que o Benfica deve melhorar. Uma destas prende-se com o facto de as "águias" terem desembolsado comissões acima dos *guidelines* da FIFA em 71% das 51 transacções analisadas. A FIFA recomenda que os clubes não paguem mais de 3% da remuneração bruta, mas em 44% dos casos, o clube da Luz ultrapassou os 10% do valor da transferência.

Outra das preocupações referidas na auditoria prende-se com o facto de, em 15 negócios, não ter sido possível apurar "a estrutura accionista completa" das entidades com que o Benfica estabeleceu relação. Há ainda dez negócios em que foi estabelecida uma relação com empresas sediadas em paraísos fiscais.

Quanto às assinaturas nos contratos analisados, em alguns casos, apenas estava presente a assinatura de um único membro do conselho de administração, algo que contraria os próprios estatutos da Benfica SAD, que exigem pelo menos duas.

Da análise feita aos 57 negócios, a EY diz que o balanço contabilístico é claramente positivo para os cofres da Benfica SAD, afastando a hipótese de as "águias" terem sido lesadas.

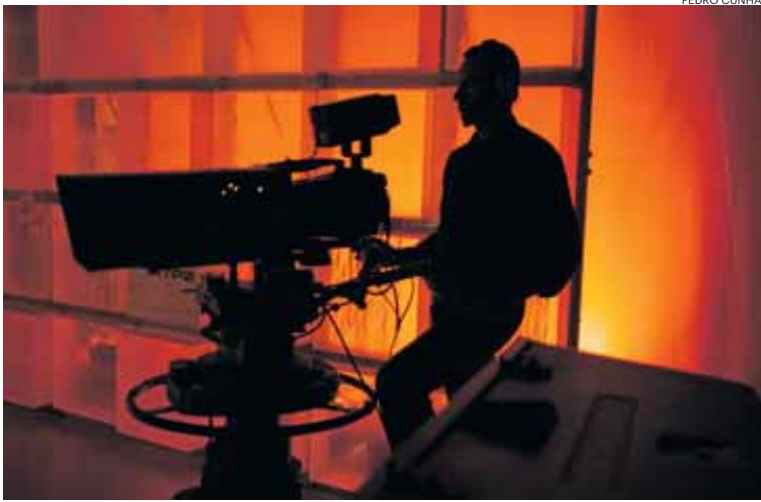
Rui Costa

BARTOON LUÍS AFONSO

Canal Now: os políticos como estrelas e como conselheiros

O respeitinho não é bonito

João Miguel Tavares

Antigamente, os políticos tinham espaços de comentário na comunicação social desde que não estivessem na política activa. Depois, passaram a ter espaços de comentário mesmo estando na política activa – que suspendiam em tempos de campanha eleitoral. Com a eleição do comentador Marcelo, o conceito de político activo e inactivo tornou-se cada vez mais fluido, e nas últimas legislativas tivemos Marques Mendes e Paulo Portas a fazer campanha pela AD durante a semana e a comentar em canal aberto ao fim-de-semana. De seguida, vimos o jornalista Sebastião Bugalho saltar directamente dos estúdios da SIC para cabeça de lista da AD – não me espantaria que um dia destes regressasse como comentador e eurodeputado.

PEDRO CUNHA

E quando a galopante promiscuidade entre jornalismo, comentário e política parecia ter atingido o seu zénite, eis que surge o novo canal de informação Now (estreia segunda-feira), onde as estrelas já não são os jornalistas, mas os políticos-comentadores. São eles que dominam as notícias sobre o canal. Mais: os seus responsáveis chamam-lhes "senadores", e decidiram convidá-los a integrar um órgão consultivo da direcção do Now baptizado como "Conselho do Estado".

Não estou a gozar. Cito o director-geral editorial Carlos Rodrigues: "Figuras como António Costa, Rui Rio, Graça Freitas, Pedro Santana Lopes, Fernando Medina ou o cardeal Américo Aguiar aceitaram fazer parte de um grupo de reflexão que, além de fazer televisão, acompanhará a direcção nas decisões estratégicas do canal." Deixem-me sublinhar estas quatro últimas palavras: "decisões estratégicas do canal".

As profissões de jornalista e político nunca deixarão de ser divergentes, conflituosas e incompatíveis

Para que não restem dúvidas sobre a existência do "Conselho do Estado", o *Correio da Manhã* – pertencente ao mesmo grupo do Now - acompanhou a sua intensa actividade, oferecendo-nos uma fotografia do director Carlos Rodrigues à mesa com António Costa, Pedro Santana Lopes ou Luís Paixão Martins. Ou seja, em plena "reflexão estratégica" acerca do rumo do jornalismo do Now com um ex-primeiro-ministro, um presidente da câmara e o grande guru português do marketing político.

Eu escrevi no *Correio da Manhã* durante alguns anos e sempre defendi o papel dos tablóides. É um jornalismo dado a excessos e a populismos (ainda há dias Bárbara Reis escreveu sobre isso), mas que mostra o Portugal que fica à direita da A1 e tem uma agressividade na busca da notícia que, nos dias bons, consegue incomodar mais o poder do que muito jornalismo de referência. Não faço ideia do que vai ser o novo Now. Acho improvável que uma mesma direcção editorial consiga fazer em simultâneo um canal popular e um canal elitista, mas pode ser que aconteça um milagre.

Agora, há certos tipos de milagre nos quais não acredito: as profissões de jornalista e de político nunca deixarão de ser divergentes, conflituosas e incompatíveis enquanto o trabalho dos primeiros for vigiar a acção dos segundos. Convidar políticos para conselheiros de um canal de notícias faz tanto sentido quanto convidar directores de jornais para o Conselho de Ministros.

O grupo Medialivre comprou, em Novembro, a Cofina Media por 56,8 milhões de euros, num MBO (*management buy out*) em consórcio com Cristiano Ronaldo. É sintomático que a primeira grande decisão estratégica dos antigos quadros da casa, que certamente se endividaram para ficar com a empresa, tenha sido criar um novo canal cheio de políticos e "senadores". Outro milagre em que não acredito: que Portugal deixe de ser aquilo que é.

Colunista

jmtavares@outlook.com